



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES
RELIGIÃO, CULTURA E SISTEMAS SIMBÓLICOS

DIÓGENES FAUSTINO DO NASCIMENTO

O IMAGINÁRIO DA LIBERTAÇÃO PELA CARIDADE
Ibiapina e as Missões de Santa Fé na Paraíba

JOÃO PESSOA - PARAÍBA
2017

DIÓGENES FAUSTINO DO NASCIMENTO

**O IMAGINÁRIO DA LIBERTAÇÃO PELA CARIDADE
Ibiapina e as Missões de Santa Fé na Paraíba**

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM
CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES NA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
(UFPB), COMO REQUISITO PARA A
QUALIFICAÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM
CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES NA ÁREA
TEMÁTICA: **RELIGIÃO, CULTURA E
SISTEMAS SIMBÓLICOS.**

ORIENTADOR: PROF DR. CARLOS ANDRÉ
MACEDO CAVALCANTI.

JOÃO PESSOA

2017

Catálogo na publicação
Setor de Catalogação e Classificação

N244i

Nascimento, Diógenes Faustino do.

O imaginário da libertação pela caridade: Ibiapina e as missões de santa fé na Paraíba / Diógenes Faustino do Nascimento. - João Pessoa, 2017.

112 f. : il.

Orientador: Prof. Carlos André Macedo Cavalcanti.
Dissertação (Mestrado) – UFPB/CE

1. Religiosidade popular. 2. Caridade cristã. 3. Padre Ibiapina. I. Título.

UFPB/BC

CDU – 2-853(043)

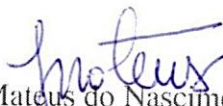
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

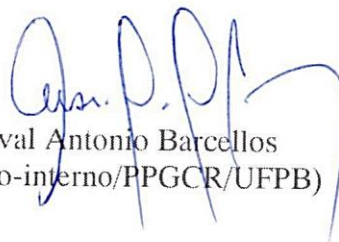
*"O IMAGINÁRIO DA LIBERTRAÇÃO PELA CARIDADE: IBIAPINA E A MISSÃO DE
SANTA FÉ NA PARAÍBA"*

Diógenes Faustino do Nascimento

Dissertação apresentada à banca examinadora constituída pelos seguintes professores:


Carlos André Macedo Cavalcanti
(orientador/PPGCR/UFPB)


José Mateus do Nascimento
(membro-externo/IFRN)


Lusival Antonio Barcellos
(membro-interno/PPGCR/UFPB)

Aprovada em 31 de julho de 2017.

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação aos meus pais, tutores da minha História, da minha vida. A quem coube a missão de registrar meus contos em lugares que jamais serão apagados, lugares este que os “vencedores da história” não conseguirão apagar.

A meu filho, Gabriel Caeli Silva Nascimento, razão pela qual me levanto todos os dias para combater o “bom combate” e registrar nos anais da História da vida uma nova página de conquistas.

Aos meus amigos e minhas amigas, que no dia a dia foram verdadeiros irmãos e irmãs.

Aos meus “Mestres” e minhas “Mestras” que ofereceram o melhor de si para que eu pudesse me tornar Cidadão da Nouvelle Histoire.

Em memória do padre Ibiapina.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus amigos e amigas, aos antigos e aos conquistados durante essa caminhada. Cada um tem colaborado imensamente. E na pessoa de Jorge da Costa e Glício Freire, novos irmãos espirituais, sintam-se todos agradecidos.

Aos meus pais, Maria José Faustino do Nascimento e Domingos Alves do Nascimento. Uma lavadeira e um pedreiro de obras, retirantes do agreste nordestino que buscavam na capital o sustento para suas vidas e de seus filhos. Hoje, depois de tantas latas d'água, de tanto lavar roupa de ganho, de tanto sangue derramado nas obras de pedra e cal, se alegram em ver-me galgando o título de Mestre em Ciências das Religiões. Aos meus pais todo o agradecimento será insuficiente. Só posso dizer que trarei comigo toda nossa história com muito orgulho e zelo.

Aos Profs. Dr. Aldér Júlio Ferreira Calado e Dr. Luiz Carlos Luz Marques por suas preciosas colaborações e estímulo.

Aos demais pesquisadores e editores da vida e obras do padre Ibiapina.

Ao padre Gaspar Rafael Nunes Costa (vice reitor do Santuário Santa Fé) e ao padre José Floren (reitor do Santuário Santa Fé) pelas colaborações, pelos relatos seus e da socialização das informações, pela excelente acolhida a esse pesquisador e ao tema pesquisado.

Aos meus mestres, Prof^a Dra Ivanice Frazão de Lima e Costa e ao Prof. Dr. Carlos André de Macedo Cavalcanti, que ao longo dessa longa jornada foram imprescindíveis. A Regina (minha professora de geografia no oitavo ano do ensino fundamental na Escola José Guedes Cavalcanti em Cabedelo-Pb.) que com sua candura me ensinou a gostar de estudar e ter interesse por uma carreira profissional. Pensar em educação, em sucesso e profissionalismo há de se sonhar com essas três medalhas de ouro da educação paraibana.

A Universidade Federal da Paraíba, que por intermédio do PPGCR acolheu este projeto e ofertou os meios econômicos e humanos necessários para sua efetivação.

Estudar religião é perceber racionalmente as manifestações e imanências do Sagrado no cotidiano da sociedade secularizada e sistematizar tal revelação em um aparato científico mesmo que o objeto pesquisado seja incompreensível e indizível.

(Hermann, Jacqueline. História das religiões e religiosidades. 1997, p. 336).

RESUMO

Ibiapina suscitou uma nova práxi religiosa de resgate e promoção da dignidade e da valorização das experiências humanas por intermédio das Casas de Caridade e das demais obras missionárias desenvolvidas nas províncias da Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Ceará e Alagoas entre os anos de 1856 e 1883. Estabelece assim, uma nova cultura religiosa que influenciará um novo cristianismo na América Latina, especificamente no Brasil por meio das obras e missões que realizou; o ambiente ideal para apresentarmos o fenômeno religioso como um elemento cultural e desalienante contrastando com o ambiente político pré-republicano e subservientemente romanizado, e assim demonstrar que seus princípios permanecem e são atualizados gerando seguidores que fomentam novas práticas cristianizantes para a contemporaneidade por meio da promoção da caridade. Essa pesquisa foi desenvolvida por meio da observação participante e etnográfica no Santuário Ibiapina Santa Fé - Arara - Paraíba, da exploração bibliográfica e documental. Por meio das obras de caridade promoveu a libertação dos mais pobres e marginalizados do seu tempo e assim consideramos que o padre José Antônio de Maria Ibiapina foi o indutor de um novo cristianismo católico no nordeste brasileiro, fomentado por meio dos seus sermões, máximas espirituais, obras missionárias e por uma prática catequética renovada inserida nas reais necessidades do povo mais necessitado.

Palavras Chave: PADRE IBIAPINA. RELIGIOSIDADE POPULAR. CRISTIANISMO. CARIDADE CRISTÃ.

ABSTRACT

Ibiapina raised a new religious praxis for the rescue and promotion of the dignity and valorization of human experiences through the Houses of Charity and other missionary works developed in the provinces of Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Ceará and Alagoas between the years of 1856 and 1883. It establishes, therefore, a new religious culture that will influence a new Christianity in Latin America, specifically in Brazil through the works and missions that realized; the ideal environment to present the religious phenomenon as a cultural and disaffecting element contrasting with the pre-republican political environment and subserviently Romanized, and thus demonstrate that its principles remain and are updated generating followers who foment new Christian practices for the contemporary through the promotion of charity. This research was developed through participant and ethnographic observation in the Ibiapina Santa Fe - Arara - Paraíba Sanctuary, from bibliographical and documentary exploration. Through charitable works he promoted the liberation of the poorest and most marginalized of his time and so we consider that the priest Jose Antonio de Maria Ibiapina was the inducer of a new Catholic Christianity in the northeast of Brazil, fomented through his sermons, spiritual maxims, missionary works and by a renewed catechetical practice inserted in the real needs of the most needy people.

Key words: PADRE IBIAPINA. POPULAR RELIGIOUSITY. CHRISTIANITY. CHRISTIAN CHARITY.

SIGLAS E ABREVIATURAS

AL	América Latina
CC	Casas de Caridade fundadas pelo padre Ibiapina
MFRAC	Missionários da Fraternidade Cristã.
RIC	Revista do Instituto do Ceará
TL	Teologia da Libertação
VRC	A Voz da Religião no Cariri

ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - PADRE IBIAPINA	16
Figura 2 - TÚMULO DO PADRE IBIAPINA	19
Figura 3 - SEPULCRO DO PADRE IBIAPINA	20
Figura 4 – CASA DO PADRE IBIAPINA.	21
Figura 5 – TÉCNICA DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE (estátua do padre Ibiapina)	24
Figura 6 – OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	26
Figura 7 – PÓRTICO (PORTA SANTA)	32
Figura 8 – DEVOTIO MODERNA	33
Figura 9 – DEVOTOS E CAPELINHA DO PADRE IBIAPINA	34
Figura 10 – CULTURA ARCAICA	38
Figura 11 – ESTÁTUA EM GESSO DO PADRE IBIAPINA.....	42
Figura 12 – CASA DO PADRE IBIAPINA E CASA DOS MILAGRES	44
Figura 13 – PELEJA DO PILÃO	45
Figura 14 – FESTA RELIGIOSA (MISSA FESTIVA)	47
Figura 15 – FESTA RELIGIOSA	47
Figura 16 – POÇO DO SANTUÁRIO	51
Figura 17 – COMUNICAÇÃO COSMOGÔNICA	53
Figura 18 – PEREGRINOS	55
Figura 19 – ESPAÇO SANTO	57
Figura 20 – ESPAÇO SANTO (NOVENA)	57
Figura 21 – CRUCIFIXO DO SANTUÁRIO IBIAPINA SANTA FÉ	70
Figura 22 – CAMINHOS DE IBIAPINA (Guarabira a Solânea)	72
Figura 23 – CAMINHOS DE IBIAPINA 2017	73
Figura 24 – POTES COM ÁGUA	81
Figura 25 – CASA DOS MILAGRES	83
Figura 26 – CASA DOS MILAGRES (EX-VOTOS)	84
Figura 27 – RELÍQUIAS DO PADRE IBIAPINA	85

TABELAS

TABELA 1 – COMUNICAÇÃO COSMOGÔNICA	52
TABELA 2 – CAMINHOS DE IBIAPINA	74
TABELA 3 – OBRAS DAS MISSÕES	88

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
1.1 O PESQUISADOR E O OBJETO PESQUISADO	14
1.2 JOSÉ ANTÔNIO DE MARIA IBIAPINA: ADVOGADO, JUIZ, DEPUTADO E PADRE	16
1.3 METODOLOGIA: SITUAR, AVALIAR, VIVENCIAR E CONCEITUAR	22
2 RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE POPULAR NAS MISSÕES E CASAS DE CARIDADE DE IBIAPINA	29
2.1 CAMPOS EPISTEMOLÓGICOS DA RELIGIÃO: O QUE É RELIGIÃO? RELIGIÃO OU RELIGIOSIDADE?	30
2.2 RELIGIOSIDADE POPULAR	39
2.3 RELIGIOSIDADE POPULAR NAS CASAS DE CARIDADES E MISSÕES DO PADRE IBIAPINA	43
3 EXPRESSÕES LINGÜÍSTICAS E VISUAIS NA HISTORIOGRAFIA DO PADRE IBIAPINA	59
3.1 IBIAPINA POR SEUS EDITORES: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	59
3.1.1 Pereirinha	59
3.1.2 Uma vida cumprida a sol	63
3.1.3 O Educador do Nordeste	64
3.1.4 “Eu sou o Servo”	65
3.2 O PAPEL DA CONSTRUÇÃO HISTORIOGRÁFICA	66
3.3 OS CAMINHOS DE IBIAPINA.....	71
4 IBIAPINA E OS DILEMAS RELIGIOSOS DA CONTEMPORANEIDADE ...	76
4.1 RELAÇÕES DE PODER E FÉ NO BRASIL DO SÉCULO XIX	76
4.2 AS MISSÕES E AS CASAS DE CARIDADES COMO PRECURSORAS DOS DILEMAS RELIGIOSOS DO SÉCULO XXI	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95
GLOSSÁRIO	98
ANEXO A – Links para as imagens e vídeos da observação participante.....	100
ANEXO B – Vista aérea e Rotas do Santuário	101
ANEXO C – Encartes do padre José Comblin	103
ANEXO D – Estatuto das Casas de Caridade	105
ANEXO E – Encartes promocionais da devoção ao Padre Ibiapina	111

INTRODUÇÃO

1.1 O PESQUISADOR E O OBJETO PESQUISADO

Esta dissertação está inserida no contexto das CR's (Ciências das Religiões) por contribuir para o aprimoramento do conhecimento real da vivência humana. Ao fazer uso da antropologia, sociologia, da história, da filosofia, psicologia e das correntes de pesquisa do imaginário, demonstra sua preocupação em ofertar uma obra acadêmica embasada e elaborada nas égides do saber científico e sapiencial próprio dos que pesquisam e analisam o fenômeno religioso. A pluralidade de saberes presente na pesquisa, sobre o fenômeno religioso em torno da vida e obras do padre José Antônio de Maria Ibiapina, favorece uma compreensão epistemológica e analítica sobre o tema pesquisado. Embora a questão esteja sendo trabalhada e analisada exaustivamente, mesmo assim, permanece aberta à outras visões e perspectivas de abordagens sobre a temática. Demonstrando que esse é um conhecimento em construção permanente auxiliado e protagonizado interdisciplinarmente.

A partir de algumas abordagens pontuais oferecidas por outras disciplinas e conhecimentos que fazem parte do saber religioso, a saber: antropologia, sociologia, história, fenomenologia e relatos das experiências religiosas, elaboraremos uma obra científica sobre o fenômeno religioso e suas interações com o cotidiano social, político e religioso da época.

A principal questão na definição da temática desta dissertação esteve centrada na escolha de uma temática que atendesse aos interesses acadêmicos e ao mesmo tempo servisse de instrumento social para a vida de quem a lê, em especial ao povo mais simples, ao agente de religiosidade desprovido dos meios indispensáveis para uma vivência religiosa respeitosa e humanizada. E consequentemente colaborar para as práticas de convivência entre os diversos promotores de religiosidade, independente dos credos que professam ou do sagrado que cultuam. Ou seja, que colaborasse para a diversidade religiosa entre os povos.

Essa perspectiva começou a ser alcançada quando participei do III VideLicet: Encontro de Ciências e História das Religiões – 50 anos de Historiografia Inquisitorial, em dezembro de 2013. Em 2011 participei do lançamento do livro de Ernando Teixeira “A quem interessa Bom Sucesso? ”, nesse período estava concluindo a licenciatura em História e tal temática suscitou o tema do TCC. Foi a partir desse reencontro e de uma visita ao apartamento do amigo e editor Ernando Teixeira que passei a conhecer e a ter um contato bibliográfico com

a história e a importância do padre Ibiapina para o cristianismo católico e para a eclesiologia da Paraíba e do Nordeste.

Quando comecei a preparar o pré projeto para a seleção do mestrado em 2014 recordei que o padre Ibiapina e eu já havíamos sido apresentados bem antes, em 1998. Na ocasião passei uns quinze dias no Casarão em Santa Fé. Tive a oportunidade de conhecer sua obra, sua missão e recebi o convite para ser colaborador e ajudar a reestabelecer os vínculos com a comunidade na administração da Casa de Caridade. O convite partiu da irmã Glória Praxedes. Fazíamos parte do MFRAC¹. Recém saído do Seminário, buscava um novo horizonte a seguir. Mas achei que aquela missão ainda não era para mim.

Quando fui seminarista, adepto da Teologia da Libertação, trabalhei muitos anos com os moradores de (e) na rua da grande João Pessoa em um movimento cristão aberto a todas manifestações religiosas - MFRAC. Enquanto seminarista, além do MFRAC, participei das atividades pastorais aos moldes arquidiocesano juntos aos presidiários e comunidades rurais, como Pilar e seus povoados (sítios). Decidi em 1998 deixar o seminário exatamente na saída de Dom Pelé (Dom José Maria Pires) fonte estimuladora da minha vocação presbiteral juntamente com Pe. Noberto, então vigário da Paróquia de Cabedelo e do Mons. Ernando Teixeira, administrador da área pastoral do Renascer, em Cabedelo, e do Pe. Antônio Maria Guerin.

Tal experiência me fez acreditar numa manifestação do sagrado a partir da vivência do povo sofrido e oprimido, como dissera Comblin (1996). Em 2012, assumo a docência no Ensino Religioso, História e Filosofia na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Imaculada Conceição – Jacaré/Cabedelo-PB, na qualidade de contratado. De 2015 a 2016, fui convidado para lecionar Filosofia e História numa comunidade de nome Ibiapina na escola Dom José Maria Pires, em João Pessoa. Atualmente participo de um projeto Escola Cidadã da Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, ainda lecionando as mesmas disciplinas. O projeto é fundamentado em pilares que promovem o protagonismo juvenil e a solidariedade.

A participação no Grupo de Pesquisa Videlicet²- UFPB, nos Seminários e Congressos, promovidos pelo professor Dr. Carlos André Macedo Cavalcanti, foram de uma

¹ **MFRAC**: Missionários da Fraternidade Cristã. Um grupo de leigos consagrado à Santíssima Trindade, apoiando-se numa espiritualidade que procede da mística trinitária inspirando-se em quatro dimensões fundantes: Dom, Acolhimento, Partilha e Comunhão. Que se explicitam na missioneiridade, vida comunitária, vida contemplativa ativa e opção preferencial pelos pobres. Com sede em Salvador e casas de acolhida em Ilhéus, Alagoas. (<https://mfrac.wordpress.com/>)

² **VIDELICET** – Grupo de Estudos e Pesquisas, fundado no dia 8 de dezembro de 2006, com objetivos bem definidos no campo do conhecimento: 1º) Analisar a História da Intolerância Religiosa e a historiografia sobre o tema. Nesta linha, o Grupo tem atividades no apoio à formação dos estudantes universitários, pesquisadores e professores do Estudo das Religiões ("Ensino Religioso") em temas do Imaginário, da Religiosidade, do Sagrado

importância imprescindível para a ordenação das ideias, dos objetivos e da motivação necessária para transpor as dificuldades em elaborar uma dissertação inovadora e que pudesse fazer justiça a confiança depositada nesse mestrando que agora passa a desenvolver uma reflexão axiológica sobre o tema acima descrito, sem com tudo pretender estabelecer um valor de verdade absoluta à temática pesquisada, apenas propor novas perspectivas para se compreender a vida e as obras do padre José Antônio de Maria Ibiapina.

1.2 JOSÉ ANTÔNIO DE MARIA IBIAPINA: ADVOGADO, JUIZ, DEPUTADO E PADRE

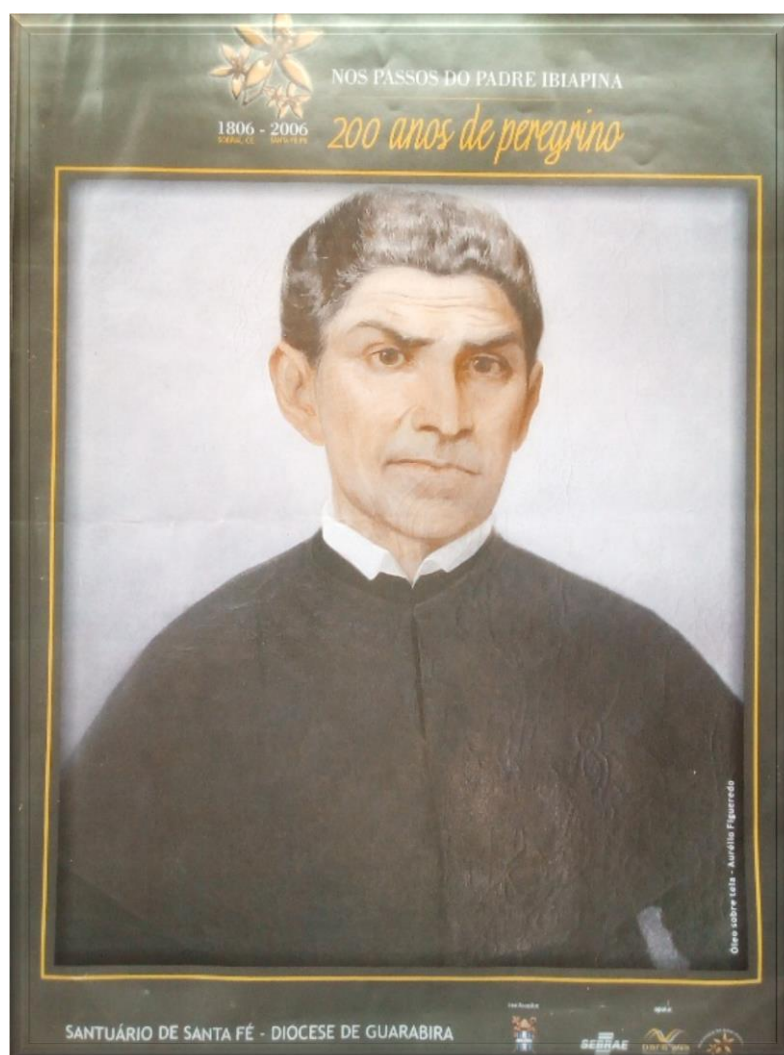


Figura 1 - Padre Ibiapina
Fonte: Acervo Pessoal

relacionados à Intolerância Religiosa. A palavra designa uma expressão latina medieval que significa “o que se pode ver e se é”. O Grupo também é formado pelos membros do OFFICIUM. (in: <http://www.ce.ufpb.br/ppgcr/?secao=24&id=4>; CAVALCANTI, Carlos André e CAVACANTI, Ana Paula (Orgs.). O que se vê nas religiões. São Paulo: Editorial, 2015);

Oh! Como passa depressa a glória do mundo! Oxalá a sua vida tenha correspondido à sua ciência; porque, destarte, terão lido e estudado com fruto. Quantos, neste mundo, descuidados do serviço de Deus, se perdem por uma ciência vã! E porque antes querem ser grandes que humildes, se esvaecem em seus pensamentos (Rom 1,21). Verdadeiramente grande é aquele que a seus olhos é pequeno e avalia em nada as maiores honras. Verdadeiramente prudente é quem considera como lodo tudo o que é terreno, para ganhar a Cristo (Flp 3,8). E verdadeiramente sábio aquele que faz a vontade de Deus e renuncia a própria vontade. (KEMPS, 2014, p. 6)

Várias obras editoriais, dissertações, artigos, textos e resenhas versam sobre a vida e as obras do Padre José Antônio de Maria Ibiapina³. Nosso esforço consiste em não repetirmos as mesmas abordagens e esquemas para oferecer uma dissertação inovadora e instigante. Mesmo não sendo nosso objetivo, foi possível perceber que se publica ao menos um artigo em universidades ou congressos do Nordeste por ano. Uma busca na rede mundial de computadores (World Wide Web) o resultado ultrapassa a marca dos 270 mil verbetes. Se a busca for direcionada ao modo de arquivo PDF encontraremos 24.800 referências às publicações e citações diretas. Onde constatamos que sua influência vai além dos portões das Universidades do Nordeste, sendo citado como temática acadêmicas em quase todas as regiões do Brasil.

Padre Ibiapina atuou no nordeste do país entre 1856 e 1876 construindo hospitais, açudes, casas de caridade, cemitérios e igrejas promovendo a dignidade e a valorização das experiências humanas nas províncias da Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Ceará e Alagoas. Exerceu o sacerdócio aos 47 anos depois de tantas frustrações com a carreira política, jurídica e ao presenciar tantas injustiças sociais. Foi professor de eloquência sagrada, História Sagrada e reitor no Seminário de Olinda em 1854, durante seu primeiro ano de sacerdócio.

Vivia rodeado de parentes apaixonados pelos ideais da Revolução Francesa. Seu pai morreu na luta da Confederação do Equador e seu irmão, também revolucionário, foi exilado para a Ilha Fernão de Noronha, onde faleceu ‘em luta com as ondas’ (HOORNAERT, 2006, p. 65). O sofrimento, a fome e a precariedade de vida fazem parte da experiência do Padre Ibiapina que com a morte de sua mãe e de seu pai teve que abdicar de sua carreira de advogado e jurista para cuidar de seus irmãos, órfãos como ele (LIMA, 2011, p. 21-32). As decepções com a intervenção dos coronéis na política local, com o magistrado e a advocacia levaram Ibiapina a retirar-se de cena por três anos (1850-1853). Foi este o contexto que conduziu o padre Ibiapina para um agir renovado⁴ na ação missionária.

³ A partir de agora faremos referência apenas como padre Ibiapina para nos referirmos ao padre José Antônio de Maria Ibiapina

⁴ Compreendemos a ação catequética do padre Ibiapina como um agir renovado por se tratar de um resgate das práticas catequéticas já praticadas na Holanda no século XV sendo resgatada e incorporada a realidade do ambiente

Carvalho (2008, p. 31) comenta esse período como sendo o mais determinante da vida do missionário. Para ele, esse foi um período que serviu para analisar e aferir suas reais intenções vocacionais. Hoje esse ato é chamado de “deserto” entre os agentes de religiosidade (padres, pastores, presbíteros etc.), mas na época era dito “pedra de toque”⁵. Ao escrever sobre a Carta de José Antônio de Maria Ibiapina⁶, a Profa. Dra. Danielle Ventura⁷ chama nossa atenção para percebermos na fundação das Casas e do périplo catequético os elementos característicos do agir do padre Ibiapina e que lhe possibilitava reunir milhões de pessoas entorno das suas obras e palavras. Percepção esta que o levou a ser conhecido como “O Missionário do Nordeste”, termo apregoado por José Comblin (1996, p. 21-26):

Era um dos mais marcantes de sua geração, não pelo nome da família, mas pelo valor pessoal e pela ascensão social que tinha conseguido no meio de tantas adversidades[...]. Em lugar de uma brilhante carreira eclesiástica, escolheu o mundo dos pobres[...] fez com toda liberdade, a opção pelos pobres. Não como quem não tem outra opção possível, mas como quem tinha todas as portas abertas na sociedade do seu tempo[...]

Padre José Comblin⁸ faleceu no dia 27 de março de 2011, tornou-se um dos seguidores mais devotado ao padre Ibiapina. Ainda em vida desejou ser sepultado ao lado do sepulcro do padre Ibiapina (Figura 2, abaixo). Seu desejo foi atendido e hoje seus restos mortais se encontram sepultado ao lado da capela na qual foram depositados os restos mortais do padre Ibiapina no Santuário Ibiapina Santa Fé, na cidade de Solânea - Paraíba. Sua identificação com o padre foi expressa em todo o seu agir como missionário. Assim como Ibiapina, Comblin também se dedicou aos mais pobres e necessitados. Foi um grande colaborador da TL para a América Latina. Ao escolher viver a serviço dos mais pobres, o padre Ibiapina parecia buscar um sentido maior ao seu existir, uma vez que não encontrou sua realização pessoal na administração pública e menos ainda no aparato burocrático curiático.

religioso no qual o missionário atuou, ou seja, trata-se de uma releitura da *Devotio Moderna*. Conferir glossário no fim desta dissertação.

⁵ “[...] qualquer pedra dura e escura usada pelos joalheiros para avaliar a pureza dos metais”

⁶ CARTA de José Antônio de Maria Ibiapina escrita em 23 de março de 1875 em Santa Fé para o público em geral, analisada no artigo A Mitocrítica da Profa. Dra. Danielle Ventura como abordagem metodológica sobre a conduta moral do Padre Ibiapina

⁷ Mestre em Ciências das Religiões pela UFPB, Doutora em ciências da religião pela PUC-GO.

⁸ Fundador e orientador de vários movimentos de Missionários(as) leigos(as), fundou um seminário rural para formar os membros das Comunidades de Base (CEBs) sob uma orientação conhecida como “Teologia da Enxada”. Outras informações podem ser obtidas no ANEXO C ao fim desta dissertação.



Figura 2 - Túmulo do padre José Comblin

Fonte: Acervo Pessoal

As 6 horas d'amanhã elle olhou para certa altura, ficou possuido de uma alegria extrema, e apontou dizendo: - Maria! Ali está Maria! Depois apontou para uma beata presente: Minha filha, você está vendo Maria? Tendo resposta negativa, calou-se, mas depois, enchendo-se de novo de alegria, tornou apontando: Lá está Maria! Minha filha, olhe! Não vejo meu pae! Quando foi 2 horas da tarde rendeu a alma ao Creador! Nessa ocasião ouviu-se um trovão, viram-se alguns relampagos e cahio uma chuvinha! It finils. Contava 77 annos de idade e 30 de vida apostolica (NOGUEIRA, 1888, p. 219)

Aos 70 anos uma paralisia afastava o padre Ibiapina das suas obras e de celebrar missa. Faleceu no dia 19 de fevereiro de 1883, aos 77 anos na Casa de Santa Fé em Arara na Paraíba, dos quais 30 foram dedicados ao povo nordestino. E desde então sua vida e obra é objeto de pesquisa em Universidades e de mitificação⁹ pelo povo nordestino que visita o Santuário em Santa Fé. Seus restos mortais foram depositados no cemitério do Santuário Ibiapina Santa Fé, Solânea-Pb. Com abertura do processo de canonização os restos mortais foram transferidos para uma urna e depositada dentro da Capela do Santuário, conforme se ver na figura abaixo.

⁹A partir da ótica de Mircea Eliade passo a usá-la para dizer que suas obras e sua biografia é constantemente revivida, reatualizada, afim de resgatar uma experiência da qual não vivenciaram “in illo tempore”; é uma busca por uma experiência religiosa aberta e capaz de sacralizar o real perceptível.



Figura 3 -Sepulcro do padre Ibiapina

Fonte: Acervo Pessoal

Depois de ter percorrido durante 30 anos várias regiões do nordeste brasileiro, o padre escolheu a Casa de Santa Fé (figura 4, baixo), um pequeno casebre para terminar seus dias. Era o ano de 1883 quando “o Ceará perdeu um de seus distintos filhos e o paiz um homem assaz notável”, foi assim que a imprensa paraibana, especificamente o jornal Liberal Paraibano se despedia do padre Ibiapina (apud MARIZ, 1997, p. 189).



Figura 4 – Casa do padre Ibiapina
Fonte: Acervo Pessoal

A Casa do pe. Ibiapina faz parte do conjunto arquitetônico do Santuário Ibiapina Santa Fé – Solânea-Pb. Retomaremos esse assunto no subtítulo Religião e religiosidade popular nas Missões e Casas de Caridade do padre Ibiapina.

O Santuário Ibiapina Santa Fé está localizado¹⁰ na divisa entre os municípios de Solânea e Arara, na microrregião do Curimataú Oriental. No estado da Paraíba, distante há 52 km de Campina Grande e 158 km de João Pessoa.

¹⁰ Para maiores detalhes sobre a localização geográfica e de como chegar ao Santuário confira ANEXO B.

O ambiente histórico no entorno das obras e milagres do missionário e do padre José Antônio de Maria Ibiapina tem características tanto históricas quanto religiosas que referendam a nossa assertiva.

1.3 METODOLOGIA: SITUAR, AVALIAR, VIVENCIAR E CONCEITUAR

Neste trabalho nos apropriamos dos paradigmas postulados por Eliade (1972, 1974) ao estabelecer uma via empírica verificável para se constatar o Totalmente Outro proposto por Otto. Hoornaert (1974, 1979) nos fornecerá uma plêiade axiológica quanto ao desenvolvimento do cristianismo na América Latina (AL), ele considera mais adequado denominar cultura gentílica e não cultura popular, por se tratar de uma cultura proveniente dos índios, africanos e pobres do período colonial. Um catolicismo distinto do catolicismo patriarcal. Trata-se do catolicismo enquanto cultura originalmente brasileira ao ponto de se tornar “o cimento da unidade nacional”. (1974, p. 98-103).

Durand (1996, 2000) nos conduzirá nas vias do pensamento imagético para adentrarmos no estudo do fenômeno religioso propriamente dito; faremos um esforço para elencar, discursar e argumentar respeitando o conjunto das obras. Todas as técnicas e metodologias aplicadas a essa dissertação também visam à imparcialidade e neutralidade do pesquisador em relação ao objeto pesquisado. Por expressão imagética ou imagético, nesta dissertação, compreendemos o conjunto dos elementos visuais, textuais e linguísticos produzidos involuntariamente pelos sujeitos históricos de forma individualmente e ou coletivamente.

As fontes bibliográficas utilizadas foram basicamente livros, periódicos e artigos científicos a disposição em bibliotecas públicas, arquivos públicos e particulares. Consideramos como fontes primárias referenciais a obra bibliográfica de Nogueira (1888) por compreendermos ser ela o marco indutor da tradição literária do padre Ibiapina, as editorias são as de Silva (1913), Mariz (1997), Hoornaert (1974, 1979) e Carvalho (2008). Estas últimas são percebidas e analisadas como promotoras e fomentadoras das tradições religiosas, sociais e morais. As fontes complementares foram das mais diversificadas: jornais, revistas, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, relatórios, vídeos de programas de televisão e internet.

Iniciaremos dissertando sobre religião e religiosidade popular nas missões e casas de caridade do padre Ibiapina; ocasião que versaremos sobre o conceito de religião e

religiosidade popular, segundo as contribuições das ciências das religiões enquanto disciplina acadêmica, as concepções acerca do sagrado e profano presente na religiosidade popular da época. Em seguida faremos uma leitura comparativa entre as obras biográficas e editoriais primárias, analisando-as em busca de elementos que possam nos revelar alguns aspectos ainda não percebidos da vida e das ações religiosas do padre Ibiapina.

Trata-se de um estudo descritivo e analítico abordando de forma exploratória a leitura e o levantamento bibliográfico, documental e a pesquisa eletrônica. Bem como o levantamento etnográfico necessário para se compreender as influências e relevâncias do objeto pesquisado para a atualidade. Assim, destacaremos, em meio as temáticas desenvolvidas, as construções imagéticas (expressões linguísticas e visuais) presentes na práxi missionária do padre Ibiapina.

Antes de mais nada, porque cada vez mais os historiadores percebem que tudo na vida dos homens e das sociedades está também na história e depende de um aprofundamento histórico. [...] O imaginário alimenta e faz o homem agir. É um fenômeno coletivo, social, histórico. Uma história sem imaginário é uma história mutilada, desencarnada. [...] Estudar o imaginário de uma sociedade é ir ao fundo de sua consciência e de sua evolução histórica. É ir à origem e à natureza profunda do homem [...] E acredito que a nova importância do imaginário se desenvolverá ainda no domínio da ciência histórica e da ciência tout court (LE GOFF, 1998, p. I-XXI).

Para Le Goff a busca por uma compreensão da sociedade passa pelo reconhecimento da existência de um outro paradigma – o imaginário. Este mesmo imaginário que promove, suscita e revela o que não é possível ser percebido explicitamente nas relações de convívio social, tanto individual quanto coletivo. Fora deste aporte a realidade percebida é apenas partes desconexas de um todo multifacetado.

Nessa pesquisa não foram aplicados questionários de entrevistas. Apenas visitas de observação participante que aconteceram em três momentos específicos em ocasião da celebração mensal de aniversário de morte ou nascimento do padre Ibiapina em Santa Fé-PB. A primeira visita ocorreu no dia 19 de agosto de 2016, a segunda e a terceira em 2017, no dia 19 de janeiro e 19 de fevereiro, respectivamente. Trata-se de uma técnica de observação participante:

[...] técnica de observação participante ocorre pelo contato direto do pesquisador com o fenômeno observado. Obtém informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos [...]. A observação participante permite captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas. Os fenômenos são observados diretamente

na própria realidade. O investigador participa até certo ponto como membro da comunidade ou população pesquisada. A ideia de sua incursão na população é ganhar a confiança do grupo e, ao mesmo tempo, conscientizá-los da importância da investigação. Este tipo de observação foi introduzido nas ciências sociais pelos antropólogos no estudo das chamadas sociedades primitivas (GERHARDT, 2009, p.111).



Figura 5 – Técnica de observação participante

Fonte: Acervo Pessoal

Antes das visitas oficiais, para compor o corpo etnográfico desta dissertação, também foram realizadas duas visitas de sondagem. A primeira visita foi mais discreta observando como se desenvolviam os dias que antecediam ao dia da festa propriamente dita. A comunidade urbana do entorno do Santuário seguia normalmente em seu cotidiano. Apenas alguns poucos comerciantes de produtos religiosos procuravam reservar um lugar adequado para comercializar seus produtos sacros. Um outro senhor cuidava da limpeza do estacionamento. As pousadas e demais seguimentos comerciais seguiam sua rotina. Uma total mudança nesse cotidiano só foi percebida nos dias que antecederam a Festa dos 234 anos de falecimento do pe. Ibiapina. Muitos grupos religiosos que fazem parte da Igreja de Arara e Solânea costumam participar de mutirão para a limpeza e demais serviços preparatórios para a Festa religiosa, principalmente as festas anuais.

Essa metodologia serviu para garantir ao pesquisador uma fiel percepção da influência do objeto pesquisado no cotidiano dos seguidores e devotos nos dias atuais. E dessa forma conseguimos penetrar nos significados que tais agentes religiosos e devotos estabelecem ao resignificar sua vivência religiosa e sua relação devocional ao Padre Ibiapina. Este momento foi caracterizado pelas visitas participantes nas missas mensais e à Casa de Caridade em Santa Fé – Solânea-Pb. Que foi complementada pela análise fotográfica e do uso das imagens no cotidiano dos devotos e como estas se relacionam para uma construção imagética e mitológica do sagrado e da vida do missionário.

No campo metodológico abordamos os parâmetros expostos e exemplificados por Minayo (2001). Segundo a autora esse tipo de pesquisa visa averiguar o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que devem ser consideradas quando se analisa as relações dos fenômenos sociais e o meio no qual estão inseridos ou no espaço em que foram vivenciados e ritualizados. Trabalhamos com o que é possível dizer sobre as manifestações humanas: motivos, aspirações, crenças, atitudes. Questões essas que não são aferidas quantitativamente, mas qualificadas por suas repetições e relevâncias sociais.

Da observação participante da figura 6, abaixo, se extrai informações quanto as suas dimensões geográficas, a distribuição das cores e suscita uma interrogação quanto ao ambiente no qual ela foi produzida, estas informações pouco colaboram para o entendimento do nosso objeto de estudo. Mas se a mesma figura passa a ser analisada pela técnica de observação participante, ela nos oferece inúmeras possibilidades de interpretações. Uma das questões levantadas é o ato deste gesto encurvado da devota se repetir constantemente pelos demais devotos que visitam a Casa onde o padre Ibiapina faleceu. Ainda nos perguntaríamos o porquê

daquele espaço e utensílio específico ser tão significativo para os devotos do padre Ibiapina. Posicionada a frente da cama onde o padre dormia e convalesceu, parecia não se incomodar com tantas pessoas ao seu redor e com tanto barulho, afora o calor de quase 45° C. Nada disto a distrai. Ficou naquela posição por um longo tempo; a Casa dos Milagres recebeu mais de 3 grupos de visitantes e não vi a senhora sair antes deles. Cada percurso dentro das duas Casas dura em média 20 a 30 minutos. De lá os visitantes saem por uma porta aos fundos que os induzem a entrar na capela. Esta assertiva fortalece o exposto acima por Minayo, a repetição dos eventos e a presença física do pesquisador no momento em que o evento se desenvolve torna-se imprescindível para sua compreensão.



Figura 6 – Observação participante
Fonte: Acervo Pessoal

Gomes (2007, p. 300 - 316) ao comentar Minayo (2001) considera que é possível identificar o sentido de uma palavra ou de uma expressão textual na análise de um discurso, mesmo que esta expressão não releve as ideologias sócio históricas nas quais foram produzidas ou que tenham sido dissimuladas. Surge assim a necessidade de realizar uma reflexão sobre as condições de produção e apreensão do significado de textos produzidos em diferentes campos do conhecimento: o religioso, o sociológico, o filosófico e o político.

Quanto a pesquisa exploratória, entendemos que “este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado (não foi aplicada entrevistas nessa pesquisa); e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão (GIL, 2007 *apud* GERHARDT, 2009, p.111).

Por essas assertivas é que nossa pesquisa deve ser entendida como sendo de caráter qualitativa transdisciplinar e participativa, segundo Gomes (2007. p. 79):

Uma pesquisa qualitativa de âmbito transdisciplinar que engloba as ciências humanas e sociais assumindo tradições ou paradigmas em análise de casos ... adotando métodos diversificados para a investigação e o estudo de um dado fenômeno procurando oferecer seu sentido e descrever de que maneira as pessoas o percebiam e o interpretavam.

Le Goff (1998, p. 66), percebe uma nova dialética do tempo curto e do tempo longo. E que ela nos conduzirá no estudo da dinâmica social e das estruturas de longa duração que perpassaram as últimas décadas do século XIX e XX para além dos fatos elementares do comportamento humano. Afinal, “os homens fazem a história, mas ignoram que a fazem”. Essa afirmação de Le Goff corrobora para a compreensão da metodologia aplicada a esta dissertação. Afinal, se as produções imagéticas e a observação participante só são possíveis de serem analisadas em suas manifestações históricas, consideremos também que tais eventos históricos se constituem a partir desse agir não intencional do sujeito histórico que também é o mesmo sujeito que promove o registro do seu existir no tempo cronológico de longa e de curta duração, um registro involuntário percebido através das marcas culturais de caráter simbólico e imagético.

Assim sendo, nosso objetivo geral se dá ao analisar as práticas religiosas do Padre Ibiapina na segunda metade do século XIX e suas influências nos séculos seguintes, dissertando sucintamente sobre algumas das principais obras editoriais e biográficas a respeito da sua vida e de sua ação religiosa desenvolvida no nordeste brasileiro, especificamente as Missões e as

Casas de Caridade de Santa Fé na Paraíba. Uma vez que tais obras e ações se apresentam como uma ação catequética precursora dos dilemas religiosos vivenciados no século XX e XXI protagonizando uma libertação social, política e religiosa por meio da caridade.

Nossos objetivos específicos se dão na busca de um aporte teórico capaz de assegurar a proceridade do padre Ibiapina em relação as práticas religiosas que só foram sistematizadas no final do século XX, sua influência na Igreja Católica da Paraíba até os dias atuais, destacar e comentar a respeito das obras de caridade do padre Ibiapina. Para tanto nos propomos responder 3 assertivas, a saber: 1) Quais os elementos constituintes dessas nova prática religiosa percebida e vivenciada nas Missões e Casas de Caridades do padre Ibiapina no século XIX? 2) De que maneira e por quais vias, Ibiapina pode ser considerado precursor dessa nova prática do século XX? 3) Como justificar e estabelecer a influência das obras e ações do Padre Ibiapina no século XX? Essas questões nos propomos respondê-las ao passo que desenvolvemos esta dissertação.

É sabido que em outras regiões do Brasil já existiam outras Casas denominadas de Casas de Misericórdia, que eram mantidas por órgãos públicos e congregações. Não nos propomos nesta dissertação apresentar as confluências, analogias e especificidades destas com as Casas de Caridade fundadas pelo padre Ibiapina no nordeste brasileiro, apenas quando tal relação se fizer necessária para melhor compreensão do nobre leitor.

RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE POPULAR NAS CASAS DE CARIDADE E MISSÕES DO PADRE IBIAPINA

“Minha filha, não são os cânticos nem praticas sem oração e contrição, que tornam a alma boa; procure por tudo introduzir-lhes na alma o temor e o amor de Deus” (Carta as Casas de Caridade)¹¹

“Vieram ao encontro 12 virgens de 11 e 12 anos e mais 4 enfeitadas de anjos, todas cantando, com suas bandeiras na mão, cobrindo a meu pai de muitas flores” (Relato do Irmão Aurélio, Missão em Barbalha)¹²

Ao propormos esta temática almejamos deixar evidente o espaço temporal e o ambiente histórico religioso, as percepções e inerências religiosas no qual viveu o padre Ibiapina. Estamos em busca de um parâmetro ou mesmo uma explicação para a inserção e aceitação de seus diálogos, pregações e práticas no cotidiano daquele povo nordestino assolado pela seca, fome e dominação dos coronéis e fazendeiros.

O campo religioso brasileiro, em especial o cristão católico, sofre desde os primeiros desembarques nas águas atlânticas americanas, influências das forças políticas e econômicas da elite portuguesa na colônia e do catolicismo popular tradicional.¹³ A primeira é responsável pelo controle e o poder econômico e político, também denominado de poder patriarcal que tem sua principal característica nas relações de troca de benefícios entre o clero e a monarquia, entre o clero e a nobreza. Relações, que no Brasil, só foi amenizada com o fim do padroado em 1888 quando da instituição da 1ª República do Brasil. Até então o Estado mantinha plenos poderes sobre as religiões instituídas. Já o catolicismo popular chega ao Brasil nos porões das embarcações, desembarcam nas bagagens do povo mais pobre, nos matulões de escravos e libertos e de todos os demais que contribuíram para a formação de uma raça tipicamente brasileira.

Acreditamos que compreendendo o fenômeno religioso nessas nuances, encontraremos as respostas às questões postas acima. Então se faz necessário ressaltar o caminho percorrido e os métodos adotados para a compreensão desse fenômeno.

2.1 CAMPOS EPISTEMOLÓGICOS DA RELIGIÃO – O QUE É RELIGIÃO? RELIGIÃO OU RELIGIOSIDADE?

¹¹ O trecho é um recorte de uma das cartas enviadas pelo pe. Ibiapina a uma das Casas de Caridade (CC) transcrita por Celso Mariz (1997, p. 314). O editor não identificou a data nem a destinatária específica da CC, apenas é possível saber que era direcionada a uma das CC.

¹² Este é uma recorte do relato do Irmão Aurélio sobre o início da missão em Barbalha- CE, 1869. *Apud* Carvalho, 2008, p. 95. Fazemos essa e outras citações a partir das referências secundárias uma vez que as fontes primárias se encontram guardadas no arquivo eclesástico da Diocese de Guarabira para análise no processo de canonização do padre Ibiapina, dificultando o acesso direto ao documento original.

¹³ Essa temática está melhor explicitada nas páginas 28, 36-37 desta dissertação.

O povo tem uma cultura própria e podemos mesmo afirmar que o catolicismo popular constitui a cultura mais original e mais rica que o Brasil já produziu durante os quatrocentos e tantos anos de sua história. [...] No Brasil a religião constitui, juntamente com a língua portuguesa, "o cimento da unidade nacional" num país extremamente extenso. (HOORNAERT, 1974, p. 99).

A relação emblemática entre a prática de vida e a prática religiosa está presente em quase todos os relatos missionários e cartas escritas por Ibiapina às CC¹⁴. No entanto, Carvalho (2008, p. 97) afirma que isto não passa de uma aparente e falsa oposição entre servir a Deus e ao próximo.

Esta é uma questão ainda bastante discutida e analisada entre os cientistas da Ciência das religiões e por qualquer pessoa que se identifica como um agente religioso. Fato é, que no Brasil os primórdios da Ciência da religião datam de 1970. Até então, falar ou pesquisar religião em ambientes acadêmicos não lograria qualquer mérito ou aprovação. Era um tema de interesse apenas clerical visando a formação do clero e pastores. A teologia era tida como um saber auxiliar e não um conhecimento científico qualificado. E a academia buscava uma forma de acolher um novo saber em seu ambiente (GROSS, 2012 p. 13¹⁵).

Essa abertura se dá com o surgimento da Teologia da Libertação (TL) que representa um movimento bastante multifacetado, que tem entre seus méritos o de recolocar a teologia, na América Latina em geral e no Brasil, em particular, em discussão no âmbito público questionando a primazia de tal estudo aos intelectuais, clérigos e acadêmicos. Despertando assim o interesse em determinado segmento da academia que “a percebeu seja como uma novidade no mundo religioso brasileiro, seja como aliada num projeto social emancipatório, seja como uma renovação na atitude da religião em relação à academia” (Gross, 2012, p. 14).

O Movimento pressupõe uma reflexão teológica que tem como proposta o comprometimento político da fé com a realidade histórica sob a perspectiva da luta por libertação das classes subalternas e que foi desenvolvida em um momento histórico-político da América Latina em revolução. A TL se apresenta como um elemento cultural em contraposição à sociedade capitalista visando oferecer eficácia política a fé. Tem como uns dos seus expoentes Gustavo Gutierrez, Leonardo Boff e José Comblin. Eduardo Gross (2012, p.13-18) passa a considerar a TL como um movimento teológico que se inseria tanto no mundo acadêmico

¹⁴A partir de agora usaremos a abreviação CC para designar Casas de Caridade fundadas e administradas pelo padre Ibiapina

¹⁵O texto de Eduardo Gross foi apresentado nos Simpósios 53 “Religión, Política, Poder y Cultura” e 54 “A Teologia e a Ciência da Religião como disciplinas científicas, realizado entre os dias 7 e 10 de Janeiro de 2012, Universidad de Santiago de Chile.

quanto no meio popular e que teria dado origem a grupos de teologias da Libertação, fruto da fragmentação do próprio movimento envolto nas questões sociais e políticas.

Segundo Eduardo Gross (2012, p. 19) a Ciência da Religião, enquanto área própria de estudo no Brasil não foi o objetivo da Teologia da Libertação, mas uma consequência colateral dela, à medida que os fatores anteriormente elencados contribuíram para o surgimento desta nova área de pesquisa no Brasil. Para Gross (2012, p.27) comentando Arnaldo Érico Huff, a Teologia, a Ciência da Religião e a História compreendem as três disciplinas pelas quais se tem realizado os estudos sobre religião no Brasil, principalmente enquanto elemento cultural. Desde os anos 90 a história cultural, praticada principalmente sob inspiração da teoria social francesa pós-estruturalista de autores como Foucault, Bourdieu e Chartier, vem se afirmando como perspectiva de análise, ampliando também o espectro dos objetos.

O estudo do fenômeno religioso, como é entendida e analisada a religião pela Ciência Social, tem recebido valiosas contribuições teóricas de autores que não demonstram interesse pela temática religião ofertando ao pesquisador das ciências das religiões a possibilidade em compreender a religião por outro viés: política, mercado, ideologia etc.

A primeira cátedra universitária de história das religiões foi criada em Genebra no ano de 1873; em 1876, fundaram-se quatro na Holanda. Em 1879, o Collège de France, em Paris, criou também uma cátedra para a disciplina, seguido em 1885 pela École des Hautes Études da Sorbonne, que organizou uma seção especial destinada às ciências religiosas. Na Universidade Livre de Bruxelas, a cadeira, foi instituída em 1884. Em 1910, seguiu-se a Alemanha, com a primeira cátedra em Berlim, depois em Leipzig e em Bonn. Os outros países europeus acompanharam o movimento (ELIADE, 1972, p.5).

Eliade, em suas obras, promove uma releitura epistemológica ao tratar da conceituação do sagrado e suscita um novo olhar para compreender o fenômeno religioso. Enquanto seus antecessores e contemporâneos empreendem esforços para conceituar e definir em parâmetros científicos racionais ou não racionais o sagrado e a religião, ele propõe compreender os espaços, o tempo e o sujeito que vivencia, que experimenta o sagrado.

Sendo Mitólogo, ele assegura que é por intermédio da experiência pessoal e subjetiva que o sagrado se dá a conhecer, se revela conduzindo o Homem a conhecer a plenitude do seu devir nostálgico pelo qual esse Homem participa da sacralização do cosmo por um viés de comunicação entre os dois mundos - sagrado e profano (ELIADE, 1992, p.13).



Figura 7 – Pórtico (PORTA SANTA) do Santuário Ibiapina Santa Fé
Fonte: Acervo Pessoal



Figura 8 – Devoção popular (DEVOTIO MODERNA)
Fonte: Acervo Pessoal

Observando a figura 7 acima notamos embaixo do pórtico vários romeiros que chegam ao fim da caminhada depois de terem saído as 5 horas da manhã da cidade de Alagoa Grande passando por várias cidades até chegarem às 11 horas em Santa Fé. Na segunda imagem (figura 8) grupo deposita suas fitas, velas, pedrinhas ou simplesmente silenciam diante da estátua do padre Ibiapina. Um terceiro grupo (figura 9) faz suas orações e pedidos na capelinha que guarda os restos mortais do padre. Mas todos se juntam numa mesma ocasião – A Missa solene, celebrada as 14 horas da tarde, horário da morte do padre. Com isto, percebemos que os devotos, vivenciam e experimentam uma outra realidade, vivem num “mundo divino”. Espaços estes que introduz e faz o homem participar e conhecer a realidade absoluta, o transcendente, a eternidade – atributos do sagrado (ELIADE, 1992, p. 60). No entanto, tal experiência do sagrado promove uma dependência de quem a vivencia. O ser ao experimentar

e ao participar da divindade anseia por um existir sagrado e concebe o existir natural como algo irreal, uma ilusão.



Figura 9 – Devotos e a Capelinha (sepulcro do padre Ibiapina)
Fonte: Acervo Pessoal

Mircea defende que a religião é uma plêiade de contributos culturais que fortalece e assegura ao Homem a significação do seu existir, sem que com isso se estabeleça uma escala de valoração quanto a sua influência histórica e cultural em determinado grupo social. Na obra *Origens* ele se utiliza da palavra “religião” para designar essa experiência com o sagrado sem que com isso ela implique em uma conceituação restrita a crença em Deus, deuses ou fantasmas.

Neste sentido, religião é um elemento estrutural da consciência humana, é o resultado de um processo dialético a que se denomina de manifestação do sagrado.

Disto é possível assegurar que a experiência do sagrado é a mais salutar e que devemos empreender esforços na experiência religiosa que se consolida constantemente pela via cultural ressignificando e renovando seus valores, seus costumes e o próprio cosmo. Para Eliade, o fenômeno religioso visa à compreensão da essência da religião e assim desvendar o sentido da experiência religiosa a partir de suas estruturas originais, e a construção da morfologia do sagrado como caráter fenomenológico.

Rudolf Otto inova ao caracterizar racionalmente o aspecto fundante da religião sem o qual ela nem existiria. Para Otto (2007, p. 12, 66), esse aspecto é o “cheio de divindade”, o *numinoso*, que só se estabelece em si mesmo e se expressa fora do domínio intelectual, por meio da experiência religiosa vivenciada pelo Homem com o “totalmente outro” manifestado na religião de maneira incognoscível e irracional, deixando de lado todos os dogmas de uma religião carcomida, moralista e tradicionalista, incapaz de ser conceituado essencialmente a menos que seja por analogias superlativas, por paradoxo e antinomias. Segundo ele, esse sagrado se revela por seis vias ou aspectos, assim definidas por ele como sendo: o sentimento de criatura, o *mysterium tremendum*, os *hinos numinosos*, o aspecto fascinante, o *augustum* e o assombroso. Afinal, para Otto, tudo aquilo que não pode ser explicado o Homem diviniza.

Na modernidade, segundo Durkheim (2000, p. 53 - 60), a religião assume a tarefa de manter o curso natural da vida, orientar nossas relações com os seres especiais por meio dos ritos, mitos e sacrifícios conscientemente. Ao passo que nas culturas antigas tudo era miraculoso e fantástico.

Segundo Mauss (1974), devemos considerar como mágico tudo aquilo que é considerado mágico pela comunidade, para toda sociedade e não apenas uma fração. Embora separe os atos mágicos dos religiosos, ele defende que os atos ritualísticos são repetidos por tradição. E tal repetição é necessária para serem considerados atos mágicos, assim como a crença, de toda a comunidade, na eficácia dos ritos. A melhor forma de distinguir magia e religião é através de dois polos: o malefício e o sacrifício. A magia seria entendida como uma religião para as necessidades elementares da vida. Outra importante distinção feita pelo autor é que a prática religiosa é sempre prevista e oficial, ela faz parte de um culto. Ele compreende a magia como a primeira forma de representação coletiva e que posteriormente se torna o fundamento do comportamento individual. Via pela qual afirma que a magia está cheia de religião como a religião está cheia de magia. É um fenômeno social, tende ao concreto, substitui

a realidade por imagens, transforma os gestos em rito e torna-os eficazes. Ao distinguir magia de ciência e da religião, ele classifica religião como tendente a metafísica, se absorve na criação de imagens ideais, tende ao abstrato (1974, p. 12,51 - 55).

Estudar religião é perceber racionalmente as manifestações e imanências do Sagrado no cotidiano da sociedade secularizada e sistematizar tal revelação em um aparato científico mesmo que o objeto pesquisado seja incompreensível e indizível (HERMANN, 1997, p. 336).

O cientista das religiões e o teólogo, assim como os agentes de religiosidade (padres, pastores, feiticeiras, pai e mãe de santo, benzedadeiras, xamãs, presbíteros etc.) tornam-se protagonistas de uma nova forma de relatar e vivenciar as experiências religiosas nos idos do século XXI por estarem revestidos de toda uma gama de significados e significantes, sobre as manifestações religiosas e religiosidades herdada dos pioneiros desse cânone acadêmico e sapiencial das relações humanas no decorrer de sua existência. Ao passo que se estuda as religiões também se vive da experiência pesquisada, afinal esse é um dos caminhos para conhecer subjetivamente o objeto de estudo sem, contudo, deixar-se influenciar pelas questões adjacentes da pesquisa de campo.

Se de início os estudos da religião era uma nomenclatura utilizada pelas instituições para acolher e incluir disciplinas que tratavam do fenômeno religioso. Hoje as Ciências das Religiões passam a reconhecer e considerar todas as demais ciências e saberes como auxiliares e protagonistas do estudo e da análise do sagrado e suas manifestações na sociedade. Trata-se de uma abordagem pluridisciplinar e transdisciplinar.

Disto depreendemos que a religião pode ser entendida como um sistema institucionalizado ou não, de interesse de determinado grupo social, não necessariamente instituído, e que se revela das mais diversas formas e estilos. É parte da cultura de um povo.

A religiosidade pode ser de maneira simplória entendida como os meios pelos quais o sujeito de determinado grupo cultural vivencia e se comunica com o que ele considera sagrado ou com o que é o sagrado. Poderíamos ainda ir mais além explicitando como essa comunicação se dá por meio das linguagens, das imagens, mitos e ritos. O que fugiria do nosso intuito nessa dissertação, em parte. Sugiro ao caro leitor a obra *Mito e Realidade* de Mircea Eliade citada na biografia desta dissertação. No entanto percebemos que o devoto, a beata ou beato, o sujeito da experiência religiosa popular encontra nessa figura humana alguém capaz de ouvi-lo e de resolver seus problemas. Disto decorre uma relação pessoal de intimidade com quem se conversa e se devota. Por isso se acende velas como sinal de agradecimento e se evidencia o

santo no culto. Cabe ao devotado atender ao devoto, pois mesmo que o devoto não alcançasse a graça pedida em vida, seus próximos mais próximo cumpririam as promessas para que a alma de devoto encontre descanso. Quanto maior o grau de dificuldade de cura ou de realização dos pedidos, maior deve ser o sacrifício ou a prenda realizada pelo devoto. (ZALUR, 1983, p. 83).

Essa manifestação religiosa se apresenta dentro do campo cultural religioso pelo viés de externalização da esperança, do intuito em uma vida comunitária perfeita. Esboça os meios mais diversos da vida do Homem religioso. Desde a busca por um sentido ao seu existir, passando pela distinção entre o mundo real e o ideal diariamente revividos e reatualizados por meio dos mitos e ritos. Consideremos que o ambiente no qual o sagrado se manifesta i é percebido pelo seu receptor, é um ambiente cultural. O Homem faz cultura, um ser produtor de bens culturais é uma condição implícita e *sine qua non* do seu devir, do seu existir. A religião pode e deve ser entendida como um desses elementos culturais essenciais ao existir humano. Essa é uma percepção pactuado por Eliade (1972), ou seja, é a religião que oferece sentido ao existir humano por meio das experiências religiosas com o sagrado. Desta experiência de rememoração e de resgate do seu passado *in illo tempore* absorve os valores morais absolutos que norteiam seu agir profano.

Será possível percebermos no esquema conceitual da Cultura Arcaica (figura 9, abaixo) um resumo da visão de Eliade acerca da significação cultural da religião para o existir humano. Segundo Eliade esse significado ao existir humano provém de sua experiência do sagrado enquanto promotora de realidades, de promoção de significados e verdades que são amalgamados e consolidados por meios de rituais, do resgate e preservação dos seus mitos. Revelando-os uma realidade absoluta e transcendente norteadora de costumes e práticas culturais de ressignificação e rememoração desses mitos e ritos.

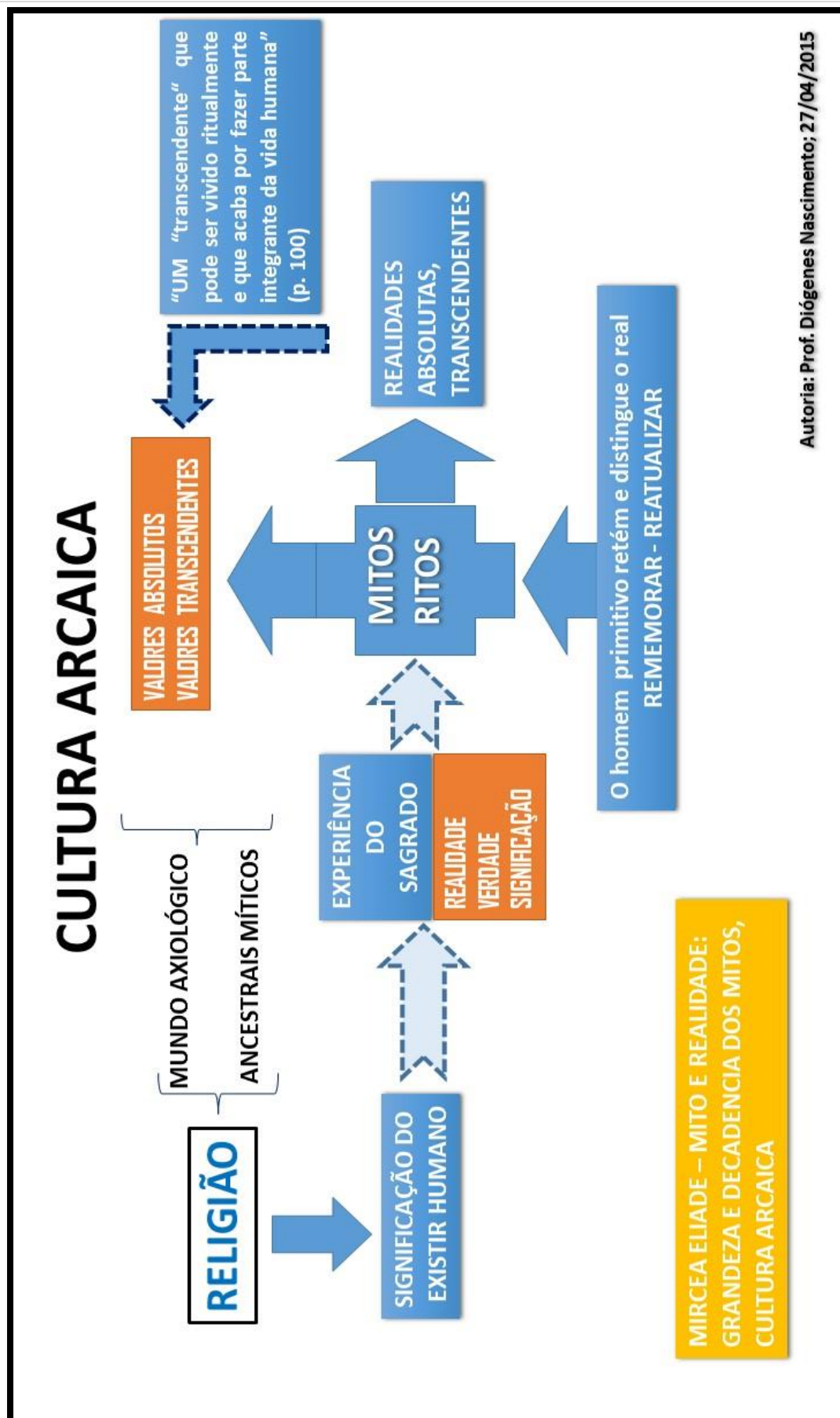


Figura 10
Mapa Conceitual 1 – Cultura Arcaica
Fonte: Esquema Pessoal

2.2 RELIGIOSIDADE POPULAR

Afinal, o que é a cultura senão aquilo que os antropólogos dizem que é? Ou a história (cultural) senão o que os historiadores a denominam? E a religião, de quem é? (JÚNIOR, 2016, p. 37).

Ao pesquisador das religiões cabe o cuidado em não recair nas generalizações para assegurar suas conclusões. Esta atitude é de fundamental importância para a formatação de uma abordagem histórica das religiões e da vivência religiosa a exemplo do sentido da experiência sagrada, da função dos mitos, da estrutura dos símbolos e da percepção da religião como uma cosmogonia (HERMANN, 1997, p. 336).

Pela Escola Italiana Carlo Ginzburg, responsável pela introdução no debate histórico contemporâneo da ideia de circularidade cultural, extraída de Bakhtin, trata de um esforço em superar certa percepção cultural marxista ancorada na relação antagônica entre classes dominantes e subalternas, manifesta no par popular/erudito. Ilustra o vínculo entre a morfologia dos mitos e rituais e a história, ou seja, considera “o processo de difusão, conservação e reelaboração a que estão periodicamente submetidos” os atos religiosos (HERMANN, 1997, p. 344).

Conforme Hermann, neste processo Ginzburg recusa “a análise fenomenológica que procurava a essência da experiência religiosa” e adapta “o método comparativo a uma análise historiográfica”. Para Ginzburg “a noção de ‘formação cultural de compromisso’, é o resultado híbrido de um conflito entre cultura folclórica e ou tradicional e cultura erudita” (HERMANN, 1997, p. 344).

Para Hermann deve ser considerada as relações entre religião e ou vivências religiosas e poder. Ao relacionar as propostas metodológicas de Ginzburg e a antropologia cultural de Geertz percebe-se que os diversos filtros sociais recebem e reelaboram as mensagens religiosas a partir de vivências culturais específicas e determinadas, permitindo a identificação de formas diferenciadas de entender e viver a experiência religiosa” (HERMANN, 1997, p. 345).

Desta maneira poderemos afirmar que é possível estudar as religiões de outra forma, pela via acadêmica. Uma delas é pela via cultural sem preocupar-se em encontrar o primeiro motor gerador de religiosidade, se ele existir. A história cultural contribui para um claro avanço no estudo histórico da religião, diante da possibilidade de se considerar a lógica interna do fenômeno religioso, os nexos de suas linguagens no tempo e no espaço. Ou seja, a religião tem a possibilidade de deixar de ser considerada como fenômeno segundo, seja em termos sociais

(resposta dos oprimidos, ópio do povo, etc.) ou subjetivos (ilusão, etc.) (JUNIOR, 2016, p.37 e 38).

Certeau (1998, p. 78 - 81) nos adverte para o papel que tal fenômeno religioso pode desempenhar em uma sociedade. Que por mais tácita que seja, ela releva a intencionalidade de certos grupos; já os leigos envolvidos em tal manifestação religiosa intuitivamente e sem qualquer intencionalidade terminam por aliviar suas angústias ao esperar uma inversão das regras e do domínio do opressor.

Será possível entender a religiosidade popular como um aparato social-religioso composto por várias práticas cotidianas (costumes, hábitos, crenças, normas, regras etc.) transmitidas oralmente ou registradas documentalmente na história, essas poderiam ter sido propagadas intencionalmente pelos seus predecessores com a intencionalidade de transmitir a geração futura as táticas para inverterem as relações de dominação estabelecidas e assim garantir a vitória ao oprimido; narrando ao seu público alvo as histórias e contos de possíveis vitórias maravilhosas (CERTEAU, 1998, p. 85).

Assim como Certeau, Brandão aponta para uma intencionalidade no agir religioso. Ele percebeu que entre os produtores de religião popular há uma vocação para as questões de resistência, recuperação de modos tradicionais de crença ou para a criação de formas religiosas novas. A função desempenhada por esses agentes está intrinsecamente relacionada com suas origens e seus status. Quanto mais popular menor é a ingerência dos agentes oficiais elitizados e maior a aceitação entre os iguais como agente de religiosidade. Fazendo com que cada vez mais os fiéis se tornem os sujeitos de vida religiosa rotineira, controlando a frequência e a qualidade da vivência religiosa. (BRANDÃO, 1986, p. 153).

Para Brandão é por meio dos milagres que se estabelece a relação de fidelidade entre o sujeito e a divindade, também entendida como restabelecimento da ordem natural com o sagrado e se estabelece a quebra da lógica de dominação e servidão, como se ver na epigrafe abaixo:

“um ato político de classe, quer ela resulte no sistema comunitário do catolicismo popular, quer ela resulte nas agências autônomas de clientela de possessão, quer ela resulte nas pequenas seitas-párias dos pentecostais” (BRANDÃO, 1986, p. 153).

A lógica do fiel da religiosidade popular está assentada na fé em um demiurgo, um primeiro motor gerador e criador de tudo, e que a vida terrena cheia de conflitos será um prenuncio de acesso ao paraíso de deleites e maravilhas acessado pela observância às regras e preceitos religiosos.

Durkheim também percebe que “[...]a igreja é o espaço onde as crenças e práticas se unificam em torno de uma mesma comunidade moral [...] que a solidariedade entre os fiéis (religiosos) e cidadãos (laico) são fenômenos sociais”. As representações religiosas são representações coletivas de realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que surgem nos grupos reunidos com o objetivo de suscitar e manter, refazer certos estados mentais desses grupos. Pela inserção na vida religiosa a sociedade participa de uma realidade *sui generis*, com características próprias, com representações coletivas fruto de uma imensa cooperação no espaço e tempo. O sujeito agente da sociedade (o Homem) possui um ser duplo (individual-limitado e social- ordem intelectual e moral, representa a alta realidade) – “a medida que (o homem) participa da sociedade vai além de si mesmo, seja pensando ou agindo”

O objeto do nosso estudo específico se encontra inserido no catolicismo popular que por se só já exaure uma complexidade religiosa a ser analisada. E ao tratar do catolicismo popular no Brasil essa complexidade não se esvai. Estamos dissertando sobre um campo religioso diverso caracterizado por sua grande diversidade e pluralidade, específica do Brasil, e que estabelece uma gama de possibilidades para que o devoto se comunique com o sagrado ou mesmo com o outro mundo.

O catolicismo das devoções populares mantinha uma relação harmoniosa com a igreja institucional, mesmo que para a prática e realização do ritual não contasse com a presença de um clérigo, exceto quando o rito ou certas práticas exigiam uma missa ou certas bênçãos. É o que assegura Carvalho (2008, p. 19).

O amontoado de fitas entrelaçadas na estátua de gesso (figura 11) é uma maneira que os devotos encontram para expressar sua devoção ao padre. Assim como quando era advogado e livrou o jovem das prisões, os beatos e beatas, os devotos e seguidores do padre buscam por meio dessa prática a intermediação do Missionário mesmo depois da sua morte. Essa prática de enrolar ou amarrar as fitas, a devoção aos santos, promessas, festas aos “santos”, romarias, procissões com imagens, acender velas, tudo isto é parte fundante dessa religiosidade popular. Observaremos que suas palavras e práticas revelavam um agir religioso inovador e vanguardista para o seu tempo tornando-o portador de princípios que só futuramente seriam sistematizados. Sua independência teológica e sua atitude política ativa em relação ao comando clerical curiático demonstram esta dimensão. Consideramos que seu agir é inovador por se tratar de uma prática ainda não praticada nem mensurada nas condições e com os meios que dispunha para as desenvolver e as consolidar. Sabia-se que na Europa algumas irmandades estavam

abertas para acolher os pobres e as mulheres, mas não com os meios parques e com tamanha audácia quanto os desenvolvidos pelo padre Ibiapina.



Figura 11 - Estátua de gesso do padre Ibiapina
Fonte: Acervo Pessoal

Eduardo Hoornaert (1974, p. 98 - 105) acerca da tradição católica no Brasil, percebe que o catolicismo popular presente no povo é repleto de uma cultura própria, sendo a mais rica do Brasil, e que serviu de amalgama para a unidade nacional num país extenso e desejado por vários impérios. Confraternizar com as raças subalternas e acultura-las se aponta como uma tática expansionista. Passando a religião a ser esse ponto de encontro do senhor da Casa Grande

com o escravo da senzala. Encontros esse conflituosos, para não dizermos cruéis – justificar a escravidão. Chegando em 1916 a ser relacionada a temas como conformidade, paciência, fatalismo. No entanto, Hoornaert relaciona-a muito mais aos momentos de repressão, levantes e insurreições quando o povo interioriza seus medos na religião e depois passa a fazer parte da própria repressão. Um espírito de conformismo diante da impotência pessoal em liberta-se dos seus dominadores. Porém, foi esse protagonismo dos empobrecidos que se garantiu a tradição católica aos tempos de hoje. Isso se deu nas relações entre o patriarcado e o catolicismo popular. Está presente nos cantos, danças, rezas, nas benzedeadas, nas celebrações etc.

O que impressiona é que os bispos demoram em perceber a importância de toda essa movimentação no âmbito da religiosidade popular. Eles pensam em outras coisas [...] Para os bispos, não é tão fácil aceitar isso, mas não há como fugir da evidência. Inclusive, o povo sustenta financeiramente a hierarquia e lhe confere prestígio e honorabilidade. Aceitar essa dependência estrutural exige uma boa dose de humildade por parte do episcopado. Mas não existe alternativa. Afinal, o que é um bispo sem a religiosidade popular? Podemos fazer a mesma pergunta hoje em relação ao papa: o que seria dele sem a religiosidade popular? (HOORNAERT, 2013, p. 3-10).

Assim percebemos a importância das missões e demais rituais populares para a consolidação do catolicismo brasileiro, ou mesmo para a configuração religiosa de determinada instituição, seja católica ou não.

2.3 RELIGIOSIDADE POPULAR NAS CASAS DE CARIDADE E MISSÕES DO PADRE IBIAPINA

Para o homem do interior, que vive isolado em sua pequena comunidade rural ou na pequena cidade, a experiência da grande festa do santo, com a afluência de uma massa de devotos é, certamente, uma experiência marcante. Uma romaria que culmina com a festa do santo de devoção é certamente inesquecível! (OLIVEIRA, 1985, p. 117).

O homem e a mulher do campo, o povo mais humilde e que vivem à margem da sociedade são os que mais se envolvem e vivenciam de tal religiosidade. A preparação do solo para a plantação da lavoura, a colheita e a própria falta de chuvas são motivos para celebrar, suscita novas devoções aos “santos” e as entidades que possam lhes socorrer diante do infortúnio ou mesmo para agradecer a proteção e o sucesso na colheita.

Nesta dissertação passamos a considerar o padre Ibiapina como um agente de religiosidade comum ao campo do catolicismo popular, particularmente o brasileiro, pertinente ao espaço de ressignificação do culto católico oficial.

A religiosidade popular expressa esse conjunto de construções simbólicas, uma plêiade de fenômenos religiosos decorrentes da interação cultural tanto religiosa quanto social. Ao tratarmos de devoção popular ou religiosidade popular estamos nos referindo ao modelo de religiosidade, ou mesmo de espiritualidade, que se apresenta como uma prática religiosa de contestação a ordem estabelecida e até mesmo díspare do método tradicional romanizante. Apresenta-se numa estrutura religiosa diferente em suas celebrações, na maneira de como o agente religioso se relaciona com o sagrado e com a comunidade religiosa. Geralmente o devoto e ou o leigo firmam um acordo com os “santos”, uma espécie de contrato no qual o fiel se compromete em retribuir simbolicamente com algum tipo de material ou ato subjetivo (prenda). (OLIVEIRA, 1985, p. 113).



Figura 12 - Casa do padre Ibiapina (a esquerda) e Casa dos Milagres (a direita)
Fonte: Acervo Pessoal

A Casa do padre Ibiapina (Figura 12, acima) está situada no centro do Santuário Padre Ibiapina Santa Fé, município de Solânea - PB, nos limites com Arara. Tornou-se o centro de convergência das devoções para o padre Ibiapina. A casa se encontra em excelente estado de conservação i é visitada assiduamente independentemente dos dias das festas a ele dedicada. É o ponto de maior visitação depois da Casa dos Milagres.



Figura 13 - Peleja do Pilão

Fonte: Acervo Pessoal

O que se pode ver na figura 13 acima são manifestações dessa subjetividade religiosa revelada no cotidiano devocional. Há os que se comprazem realizando algum tipo de magia como é o caso da mão de pilão que se fixada ao centro do pilão em apenas três toque livres, assegurará ao devoto que seus pedidos serão atendidos. A quantidade de pessoas em busca desse tipo de prenda religiosa é tanta, que nos festejos em homenagem aos 134 anos de falecimento do padre Ibiapina, ocorrido no dia 19 de fevereiro deste, foi necessário retirar o pilão e deixá-lo em uma área mais aberta. Geralmente este pilão fica na cozinha da Casa dos Milagres. Outros romeiros preferem perscrutar o silêncio em meio a tanto barulho.

As missões realizadas pelo padre Ibiapina no nordeste paraibano estão inseridas nesse contexto de religiosidade popular. Curioso é notar que é ele mesmo quem suscita no povo humilde e marginalizado essas práticas inovadoras ao seu tempo. Se tais missões ordinariamente eram motivadas pelo simples desejo de perpetuação e consolidação dos dogmas católicos; o padre Ibiapina traça um novo caminho. O Caminho da valorização do ser humano. Evangelizar a partir da solução das questões essenciais ao existir e à sobrevivência de um povo desprovido do mais básico recurso natural para viver e morrer – água, comida. Restando-lhes apenas a fé. As missões geralmente tinham início com uma missa seguida de sermões dogmáticos e morais, mas logo se seguia um grande mutirão onde todos, envoltos dos ideais de salvação e amor ao próximo, acorriam para participar. Essa prática do mutirão foi herdada dos índios (nativos) da Paraíba.

As romarias, guardadas as ressalvas, é algo mais transitório que geralmente se caracteriza por uma caminhada ligando um ponto a outro, ambas são um tipo de festa religiosa. As missões são mais completas em seus rituais e tempo, um tempo cronológico mais extenso. Trata-se em geral de uma festa em homenagem ao devotado ou “santo”. Nela se renova e se revive os rituais, se resgata os mitos, se estabelece novos valores e resgata os que parecia cair no esquecimento. Uma festa com destaque para as rezas, as orações comuns e especiais voltadas ao devotado (ladainhas, preces, música, procissões etc.). As músicas cumprem o papel nostálgico de resgatar na memória do devoto os fatos, a mensagem e os feitos que o devotado realizou em vida.

Nas figuras 14 e 15 abaixo, encontramos os elementos que compõem uma festa religiosa. O momento da festa religiosa segue com missa, cantos e orações, visitas aos ambientes sacralizados. A festa também serve como instrumento de coesão do grupo em torno do celebrado, rememorado. Toda comunidade de devotos se reúne para promover a festa em honra do “santo”, da figura humana divinizada. Trata-se de uma celebração coletiva, comunitária que aproxima o indivíduo com seus semelhantes de *práxi Cristiana*. É o tempo propício para oferecer ofertas, oferendas, pagar as promessas, agradecer os pedidos atendidos ou fortalecer com novas orações e ofertas. Também vale salientar que se trata de um complemento ao culto particular, doméstico, serve para fortalecer a devoção individual na coletividade (OLIVEIRA, 1983).



Figura 14 - Festa Religiosa (missa festiva)
Fonte: Acervo Pessoal



Figura 15 - Festa Religiosa
Fonte: Acervo Pessoal

No ano de 1863, foi o nosso Santo Apóstolo chamado para pregar em Bananeiras... tendo sido encontrado por quase todos os habitantes do lugar, que o acompanhavam com o coração farto de prazer, cantando louvores aos Sagrados Corações de Jesus e de Maria [...] falou da intenção que tinha de fazer ali a grandiosa obra da Matriz (CARVALHO, 2008, p. 45).

O respeito e a credibilidade do povo das missões com o pe. Ibiapina e seu poder de persuasão sobre eles era tanta, ao ponto de tudo se confundir numa mesma celeuma de dilemas religiosos. Nessa mesma missão em Bananeiras quando as obras começaram muitos ossos foram encontrados nas escavações, mas logo o missionário providenciou um depósito para colocá-los. O fato que chamou a atenção foi o pedido feito as moças mais jovens e vaidosas da cidade – “que fosse elas as primeiras a carregarem os ossos e a terra mais putrefata que houver nos alicerces”. E as mesmas atenderam prontamente como se estivessem banhando-se em rios de enfeites.

Continuemos o relato sobre a missão em Bananeiras:

Em bois não quero que venha...chegando no lugar, mandou botar quatro meninos de anjo, com bandeirinhas nas mãos, em cima da madeira, que já estava nos ombros dos homens, e vieram cantando louvores a Deus sem a menor dificuldade (*apud* CARVALHO, 2008, p. 49).

O relato atribuído a Bernardino Gomes, menciona que seria necessário várias juntas de boi para transportar o cruzeiro até a matriz. Para Brandão (1986) trata-se de um sistema de ajuda mútua entre o devoto e o divino presente em todo o sistema religioso popular.

No entanto, se percebe nos relatos das missões e nos relatos das Casas de Caridade que a finalidade primordial dele era erguer as Casas de Caridades e demais obras sociais para combater a pobreza e o cólera que tanto assolava a região. Assim, poderemos supor que o padre Ibiapina se estabelece e se firma no cotidiano das missões com práticas semelhantes a ponto de ser aclamado de pai Ibiapina. Mesmo que, em sua maioria, o milagre não estivesse vinculado a uma única pessoa em particular, os devotos permanecem fiéis na certeza de encontrar ali a proteção necessária para enfrentar os infortúnios da vida. Toda via, o sagrado é tido como um amuleto de sorte e proteção que pode ser atingido na vivência com o grupo religioso, no caso em questão, as missões realizadas pelo padre Ibiapina.

Já as Casas de Caridades fundadas no desenvolver das missões, com a intervenção do padre missionário, tinham como objetivo acolher as órfãs e viúvas e contava com o auxílio de voluntárias para atender as vítimas do cólera, delineando a prática de fé dos beatos e beatas. A devoção religiosa promovida nas CC era mais romanizada regida por leituras de textos

sagrados, ofício divino, ofício de Nossa Senhora, Ladainhas. Tudo dosado com trabalho e estudos didáticos.

As práticas devocionais de orações, penitências e trabalhos expedidas no regulamento interno das CC são uma clara evidência dessa intencionalidade do Padre em orientar religiosamente para a “*devotio moderna*”. Sua prática fundava-se numa espiritualidade herdeira da chamada ‘devoção moderna’, ou ‘vida comum’, um movimento leigo já atuante no sul da atual Holanda. O movimento da devoção moderna tem seu início no século XIV, com base nos Países Baixos, desde os últimos séculos da idade média (séculos XIV e XV). A ideia básica é que o ‘mundo’ também é lugar de santificação. Tomás de Kempis era um dos autores decisivos dessa nova espiritualidade, apontando com sua reflexão o caminho da interioridade.

É por meio da Imitação de Cristo que a espiritualidade moderna ganha seu florescimento, com decisivos traços psicológicos, preocupada sobretudo em discernir os movimentos da alma que busca seguir a Jesus Cristo. Há que sublinhar a herança agostiniana desse movimento em direção à interioridade, pois foi Agostinho quem lançou as bases de uma tradição ocidental específica da interioridade ou da subjetividade, do cultivo de um espaço interior resguardado para se buscar a Deus [...] (KEMPIS, 2014, p.17).

Considerando que o nordeste do seu tempo passava por uma situação econômica e epidêmica bem semelhante à da Holanda do século XV quando ressurgiu essa devoção medieval: a peste negra, as catástrofes. Os reformadores pensavam que a vivência espiritual por um viés mais subjetivo levaria as respostas e a superar os traumas que a modernidade não respondiam nem solucionavam.

Dessa forma é possível perceber que o padre Ibiapina permaneceu atuante e presente na vida do povo e nas ações de uma Igreja/povo que, mesmo sem o reconhecimento oficial, seguiu sua missão na contramão dos interesses eclesiásticos e mercadológicos. Tomando como metodologia fundante dos seus sermões algumas perícopes dos livros sapienciais: Eclesiastes e Provérbios, e assim buscou legitimar suas atividades à luz do evangelho e da literatura sapiencial para se contrapor a situação de abandono, exclusão e falta de assistência na qual o povo se encontrava (LIMA, 2011).

Isto só foi possível porque o padre Ibiapina tinha entrado no lado amargo de nossa sociedade à época, tinha-a visto em todas as suas faces, em toda a sua hediondez. Na miséria em que se debatiam as classes menos favorecidas pela fortuna, ele tinha visto milhares de infelizes órfãos, arrastando os andrajos da miséria, a tiritar de fome e frio’ (MARIZ, 1997, p. 68).

[...] na centralidade da cultura popular, no meio do povo simples, a religião continuou a ser instância de consolo, justificação, sentido, significação, salvação, não raramente resistência e oposição a opressores de toda a sorte (BRANDÃO, 1985, p. 46).

É possível acreditar que os cristãos, que se reuniam em torno das missões buscando amparo nas práticas religiosas fomentadas e ministrada pelo padre Ibiapina. Tais atitudes revelam uma fuga de seus dilemas sociais para sufocá-los em meio a religiosidade popular, o que se constatava de igual forma nos escravizados do período colonial brasileiro. Estes encontravam nos cantos, danças e ritos cristãos um aporte escatológico para resistir tamanha insanidade senhorial e clerical. Hoornaert (1974, p. 103) afirma que não há como negar a estreita relação existente entre religiosidade popular e os sistemas de repressão.

A experiência do sagrado vivida pelo povo das missões e das CC fundadas por Ibiapina no nordeste brasileiro, aponta para uma outra realidade bastante divergente da vivida por aquele povo, seja por meio dos milagres, das missas, das CC, das obras de caridades e de outros meios não revelados por seus editores e narradores. Transportavam para aquela experiência sagrada o centro cósmico de renovação e reestruturação cosmogônica ao suscitar nova esperança e novas práticas regeneradoras do agir humano. Por vezes os hospitais, as CC e a própria missão se transformavam nesse *axis mundi*. Esse centro (*Axis Mundi*) dá sentido real e inteligível ao existir e ao agir humano.

Eu que soffria de catarrão que se aggravava logo que tocava em aguas quentes e sujas, estando dessa vez ameaçado de febre quis fazer a experiência [...]. Fui ao açude: a agua estava toda baldeada dos porcos[...] a cor era como a manipueira. Bebi dessa água, era tão ruim que chegou a enjoar-me[...], me acho bom desse sofrimento que tanto me affligia. Isso público em fé de verdade, para honra e glória de Deus (SILVA, 1915, p. 100).

O trecho acima se refere ao testemunho do Irmão Aurélio¹⁶, ou como o próprio editor declara - que sirva para que todos conheçam o ocorrido e glorifiquem a Deus. O Fato se deu nas missões em Milagres- CE no ano de 1869. O açude de Arara, certamente não se trata do retratado na figura 16, uma vez que o açude propriamente dito tende a ser mais extenso e que ele teria construído outros na cidade. As informações colhidas não oferecem condições seguras para tal afirmação. Ao certo um açude foi construído em Arara no ano de 1873 pelo padre Ibiapina, dois anos antes de ficar de cama (MARIZ, 1997, p. 75). Foi no ano de 1873 que o

¹⁶ Trata-se de um seguidor devoto do padre Ibiapina. Transcrição feitas por Carvalho (2008, p. 72- 80)

padre Ibiapina deu início a construção do açude de Arara para sustentar a Casa de Santa Fé que segundo Carvalho (2008, p. 113) esteve em atividade até o ano de 1925.

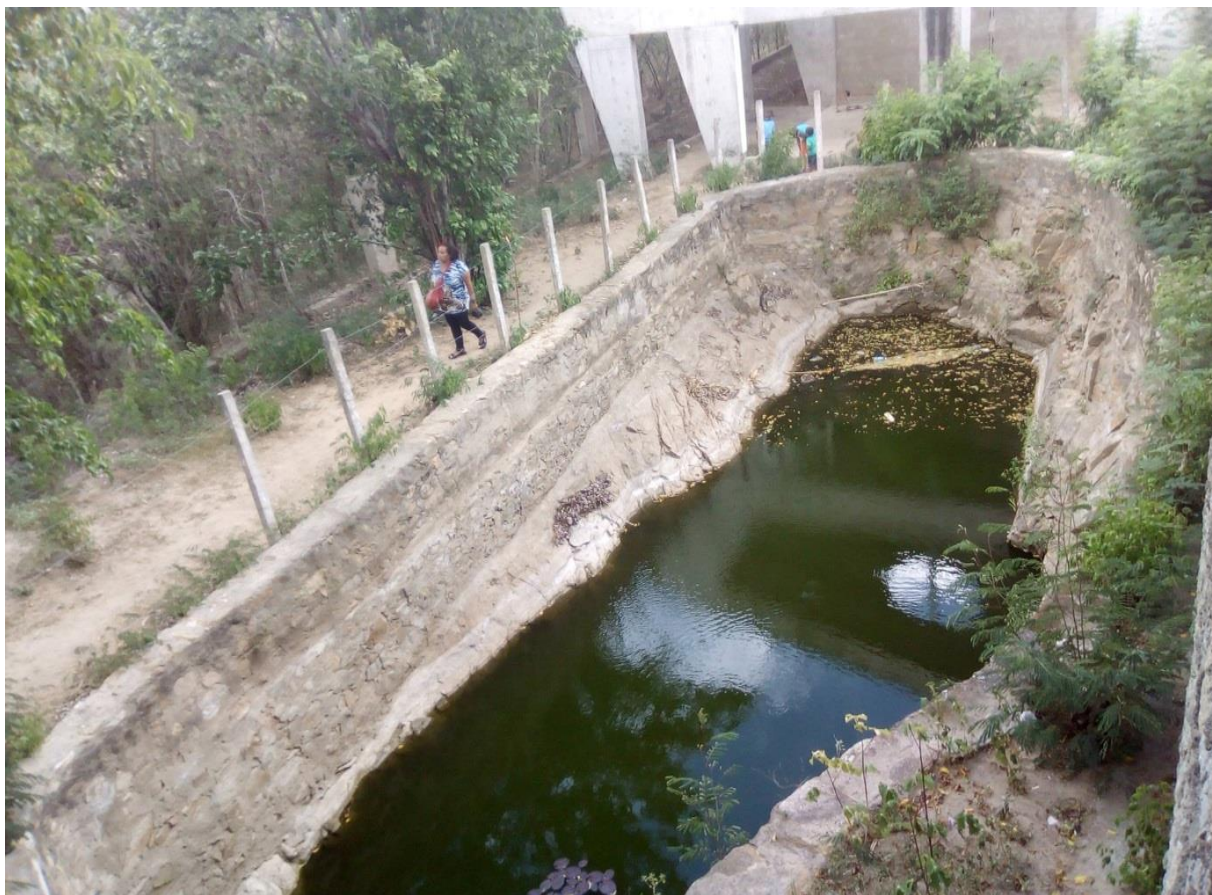


Figura 16 – Poço construído pelo padre em Santa Fé
Fonte: Acervo Pessoal

A missionária Glória Praxedes¹⁷ denomina o retratado na figura 16 de barreiro que também teria sido construído por Ibiapina e que nunca secou, segundo os populares que por ali residem. Essa temática do açude ou mesmo do barreiro se repete ao longo dos relatos dos editores da biografia do padre e missionário. Um deles se deu em Barbalha¹⁸ e que Carvalho (2008, p. 67-72) transcreve com o título “A fonte de Caldas”. Neste relato o autor descreve como teria ocorrido a cura de uma parálitica de nome Luzia Pezinhos que rogava desesperada que o padre Ibiapina lhe ensinasse um remédio para sua enfermidade. O padre lhe respondeu que se banhasse na fonte de Caldas três vezes ao dia ao sair do sol durante três dias. O fato teria ocorrido no dia 20 de junho de 1868, tendo alcançado a cura Luzia acompanhou as missões até

¹⁷ Irmã e beata do padre Ibiapina. Faz parte do grupo missionário do MFRAC e juntamente com a irmã Vera foram responsáveis pelo resgate cultural e religioso do Santuário Ibiapina Santa Fé em 1988 a convite do padre Cristiano.

¹⁸ Barbalha é um município brasileiro do estado do Ceará. Localiza-se na Região Metropolitana do Cariri, Mesorregião do Sul Cearense, a 553 quilômetros da capital do estado, Fortaleza.

o dia 31 de agosto do mesmo ano na cidade de Crato como prova incontestada do milagre alcançado. Os relatos dos milagres e curas na fonte de Caldas são vários, cura de epiléticos, de enfermos do cólera, pessoas simples e de reconhecimento público, pardos e libertos, senhores e doutores. Com tanta notoriedade à fonte de Caldas logo a população passou a referir-se a fonte como Fonte da Caridade.

Para compreendermos como essa semântica se explica consideremos que culturalmente o açude é o lugar sagrado de onde se extrai a água que serve para lavar, limpar, cozinhar e matar a sede. Acima de tudo, para o nordestino e sertanejo, representa a vida. A crença popular dos devotos das missões atribuía a Ibiapina o advento das chuvas. Assim estava posta as condições mitológicas e cosmogônicas para fundamentar o ritual de cura. O mito é o de cura. O cosmo está representado no açude que acolhe a chuva vinda dos céus e que, segundo a crença popular, teria sido invocada a Deus pelo missionário. Criando assim, um novo mundo capaz de restaurar a criação doentia e febril restabelecendo a esperança e recriando um mundo novo (*axis mundi*). A “circularidade” do açude alude a esse *axis mundi*, um ambiente repleto de sacralidade mítica. E por essas vias o povo das missões participava da transfiguração do sagrado no espaço até então profano e na crença de um recomeço, uma restauração do tempo presente e o acesso ao sagrado, mesmo que seja por um instante eterno ressignificando seu existir humano (ELIADE 1972, p. 22 - 28; 1992, p. 307 - 330).

Para compreendermos melhor essa análise do existir humano manifestada nas experiências com o sagrado, considerando o exposto no mapa conceitual 02 exposto na página seguinte, e observe a propositura organizada na tabela abaixo:

Tabela 1 – Comunicação Cosmogônica

AXIS MUNDI	COSMO	HOMEM	MITO	CULTURA	HISTÓRIA
Açude	as missões	Aurélio	Ibiapina	chuva/milagre	seca/fome
Centro	Ritos de	Cura	Herói	Rito	mitemas
Cosmogônico	passagem	→	Escatologia	→ →	“in illo tempore”

Fonte: Esquema Pessoal

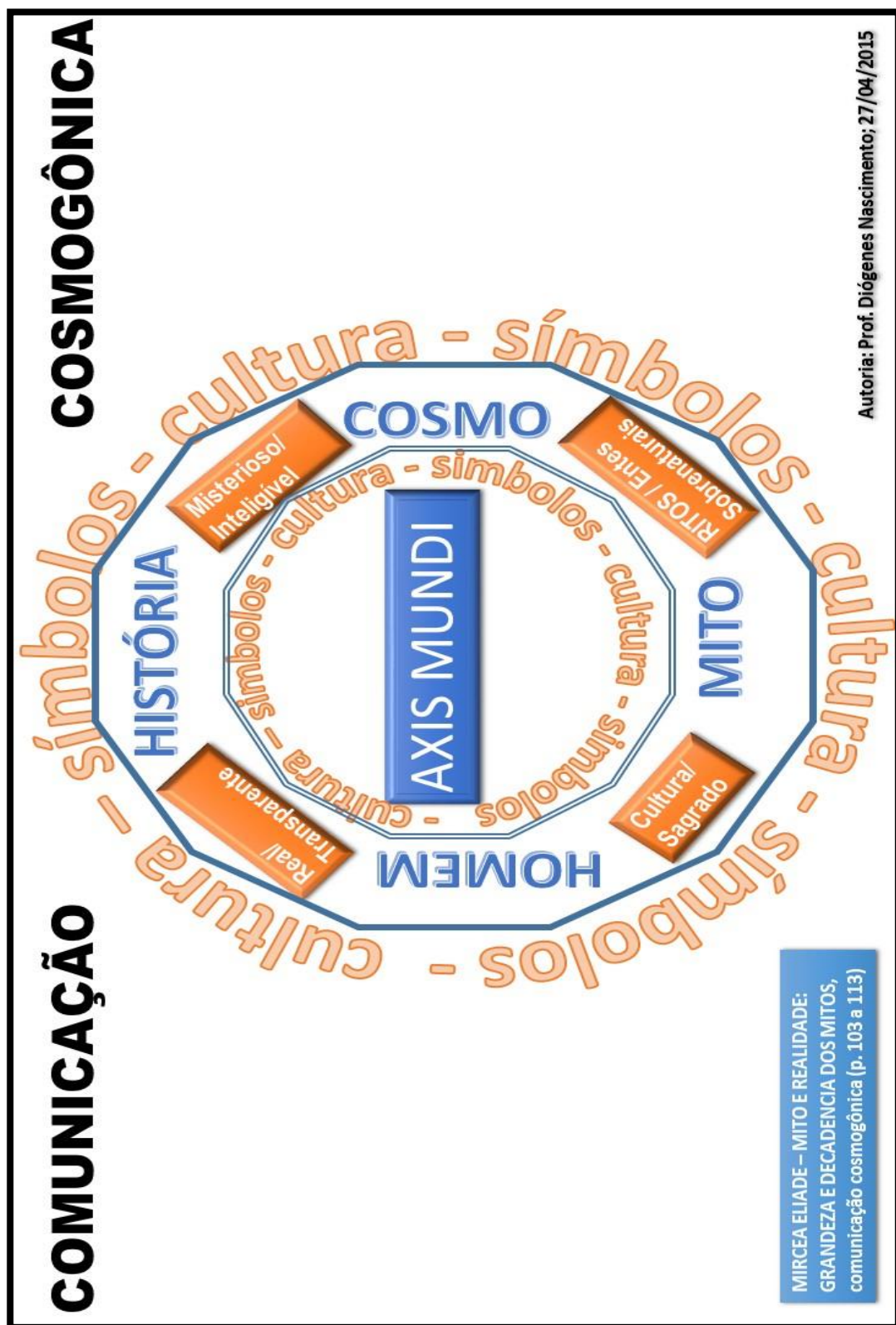


Figura 17
Mapa Conceitual 2 – Comunicação Cosmogônica
Fonte: Esquema Pessoal

Essas são as condições que, segundo Brandão (1986, p. 86), se estabelece a legitimidade do agente de religiosidade e cria-se um vínculo de fidelidade entre os envolvidos nesse processo de reestruturação cosmogônica. O açude, as missões, o próprio Aurélio que acreditou ter recebido um milagre, o Pe. Ibiapina que mesmo não estando presente nem tendo ordenado tal fato, a chuva inesperada e sua inerência ao milagre, a instigante seca e a fome. Todos esses fatores e mitemas podem ser entendidos como elementos da vida cotidiana, do mundo real. Já na linha abaixo encontramos os elementos correspondentes ao mundo suprasensível, transcendental, sobrenatural.

O açude assume no mundo nostálgico, a representação do centro restaurador e cosmogônico; as missões podem ser vistas como um rito de passagem à medida que o devoto decide por um novo agir vivencial diferente do de antes da missão. O Aurélio passa a ser a comprovação física da presença sagrada e restauradora por meio da cura. Ibiapina é visto pelos devotos como o herói, que mesmo não estando presente nem tendo ordenado tais preceitos e rituais, lhe é atribuída a ação de intervencionista e restabelecedor da ação e da harmonia natural. Vence os mitemas (seca/fome) e restabelece a ordem cosmogônica como era no início dos tempos - Escatologia / “*in illo tempore*”.

Assim se estabelece, naturalmente para os “filhos e filhas” de Ibiapina, uma cultura de devoção ao Pai, Mestre e Missionário, que fundamentam e justificam o presente. É nesse ambiente de construção imagética que encontraremos o espelho das emoções, de prazer e desprazer, justificativas e negações, de melancolia e alegrias. Em resumo, a lógica da crença e da experiência religiosa dos “filhos e filhas” de Ibiapina (WUNENBURGER, 2005, p. 70 -72).

Os cantos, as orações, as missas, os mutirões para construção de açudes, cacimbas, cemitérios e das Casas de Caridades se tornam elementos existenciais na vida dos beatos e beatas, da gente miúda e da elite que acorriam às missões em busca de salvação, mas acima de tudo, de alento e felicidade. A miséria atingia muito mais a gente miúda, mas também os senhores de engenhos e fazendas que eram intimados pelo apóstolo Ibiapina a se redimir de suas culpas por meio de indulgências, penitências e pelo trabalho comunitário.

Nesse aspecto o povo das missões assumia para si os mesmos ideais e partilhavam das mesmas circunstâncias sociais ao ponto de encontrar nessa devoção um ato capaz de identificá-los visivelmente no meio de uma sociedade tão dispersa:

“[...] com o fim de provar religiosa abnegação, não se lhe davam mais a conservar seus nomes pelos quais eram conhecidos [...], colocavam adiante de seu primeiro nome o de Maria [...]” (MARIZ, 1997, p. 70).



Figura 18 – Peregrinos (19/01/2017)

Fonte: Acervo Pessoal

Em uma das visitas assistidas, vivenciada no dia 19 /01/2017, nos deparamos com um grupo de 5 pessoas (figura 18) que chegavam a pé da cidade de Alagoa Grande. Novamente fazemos uso desse fato para demonstrar que ainda permanece viva no devoto de hoje o mesmo sentimento identitário de pertencimento presente nos devotos do século XIX. Fato bem semelhante foi dissertado anteriormente relativo a *devotio moderna*¹⁹. Para Durkheim (2008), essa prática reflete uma ideia de religião associada a de igreja enquanto “comunidade moral, ambiente social que une todos os que compactuam das mesmas práticas e crenças”.

A religiosidade popular permanece viva nos devotos de Ibiapina, tornando-se condição essencial resultante da universalização dos interesses dos indivíduos ao consentir livremente em participar de uma nova práxi cristã pertinente aos anseios do povo de cada tempo em seus espaços e territorialidades. A religiosidade popular assume aqui mais uma vez a função de consolo e de justificativa, significando uma união identitária entre seus membros e seguidores, assumindo para si os mesmos ideais e partilhando das mesmas circunstâncias sociais chegando ao ponto de encontrar nessa devoção um aspecto único visivelmente percebido pelo demais da sociedade.

¹⁹ Será possível conferir outros aspectos da *Devotio Moderna* nas páginas 12, 46, 86, 87 e no glossário desta dissertação.

As CC e as missões correspondem a fundação desse novo mundo realizável por intermédio das experiências religiosas independente das condições racionais de compreensão do mundo profanizado. Tornando-se o centro de orientação homogênea de hierofanias sagradas e infinitas assegurando um “Centro”, um espaço totalmente outro e diferente do mundo que os circunda. Um “totalmente outro”.

O devoto, as beatas, beatos e os agentes de religiosidade popular acreditam que por meio das devoções aos “santos” e ao participarem das festas religiosas realizam seus desejos de viver em um tempo sagrado, viver num mundo real, sacralizado e santificado. Buscando técnicas de orientações e de construções do espaço sagrado, mesmo que essas não dependam apenas de seus esforços físicos.

Na realidade, o ritual pelo qual o homem constrói um espaço sagrado é eficiente à medida que ele reproduz a obra dos deuses. A fim de compreendermos melhor a necessidade de construir ritualmente o espaço sagrado, é preciso insistir um pouco na concepção tradicional do “mundo”: então logo nos daremos conta de que o “mundo” todo é, para o homem religioso, um “mundo sagrado”. [...] Ora, a existência humana só é possível graças a essa comunicação permanente com o Céu. [...] Não se pode viver sem uma “abertura” para o transcendente; em outras palavras, não se pode viver no “Caos” (ELIADE, 1972, p. 21 - 23).

Nos referimos as experiências espirituais religiosas vivenciadas nas missões e Casas de Caridade, ditas religiosidade popular, apenas como um meio de comunicação entre o sagrado e profano. Consideramos, também, que a coluna cosmogônica que liga e sustenta a Terra, Céu e regiões inferiores por vezes se estabelece nessa aglomeração de pessoas em torno das Missões e das CC. Essa comunicação se expressa, apropriadamente, pelo conjunto de práticas espirituais, de imagens, de ritos e crenças que asseguram a revelação sagrada na restauração do cosmo. É um espaço santo – Santuário.

O santuário – o “Centro” por excelência – estava ali, perto dele, na sua cidade, e a comunicação com o mundo dos deuses era-lhe afiançada pela simples entrada no templo. Mas o homo religiosus sentia a necessidade de viver sempre no Centro – tal como os achilpa, que, como vimos, traziam sempre consigo o poste sagrado, o Axis mundi, a fim de não se afastarem do Centro e permanecerem em comunicação com o mundo supra-terrestre. Numa palavra, sejam quais forem as dimensões do espaço que lhe é familiar e no qual ele se sente situado – seu país, sua cidade, sua aldeia, sua casa –, o homem religioso experimenta a necessidade de existir sempre num mundo total e organizado, num Cosmos (ELIADE, 1972, p. 27).



Figura 19 – espaço santo (missa aniversário de morte do padre Ibiapina)
Fonte: Acervo Pessoal



Figura 20 – espaço santo (novena/orações/missa)
Fonte: Acervo Pessoal

É nesse ambiente (figura 19 e 20) de religiosidade onde se reestabelece as amizades, se forma mutirões para construir açudes, casas, cemitérios. Que também nos apresenta uma mudança prática de hábitos e costumes elementares da vida cotidiana como comer, vestir, andar, namorar, casar e rezar. A figura 20 revela um dos momentos que antecede a festa religiosa. Nas noites que antecede a Festa é celebrada novenas com orações e missas. Na noite do dia 18 de fevereiro de 2017, uma noite antes do dia que se comemora os 134 anos da morte do padre Ibiapina, no fim da missa o padre Gaspar Rafael expôs em uma urna as relíquias do sacerdote²⁰. O padre Gaspar mal conseguia concluir com o ritual litúrgico e os devotos corriam para tocar na urna que ficou ali até que todos tivessem tocado na mesma. O dia seguinte teve início às 5 horas da manhã com ofício divino²¹. Temos aí um *imagno mundi*. Sendo este representado, ressanificado na sua totalidade independente do grau de impureza. E por meio dessa rememoração dos ritos é continuamente purificado em sua totalidade nos santuários-missões, santuários-casas de caridade.

Assim, poderemos considerar que as Casas de Caridade fundadas e orientadas pelo Padre Ibiapina e suas Missões são espaços sagrados de religiosidade e de manifestação cosmogônica capazes de assegurar uma renovação e reatualização do *mundus religiosus in illo tempore*, pondo fim a nostalgia humana (ELIADE, 1972).

Segundo Hoornaert (2013), o cristianismo não se estabeleceu exclusivamente por uma evangelização planejada e deliberada pelos bispos, sacerdotes ou diáconos; nem tão pouco pelos testemunhos e exemplos dos mártires, ou mesmo pela santidade dos heróis católicos ou dos seus santos. Se deu sim, por uma persistência corajosa de base social e política na sociedade e que até os dias atuais promove resultados positivos na vida das pessoas.

Padre Ibiapina se estabelece e se firma em suas missões exatamente por seu agir relacionado com as necessidades do povo, com seu dia a dia, presente na vida social e política das comunidades; e assim oferecia novos sentidos aos rituais e sistemas religiosos em suas Casas de Caridades e demais obras.

²⁰ Na urna estava um pedaço de osso colhido na exumação dos restos mortais do padre Ibiapina para o processo de canonização. Este processo de canonização será melhor relatado nas considerações finais desta dissertação.

²¹ Prática de oração já motivada e vivenciada nas CC pelo padre Ibiapina. Compreende um conjunto de orações, cantos e leituras bíblicas.

EXPRESSÕES LINGUÍSTICAS E VISUAIS NA HISTORIOGRAFIA DO PADRE IBIAPINA

Neste capítulo pretendemos analisar algumas das principais obras editoriais e biográfica a respeito da vida e da ação religiosa de Ibiapina. *O Padre Ibiapina* (NOGUEIRA, 1888), *Padre Ibiapina – traços biográficos encontrados no arquivo da Casa de Caridade de Santa Fé, em Arara* (SILVA, 1913 e '15), *Ibiapina: Um Apóstolo do Nordeste* (MARIZ, 1997) e *A Missão Ibiapina* (CARVALHO, 2008). Intentamos assim perceber as relações e implicações dos fatores sociais, políticos e religiosos para o agir catequético do padre.

3.1. IBIAPINA POR SEUS EDITORES: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

As escolhas das obras referenciais se justificam uma vez que todas foram editadas a partir do mesmo referencial bibliográfico a saber, O Padre Ibiapina de Paulino Nogueira, um com mais outros com menos reconhecimento primário ao editor. Mas todos passaram a comentar e ressaltar a personalidade emblemática de Ibiapina via os pequenos manuscritos deixados nas Casas de Caridades relatando sua vida e missão.

Nas obras de Celso Mariz, José Paulino Duarte e Paulino Nogueira, observar-se que estas só se fizeram devido aos pequenos manuscritos como os de Antônio Modesto de Maria Ibiapina e de Dona Amália Xavier e das cartas que Ibiapina escrevia para as CC. Modesto viveu 52 anos dedicados as obras de caridades do padre. O irmão Antônio Modesto foi responsável pelas informações e descrições dos últimos dias da vida do Mestre. Celso Mariz escreveu sua obra a partir dessas cartas, relatos e declarações encontradas em Santa Fé e ou enviadas por seus amigos, sobre fatos e documentos relativo as práticas missionárias do Mestre Ibiapina em outros Estados. Carvalho (2008) faz uso desse e de outros escritos em várias partes de sua obra para chamar a atenção para a consciência histórica dos que rodeavam o Padre Ibiapina. Ernando Teixeira faz o uso constante e recorrente dos manuscritos, cartas e relatos para produzir suas obras.

3.1.1. “Pereirinha”

Há 128 anos Paulino Nogueira²² publicava na Revista do Instituto do Ceará (RIC) o primeiro documento biográfico sobre Ibiapina, e desde então sua vida e obra é objeto de

²² Paulino Nogueira é percebido como o primeiro biógrafo do padre Ibiapina com a primeira publicação em 1888 na RIC, nº 2, p 157-220 (CARVALHO, 2008, p. 17).

pesquisa em Universidades e de mitificação²³ pelo povo nordestino que visita o Santuário em Santa Fé.

Nogueira foi um dos fundadores da RIC e da Faculdade Livre de Direito do Ceará, foi advogado, desembargador, secretária do Governo da Província da Bahia, vice presidente e deputado da Província do Ceará pelo partido Conservador. Recebeu o título de cavaleiro da Ordem de Cristo. Ele nasceu em 27 de fevereiro de 1842 falecendo em 15 de julho de 1908 (NOGUEIRA, 1960).

Sua obra literária pode ser considerada um marco iniciático e fundante para a consolidação do mito²⁴ Ibiapina. Numa linguagem cristianizada diríamos que Nogueira foi o responsável pela propagação das práticas e valores vividos e disseminados pelo missionário cristão para seus seguidores nos séculos seguintes aos da publicação de sua obra. Fato é que após a publicação da obra O PADRE IBIAPINA, na RIC em 1888 por ocasião do 5º aniversário de falecimento do padre, seguiu-se inúmeras publicações e relatos que corroboraram para uma vasta bibliografia sobre o referido assunto. Visão esta já defendida por Carvalho (2008).

Seu texto tem início com uma exaltação ao caráter, a humildade, ao reconhecimento póstumo àquele que fora “predestinado” a vida missionária. O autor faz uso de quatro longas páginas poéticas para justificar tamanho reconhecimento público. Mesmo quando os discursos e posicionamentos contrariavam seus interesses partidários, logo se alegava que o nobre deputado Ibiapina estaria demasiadamente imbuído dos nobres interesses populares e não conseguia enxergar a benevolência do regente e de seus pares.

Nas páginas seguintes, ressalta o empenho da família para garantir bons meios para que o filho desenvolvesse suas habilidades e potenciais. Pormenorizadamente descreve todo seu trajeto de vida e morte.

Sua organização era fraca, por isso os collegas chamavam-no Pereirinha em contraposição a outros mais corpulentos e robustos. Em princípios de 1823 Francisco Miguel poz-se de viagem para a capital, com toda a família, menos a idolatrada esposa, que havia falecido victima de um aborto. (p. 164)

Accusaram-n’o, sem razão, de ingrato, por não ter acompanhado os amigos de seu pae. No terreno das ideias, dos interesses geraes, tão somente, traduzir por ingratidão a divergência de opinião...Ingrato! porque não acompanhava o

²³A partir da ótica de Mircea Eliade passo a usá-la para dizer que suas obras e sua biografia é constantemente revivida, reatualizada, afim de resgatar uma experiência da qual não vivenciaram “*in illo tempore*”; é uma busca por uma experiência religiosa aberta e capaz de sacralizar o real perceptível.

²⁴ “‘Sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e schémes’[...]é o remate de todo o processo da imaginação, liberando energia biológica e psíquica para os indivíduos e as sociedades resolverem seus impasses existenciais. [...] ensinando através da repetição, uma proposta de organização do mundo e da sociedade” (CAVALCANTI, 2015, p. 3). Veja como a filosofia compreende o mito no glossário desta dissertação.

governo, fonte de todas as graças e benefícios. [...] Ingrato! Porque, renunciando os favores da situação, preferira seguir os ditames da sua consciência e os que estavam pelo poder votados ao ostracismo (p. 173)

Os recortes acima podem demonstrar como Paulino Nogueira contribuiu para uma construção imagética e mítica do padre Ibiapina. Os relatos podem ser entendidos como uma analogia ao Sermão da Montanha descrito no evangelho de Mateus capítulo 5, versículos de 3 a 12. Também conhecido como as bem-aventuranças. Em nota de rodapé da edição Tradução Ecumênica da Bíblia (TEB)²⁵, os editores afirmam que esse texto das bem-aventuranças é uma pré catequese e que antecede o anúncio do reino sagrado. E que as felicitações se destina aos que se colocam ao serviço do anúncio desse mesmo reino para as pessoas próximas. O mesmo ocorre quando o biógrafo resolve destacar o apelido – Pereirinha. É uma forma a ser utilizada para demonstrar que os humildes foram exaltados (cf. Mt. 5, vs. 12).

“Tendo sido infeliz no cumprimento do primeiro dever, tratou de cumprir o outro” (NOGUIERA, 1888, p. 174)

Por conseguinte, recordemos da peleja de Jonas²⁶ com a baleia:

³ Porém, Jonas se levantou para fugir da presença do Senhor para Társis [...] ¹⁷ Preparou, pois, o Senhor um grande peixe, para que tragasse a Jonas; e esteve Jonas três dias e três noites nas entranhas do peixe” (capítulo 1)
¹⁰ Falou, pois, o Senhor ao peixe, e este vomitou a Jonas na terra seca.”(capítulo 2).

Assim o leitor dos escritos de Paulino Nogueira é levado a fazer uma analogia de Jonas com o padre Ibiapina. Jonas fugia da sua missão em Társis enquanto o padre Ibiapina havia saído do seminário para a vida pública. Só retornando depois de tantas decepções, de ter sido incompreendido pelos amigos de seu pai e por seus corregilhões.

Ao fazer a descrição da vida do advogado, do juiz, do deputado e missionário, Paulino está evidenciando, mesmo sem saber, o perfil mitológico desse sacerdote. E ao cabo, suscita em seus seguidores uma pertença e uma identificação na busca pelo sagrado. O resgate da condição anterior a “queda” adâmica. Oferecendo ao povo das missões um precedente exemplar para todas as ações e situações que possam promover uma experiência visível da eternidade.

²⁵ Tradução Ecumênica da Bíblia. Essa tradução baseia-se nos escritos originais da tradução francesa TEB. Foi organizada e editada por estudiosos de diversas confissões cristãs e judaicas. Aprovada pela CNBB conforme canon 825§§1 e 2

²⁶ Ibidem, Livro de Jonas, capítulo 1 e 2.

Aos ditames de Eliade, poderíamos supor que o caminho traçado por José Antônio de Maria Ibiapina até a ordenação foi uma dessacralização em vista de uma pertença profana percebida em sua dificuldade para reencontrar as dimensões do homem religioso e sua própria maneira de viver no mundo. Foi preciso vivenciar uma experiência primária que ele a interpretou como sendo uma teofania sagrada – os 3 anos de deserto no sítio em Olinda, a conversa com o amigo Américo Militão de Freitas tido como interlocutor da ordenação sacerdotal junto a Dom Perdigão (NOGUEIRA, 1888, p. 194 - 202)

Ao fim do texto fica mais evidente a ênfase dada aos aspectos heróicos e mitológicos da vida e da missão desse missionário do nordeste. E para não termos dúvidas de sua dimensão sagrada, o autor termina seu escrito com as seguintes palavras: “Quando foi 2 horas da tarde rendeu a alma ao Creador. Nessa ocasião ouviu-se um trovão, viram-se alguns relâmpagos e caiu uma chuvinha [...] Contava 77 anos de idade e 30 de vida apostólica” (NOGUEIRA, 1888, p. 219). Através da produção e promoção de relatos dessa natureza que se fomenta a construção do mito Ibiapina, que se estabelece um culto perene em torno das obras e vida do missionário. Ora, ELIADE (1992, p. 333 - 352; 1972, p.103) e WUNENBURGER (2007, p. 65 - 67) nos asseguram que uma das funções do mito é a de promover a alegria, a de fixar um exemplo e reproduzir um oráculo.

Antes dessas palavras Nogueira relata que Ibiapina teria visto a Mãe de Deus e demonstrou isso as beatas que estavam ao seu lado. Depois volta a fazer analogias com personagens da religiosidade cristã como Paulo de Tarso e Francisco das Chagas.

Esse conjunto de analogias e descrição de visões reforçam aspectos de um homem religioso que reatualiza a cosmogonia ao dominar novos mundos, a regenerar o humano e sacralizar o *modus vivendus*, ou seja, sacralizar a dimensão existencial. E assim, ao narrar o que estava vendo, padre Ibiapina poderia estar demonstrando o seu (re)encontro com os “deuses” tal qual nos primórdios - *in illo tempore*.

Se fora realidade ou não o que o padre Ibiapina descrevera, o que deve ser considerado é que com isso ele revelou uma epifania, um pensamento indireto da realidade e até mesmo uma presença figurada da transcendência que havia naquele relato. E assim assegurava aos presentes um mistério pessoal, uma comunicação direta com o indizível e irrepresentável representado simbolicamente na transfiguração da mãe de Jesus (Maria). Levando as beatas e devotos da missão a apreender a realidade restauradora por meio da consciência humana por vias perceptíveis. Função específica da imaginação simbólica, segundo Durand (2000).

Também se assegura nessa narrativa a vitória do bem sobre o mal, da vida sobre a morte. Assegura-se ainda, o prêmio da bem-aventurança aos fiéis e humildes devotos que contemplarão a eternidade. Temas presentes nos sermões e cartas de Ibiapina.

[...] O imaginal ou o espírito não são mais que a ausência, o vazio significativo ... – ou seja, simbólico – do ser. Na imagem mais humilde, no imaginário mais incoerente, trabalha já a procura imaginal ou do espírito [...] O “não lugar” espiritual de que fala Lambert é denominado e compreendido como “não lugar concreto – e não como nada, ou seja, como sentido simbolizado de todos os lugares [...] a lição que nos dá o espelho é mostrar-nos que toda imagem tem um inverso, ela proclama a evidência do oculto (DURAND, 2000, p. 242 - 243)

O imaginário vê-se abordado [...] seja como o meio de enriquecimento do homem [...] é a expressão das disposições descontroladas do corpo e pelo efeito amplificado das emoções e paixões que nos conduzem antes a crer na realidade de nossas representações do que na ordem objetiva do mundo. [...] o imaginário é o espelho das nossas emoções... (WUNENBURGER 2007, p.66).

Dessa maneira Paulino Nogueira, mesmo sem ter consciência, estaria promovendo uma reanimação hermenêutica do mito Ibiapina por vias narrativas e argumentativas, protagonizando a passagem do mito tradicional ao literário²⁷. A estrutura poética, dialética, a recorrência analógica aos mitos bíblicos e o caráter nostálgico presente por todo texto é uma amostra dessa assertiva (WUNENBURGER, 2007, p. 49 - 50). Ibiapina poderia ser percebido nesse contexto mítico-social e político uma vez que suas ações abarcam campos do agir humano tanto sociais quanto políticos e religiosos.

Sua contribuição para a bibliografia e para os devotos do padre Ibiapina se dá nesse contexto de assegurar e garantir que seus ditos, escritos e feitos permaneçam lembrados e rememorados no imaginário dos devotos e amigos do Pai e Mestre das missões.

3.1.2. “Uma vida cumprida a sol”

Cônego José Paulino Duarte da Silva nasceu em Natal, no dia 26 de novembro de 1847, filho de Nicolau Pereira da Silva e Vitória Egipciaca das Candeias. Foi ordenado sacerdote em 31 de março de 1837. Em 1911 passou a administrar o povoado de Arara fixando

²⁷ Segundo Jean Jacques Wunenburger, é uma forma de oferecer sentido ao mito num novo contexto cultural por meio de uma narrativa argumentativa promovendo a passagem do mito tradicional ao literário. Este seria apenas um dos três caminhos para essa passagem. Um outro aporte seria o da transfiguração barroca e a bricolagem mítica.

residência em Santa Fé, onde permaneceu até 1930. Faleceu em Recife, no dia 14 de abril de 1936 (CARVALHO, 2008, p. 15).

Consideremos que Paulino Duarte dá prosseguimento aos relatos e aos fatos da vida e morte de Ibiapina. Pactua da mesma metodologia de Paulino Nogueira.

A convivência na Casa de Santa Fé pode ter-lhe oferecido as condições ideais para compreender e experienciar nas mesmas sensações, nas mesmas percepções já vivenciadas pelos filhos e filhas do Mestre. Sua obra editorial, publicada primeiro na RIC, A Imprensa²⁸ (Paraíba) e outra em 1915 pela tipografia pernambucana, enfatizam o aspecto sofredor, humilde e de predestinação ou vocação do missionário.

O editor desenvolve um relato pormenorizado das missões, da fundação das CC, dos desentendimentos, incompreensões e das relações de amizade no cotidiano do advogado, juiz, irmão, padre e missionário. E assim contribuiu para um resgate historiográfico do Missionário do Nordeste.

O destaque maior deve ser observado na persistência das analogias com figuras bíblicas e santos cristãos tais como Moisés e São Vicente de Paulo. Um outro aporte se percebe ao destaque dado a pobreza e a humildade como sinal de bênção sagrada e de confirmação da missão.

“pois o filho do homem veio, não para ser servido, mas para servir” (Mc 10, 45)

“Fez um hospital para a casa; deu habito de Nossa Senhora do Carmo a cinco irmãs; admitiu muitas na ordem de irmãs de Caridade” (SILVA, 1915, p. 123).

Esse trecho extraído da publicação de 1915 antecede ao relato da enfermidade e morte do padre. Por toda a obra se mantém esse mitema vida/morte, alegria/dor, calor/chuva, esperança/agonia. Assim como os demais editores, ele se utiliza das cartas, crônicas e relatos encontrados na Casa de Santa Fé.

3.1.3. “O educador do Nordeste”

Para Celso Mariz (1997) cabe o destaque ao educador, ao zelo e a preocupação com sua formação e amparo às mulheres, a divulgação de certas cartas, do estatuto das casas de caridade, um retrato do momento da Igreja e sua peleja com outras religiões.

²⁸ Jornal Católico fundado em 1897 pelo primeiro arcebispo da Paraíba, Dom Adauto, com a finalidade de propagar a fé e os princípios cristãos e mesmo em meios a interrupção funcionou até 1946.

As notas de roda pés, ao contrário das de Carvalho (2008), são apenas transcrições de facsímile de documentos para referendar seus escritos. Mais uma vez a obra missionária do padre Ibiapina recebe seu reconhecimento. Mesmo em meio a Segunda Guerra Mundial a obra: Ibiapina, um Missionário do Nordeste, é acolhida pela UFPB e tida como instrumento de interesse comum capaz de suscitar uma consciência histórica e social.

Seu arcabouço se firma numa colaboração historiográfica e eclesiológico. Sem com isso deixar de relacionar a importância desse religioso para a formação do catolicismo brasileiro. O que se percebe é a pouca ênfase dada ao protagonismo educacional promovido pelo sacerdote. Talvez porque já tivesse preferido tratar desse tema relacionando-o ao padre Rolim, de Cajazeiras.

3.1.4. “Eu sou o Servo”

A Missão Ibiapina é uma obra editorial, se não for a mais esclarecedora, é a que mais aproxima o leitor do cotidiano da vida e da missão do padre Ibiapina por nos esclarecer aspectos antes esquecidos ou inconclusos por seus editores.

Fato relevante se nota quanto a designação da fonte bibliográfica primária de Ibiapina. A esse respeito diz Carvalho (2008) - [...] existe uma tradição cearense em torno de Paulino Nogueira e outra em torno de José Paulino Duarte, como se ambos fosse biógrafos (p. 17).

Ao comparar os textos publicados por Paulino Duarte (Padre Ibiapina – traços biográficos encontrados no arquivo da casa de Caridade de Santa Fé, em Arara) no jornal “A Imprensa” aos de Paulino Nogueira (O Padre Ibiapina) publicado na RIC, Ernando Teixeira chega a assegurar que Paulino Nogueira é o primeiro biógrafo de Ibiapina e aos demais cabe a tarefa de editores. Equívoco, que segundo ele, se deu a partir da publicação de Celso Mariz (1997) ao relacionar Duarte como biógrafo. Carvalho (2008) acredita que a publicação no Jornal “A Imprensa” trinta anos após sua morte é uma clara demonstração de reconhecimento incontestável do trabalho e da dedicação de Ibiapina com a Igreja e a Missão. Fato sempre recorrente nas notas introdutórias de retomada das publicações, afinal foram 25 números publicados pelo jornal a “A Imprensa”, enfatizando o caráter histórico e humanístico de sua obra missionária.

Em seu primeiro capítulo, Carvalho nos apresenta vários relatos que apontam para um Ibiapina envolto as preocupações do sofrimento humano: a seca, a fome, as doenças, as

crendices do povo humilde. Mas não deixa de enfatizar o caráter religioso de sua missão e sua importância histórica para a Igreja da Paraíba e do Brasil.

Por todo o livro somos levados a uma perene questão – conciliar na mesma pessoa o revolucionário social com o moralista religioso imbuído dos princípios curiáticos romanos. Afinal “Ibiapina tomou como metodologia fundante dos seus sermões algumas perícopes dos livros sapienciais: Eclesiastes e Provérbios, e assim buscou legitimar suas atividades à luz do evangelho e da literatura sapiencial para se contrapor a situação de abandono, exclusão e falta de assistência na qual o povo se encontrava” (LIMA, 2011).

O que se percebe nitidamente é que os recortes de relatos classificados por Ernando Teixeira de Carvalho priorizam os caminhos de Ibiapina no território paraibano e em destacar a opção preferencial do missionário pelos mais pobres e marginalizados.

Outras obras que não foram aqui dissertadas, não o foram por acreditarmos que as já mencionadas atenderam ao que nos propomos.

3.2. O PAPEL DA CONSTRUÇÃO HISTORIOGRÁFICA

Compreender o papel e o contributo das obras e ações de Ibiapina passa pelo reconhecimento da formação e fomento de uma tradição religiosa em torno de sua personalidade e de suas obras como coluna mitológica para a manutenção e consolidação do cristianismo à sua época, mesmo que essa percepção fosse notada apenas pelo mesmo.

Estamos averiguando uma construção linguística e visual tanto coletiva quanto individual. A esse respeito vale ressaltar que o cristianismo se forma numa plêiade de elementos mitológicos e históricos. Seus símbolos, ritos, figuras e rituais se coadunam milenarmente as culturas locais, ressignificando e aculturando-se para manter-se vivo.

A construção historiográfica: Relatos das Missões, Atas das Sessões da Assembleia, Cartas às Casas de Caridades, Cartas aos Regentes das Províncias, Estatuto²⁹ e Regimento das Casas de Caridade, Máximas Espirituais, Poesias e Orações, seguem o oportuno elo de resgate dos acontecimentos e abre espaços para suas plausíveis interpretações e interpelações. Ao pesquisador cabe buscar uma harmonização do relato histórico com a vida espiritual. Sabendo-se, segundo Orígenes (De principis. IV, 2, 9), que ao cristianismo mito e ficção se equivalem a enigma e parábola, respectivamente (*apud* ELIADE, 1972, p. 117).

²⁹ Cf. ANEXO - D

Os primeiros biógrafos de Ibiapina, aqui classificados como sendo do campo da tradição histórica, disseminaram uma construção imagética de um agente de religiosidade capaz de assegurar uma mudança no modo de existir, criou uma relação íntima entre os entes sagrados e o homem comum. Sua historicização perpassando por uma infância difícil, angustiada; uma adolescência cheia de dilemas e dores. E quando se espera que na maturidade esses dilemas tenham sido superados, surge novos mitemas e paradigmas. A dor, o sofrimento e a morte voltam a fazer parte da vida desse sacerdote. Dessa feita, surge como um dema³⁰ a ser assassinado para gerar um mundo novo e renovado. Ao humano cabe a divinização e ao divino humanizar-se. Teremos assim um recado implícito de que ao fim se estabelece a ordem natural e a vida vence a morte (ELIADE, 1972, p. 77). A transcrição do relato da visão transfigurada de Maria e da glória celestial antes da morte corrobora para essa assertiva.

A's 6 horas d'amanhã ele olhou para a certa altura, ficou possuído de uma alegria extrema, e apontou dizendo: - Maria! Ali está Maria! Depois continuou para uma beata presente: - Minha filha, você está vendo Maria? [...] Lá está Maria[...] (NOGUEIRA, 1888, p. 219)

Nesse caso, a experiência da verbalização substituí os signos convencionais e abstratos incapazes de revelar, àquele momento, o que se pretendia claramente informar em aspectos humanos. A este grupo específico cabe a primazia do testemunho *ab origine*, não apenas recordam a história, a vivenciam. Para Mircea (1979) esse tipo de historiografia se faz útil por conservar a memória das façanhas, os nomes e personagens excepcionais e suas transmigrações. Para os gregos a memória histórica é tão importante quanto a das cosmogonias, teogonias e genealogias. Ambas superam o esquecimento e garante que a sociedade se firme a partir das experiências de outros. “Todos esses sistemas se propõem a encontrar o sentido e a direção da História universal”.

“Um sinal é uma parte do mundo físico do ser (being), um símbolo é uma parte do mundo humano do significado (meaning)” (CASSIRER, *apud* DURAND, 2000).

As expressões visuais e linguísticas tais como as percebidas nos sermões, nas missões, milagres e nas máximas são derivadas das expressões verbais contidas nos relatos

³⁰ A. E. Jensen mostrou que a vida religiosa dos cultivadores de tubérculos da zona tropical centraliza-se em torno de divindades que ele denomina divindades do tipo dema, tomando o termo dema de empréstimo aos Marind-anim da Nova Guiné. Os Marind-anim designam com esse termo as criaturas divinas e os Entes Primordiais que existiram nos Tempos míticos. Os dema são descritos ora sob forma humana, ora sob forma de animais e plantas. O mito central narra a morte da divindade-dema pelos homens-denta, mais célebre dentre todos é o mito da jovem Hainuwele, registrado por Jensen em Ceram, uma das ilhas da Nova Guiné. (*apud* ELIADE, 1979).

historiográfico. Compreendem um conjunto de imagens e símbolos repletos de sacralidade que manifestam as crenças e hábitos de um determinado grupo social. No período medieval a iconografia expressava essa junção da palavra com a imagem.

Para Durand (1996) o ícone passa a ser uma revelação verdadeira da imagem, tornando-se um símbolo figurado capaz de produzir um sentido amplo e metalinguístico. Já Eliade defende que sem o símbolo estaríamos condenados a uma falsa percepção do sagrado ou até mesmo do cosmo. Wunenbuger, ao descrever a lógica do imaginário, afirma que independente da forma ou método a ser aplicado na pesquisa sobre o sagrado ou o religioso, ele (o imaginário) representa o todo e as partes numa mesma manifestação simbólica e inseparáveis que convergem para a imagem do sagrado.

Durand (1996, p. 87), por sua vez afirma que os símbolos ao serem substituídos pelo drama discursivo alimentam a dialética e o antagonismos dos termos e, por conseguinte atribui os papéis da história permitindo decidir aquilo que faz o momento histórico, a alma de uma época, de um século, de uma idade da vida. Ou seja, analisar tais estruturas simbólicas e imaginárias pode nos conduzir à uma assertiva segura a respeito do agir e do pensar desse missionário.

Na tradição Hindu, nos primórdios da civilização existia uma divindade chamada Varuna. Essa divindade tinha o poder mágico de livrar os homens do mal com seu canto e dava-lhes a imortalidade. As cordas com as quais ela liberta e liga todas as coisas representam a justiça, a administração e a segurança real e pública. Seguindo a mesma metodologia dos editores e biógrafos de Ibiapina, poderíamos por analogia encontrar alguns aspectos da tradição Hindu aos de uma provável tradição Ibiapina.

Pregou contra todos os vícios e objectos de distrações bem como contra os balões, biqueiras, violas e guitarras; e estes objectos que foram entregues espontaneamente que elle mandou queimar publicamente, isto é 48 violas, 45 guitarras, 5 maxinhos, 4 rabecas, 3 bandolins, 2 violões, 1 tamboril, [...]. Faça ideia, meu amigo, quantos objectos de distração existião n'esta freguesia e quanta vantagem resulta do exterminio n'estes objectos de prostituição, ociosidade e desordem. Ordinariamente um tocador de viola é ocioso, ebril e desordeiro, e uma viola somente é capaz de sustentar uma orgia que desvia a mais de 50 de seus deveres; somente em uma noite quantas botelhas de aguardente não se beberá! Quantas prostituições e sangue derramado! (*apud*³¹ RIBEIRO, 2003, p.44).

³¹ Fazemos o uso do *apud* uma vez que as obras primárias (relatos e cartas) se encontrarem em poder da Comissão do Vaticano que analisa o caso da canonização do padre Ibiapina. Tais obras estão no arquivo eclesiástico da Diocese de Guarabira, com acesso restrito.

A situação em questão alude a uma admoestação para que o decaído retome a sua inteireza, se volte a convivência dos seus se afastando das orgias, da vadiagem, dos mancebos. Assim como Varuna, resguardando a analogia por comparação dialética, Ibiapina agia em defesa da segurança pública (a harmonia na Eclésia comum) e Real (Eclésia celestial). Os instrumentos utilizados para encantar os “vagabundos” e afastá-los do caminho da justiça e do trabalho, poderiam ser os mesmos que Varuna usaria para salvá-los do mal.

No entanto, diante do contexto temporal de Ibiapina, tais instrumentos deveriam ser evitados e queimados já que eram símbolos de embriaguez, prostituição e ociosidade. E ao final da queima das violas se cantava – “Já morreu o samba, Já venceu Jesus”. A queima das pontas dos vestidos se reportavam a vaidade das moças.

Escavações arqueológicas comprovam que durante os longos sete séculos entre o final do século V a.C. e o século III d.C., Asclépio foi a divindade mais venerada em todo o território pan-mediterrâneo. Ficamos impressionados com o número de templos dedicados ao deus medicinal, desde o Oriente médio ao ocidente mediterrâneo. A razão é que Asclépio é o primeiro deus do panteão grego que desceu do repouso esplêndido no monte Olimpo para se envolver com a dor da humanidade das criaturas humanas e os grandes problemas de saúde enfrentados pelas pessoas[...] Mas a mesma arqueologia que nos revela a importância de Asclépio nos revela como, a partir do século II d.C., começa a aparecer, dentro de templos tradicionalmente dedicados a Asclépio, a figura de Cristo. São invocações gravadas em pedras ou grafites sobre paredes [...] Pedras com invocações a Asclépio são reviradas, e nelas se inscrevem doravante invocações dirigidas a Cristo. As escavações demonstram que o fato é global e se verifica por toda a extensão do Império Romano: Cristo vai aos poucos substituindo Asclépio, num processo que demora séculos e culmina, no ano 381, com a proclamação oficial de Cristo como “salvador do povo romano” pelo imperador Teodósio. A partir desse momento, Cristo reina soberano sobre o imaginário ocidental e não encontra mais nenhum rival à sua altura[...] (HOORNAERT, 2013, p. 3 - 10).

O que temos acima é um exemplo histórico da práxi cristã nos primeiros séculos. Tais práticas ainda permanecem e são repetidas diariamente por várias denominações religiosas; práticas essas que compreendemos como de intolerância religiosa. Mas ensinamos demonstrar que ao tocar fogo nas violas do samba, o padre Ibiapina, mesmo de forma intolerante para os dias atuais, substituía as pedras de Asclépio pelas de Jesus Cristo. Seria uma ressignificação cultural, temas já tratados no capítulo I.

Nesta mesma missão em Bananeiras ocorre outro episódio, continuidade do citado na página 45 dessa dissertação, com o crucifixo:

[...] que com as artes necessárias empregadas por muitos homens diligenciavam subi-lo ao ar, para ser colocado no pedestal. Em chegando o pé

do cruzeiro no lugar destinado, em vez de equilibrar-se pendeu para um lado, que aterrou todo o auditório e todos gritaram: Misericórdia! Acaba-se tudo! Pois iam ser esmagados pelo cruzeiro, tal foi a forma que ele ficou. Mas sendo ele suspenso pela Providência Divina e as orações do Santo Apóstolo, viu-se como por um milagre a Santa Cruz tomar novo equilíbrio e cair direito no lugar destinado (CARVALHO, 2008, p. 50).



Figura 21 – Crucifixo na Missão Santa Fé
Fonte: Acervo Pessoal

O cruzeiro ou crucifixo era uma marca de todas as missões jesuíticas. Mesmo nos dias de hoje se fixa um símbolo visível para servir de referencial da ação evangelizadora na região. Aqui recorreremos novamente a analogia simbólica presente nessa construção imagética da cruz. O crucifixo das missões é uma peça de madeira em forma de cruz fixado geralmente em frente da igreja onde ocorria as celebrações missionárias.

Varuna é tido como um venerado mestre dos céus, faz chover e trovejar, possui característica tanto lunar quanto aquática e por ser uma divindade ligadora liga os céus a terra.

Nas páginas 48 a 50 versamos do Axis Mundi utilizando como centro cosmológico o açude. Sua simbologia restauradora do mundo sagrado, de uma restauração do tempo presente e o acesso ao sagrado, mesmo que seja por um instante eterno ressignificando seu existir

humano. Várias tradições antigas assimilaram no centro do *Axi Mundi* um poste, uma árvore, uma montanha ou mesmo uma cidade. Esse poste serve como eixo cósmico, um pilar central do mundo, ou mesmo uma escada intermediária entre os 3 cosmos (céu, terra, inferno). Tradição bastante presente nas religiões centro asiáticas e siberianas. Para Eliade (1972) esses simbolismos do centro cosmogônico poderiam ter influências de esquemas cosmológicos indo-iranianos e mesopotâmicos.

[...] a história das religiões conhece um número considerável de construções rituais de um «Centro». Notemos apenas uma coisa, importante a nosso ver: na medida em que os antigos lugares sagrados, templos ou altares perdem a sua eficácia religiosa, descobrem-se e aplicam-se outras fórmulas geomânticas, arquiteturais ou iconográficas que, ao fim e ao cabo, representam por vezes de maneira bastante estranha, o mesmo simbolismo do «Centro». (ELIADE, 1979, p. 51)

Assim sendo, o crucifixo (figura 21) é um tipo de eixo cosmogônico fixado no centro das missões, que depois de concluída servia de escada, de elo entre a terra e os céus. Tendo se convertido, trazido ao seio da igreja-comunidade, poderá a qualquer tempo rememorar e reatualizar o mito e o rito de acesso ao Centro Cosmogônico em busca de sua condição natural anterior a queda adâmica. Ao utilizar-se dessa didática catequética do eterno retorno por meio do crucifixo, Ibiapina se utilizava do poder da imagem para fixar seus discursos no cotidiano dos devotos e beatas, do povo das missões. Ao passo que os dotava de um conjunto de signos capazes de fidelizá-los aos ideais cristãos e a aliança destes com Jesus e Maria. Essa dinâmica pode ser percebida nos relatos de curas, nos cantos, nos festejos, nas atividades missionárias, em seus poemas e cartas.

Graças a cultura, um universo religioso dessacralizado e uma mitologia desmitificada formaram e nutriram a civilização ocidental, a única civilização que conseguiu tornar-se exemplar. Temos aí mais que um triunfo do logos sobre o mythos. É a vitória do livro sobre a tradição oral, do documento — sobretudo do documento escrito — sobre uma experiência vivida que só dispunha de meios de expressão pré-literários. Muitos textos escritos e obras de arte antigos pereceram. Os que restaram, entretanto, são em número suficiente para reconstituir em suas grandes linhas a admirável civilização mediterrânea (ELIADE, 1972, p 111).

3.3. CAMINHOS DE IBIAPINA

A figura 22 retrata um dos caminhos de peregrinação do padre Ibiapina. Esse circuito é desenvolvido até os dias de hoje. Aos romeiros são ofertadas quatro opções de trilhas aos moldes do Caminho de Santiago de Compostela na Espanha, com o intuito de promover o turismo religioso na região. O roteiro foi inaugurado oficialmente no dia 15 de abril de 2003.



*Figura 22 – Os Caminhos de Ibiapina
(Guarabira a Solânea)
Fonte: Acervo Pessoal*

Desse legado no Estado da Paraíba, influenciado pelos aspectos acima descritos, ressurgiu nos últimos anos do século XX por meio das irmãs missionárias do MFRAC através de um convite feito pelo então bispo de Guarabira Dom Antônio Muniz Fernandes que as convidou para administrar as ruínas da Casa de Caridade em Arara. Logo transformado em santuário com o apoio do então governador do Estado, José Targino Maranhão, através de um plano denominado Plano Amanhecer Paraíba, que objetivava o resgate histórico, arqueológico e arquitetônico da região.

Na visita participante do dia 19 de fevereiro de 2017, ocasião da Festa Religiosa dos 134 anos de morte do padre Ibiapina, tive a grata surpresa de encontrar com as irmãs Vera e Glória protagonistas desse processo religioso em Santa Fé. Na ocasião a irmã Glória me

relatou que a Caminhada teria tido início em outubro de 1997 por um convite feito pelo padre Cristiano. Que ao chegar em Santa Fé apenas a Casa Grande estava reformada e que o mato e as palmas tomavam conta das demais áreas. Por meio dos mutirões a comunidade começou a cuidar e limpar das áreas até então descuidadas. A primeira caminha dos Caminhos de Ibiapina foi organizada por uma equipe formada pelos padres Cristiano, Pe. Cícero, Pe. Jandeilson e as duas irmãs, Vera e Glória. O objetivo era sair de Arara com destino ao Juazeiro do padre Cícero refazendo a pé o mesmo caminho feito pelo padre Ibiapina, era o início do mês de outubro de 1977 e contou com a participação de 55 pessoas. Retornando da Caminhada, no dia 19 de outubro de 1997, é celebrada a primeira missa no santuário em memória do falecimento do Padre Ibiapina. Desde então as missas seguem sem interrupções. A irmã Glória relembra que essa primeira missa foi celebrada em cima de um caminhão e que a comunidade estava visivelmente muita agradecida e alegre.



Figura 23 – Os Caminhos de Ibiapina 2017 – Cruzeiro de Roma
Fonte: <https://www.facebook.com/peregrinosdafe.joaopessoa?fref=ts>

O roteiro das Caminhadas é quase sempre por estrada de barro, entre as serras e vales. Outros grupos organizam cavalgada e passeios de bicicleta. A 11ª Caminhada organizada pelo grupo Peregrinos da Fé³² (figura 23) aconteceu entre os dias 14 a 16 de julho de 2017. A caminhada é concluída com uma missa no Santuário. Nesta última estava prevista a participação do arcebispo emérito da Paraíba Dom José Maria Pires, cancelada antecipadamente por incompatibilidade de datas com outros compromissos assumidos pelo Arcebispo. O grupo Peregrinos da Fé costuma compartilhar as experiências nas redes sociais e divulgam antecipadamente as próximas caminhadas. Outros grupos também realizam esta e outras rotas dos Caminhos de Ibiapina. Por impossibilidade física este pesquisador não participou da Caminhada, pretendendo realizá-la logo que seja possível, independente do interesse acadêmico desta dissertação.

Tabela 2 - Caminhos de Ibiapina

TRILHA	PERCURSO	CIDADES ENVOLVIDAS
VIA CRUZEIRO DE ROMA OU CAMINHO VIA ROMA	60 KM Guarabira a Santa Fé	Guarabira (Memorial Frei Damião), Pirpirituba, Bananeiras, Solânea Arara
VIA TÚNEL SAMAMBAIA	55,1 km Guarabira a Santa Fé	Guarabira, Pirpirituba, Bananeiras, Borborema Solânea; Arara Cachoeira do Roncador, Sítios e Fazendas antigas
VIA CRUZEIRO DO ESPINHO	47,4 km Guarabira a Santa Fé	Guarabira; Piõeszinho Pilões Serraria; Solânea
CAMINHO DAS ARTES	90 km Guarabira a Santa Fé	Cuitegi, Alagoinhas, Alagoa Grande, Areia, Muquem, Santana, Barragem do Rauá, Cachoeira do 15

Fonte: http://www.caminhodesantiago.com.br/walter_jorge/peregrinacao_brasil/

³² Grupo de leigos devotos do padre Ibiapina. Para mais detalhes sobre a Caminhada e os caminhos realizados por esse grupo acessar <https://www.facebook.com/peregrinosdafa.joaopessoa?ref=ts&fref=ts>

Um outro roteiro pouco explorado é o de Araruna a Santa Fé. Este roteiro consta do início do Plano Amanhecer Paraíba. A Matriz Santuário Nossa Senhora da Conceição em Araruna é o ponto de partida, passando pelo Santuário de Nossa Senhora de Fátima da Pedra da Boca, Pedra do Letreiro e assim se instituía o Memorial e Santuário da Pedra da Boca e do Letreiro como parte integrante ao complexo de Santa Fé, passando por vários municípios até chegar em Arara.

Dessa forma se oferece outras condições para uma consolidação da cultura religiosa - os Caminhos de Ibiapina. Sabendo-se que a Imitação de Cristo foi o modelo fundante e norteador da vida e da religiosidade popular desse contexto em estudo. A vida e a morte, a ressurreição e regeneração, o comer e beber, o casar e o trabalhar se dão nessa perspectiva mítica. Os agentes literários, acima descritos, fazem parte desse arcabouço cristão, uns menos e outros mais, de valorização e resgate da manifestação do sagrado no ambiente católico. Mas todos colaboram em igual medida para salvaguardar a memória de práticas cristianizantes no Brasil do século XXI (KEMPIS, 2014, p.17).

IBIAPINA E OS DILEMAS RELIGIOSOS DA CONTEMPORANEIDADE

4.1 RELAÇÕES DE PODER E FÉ NO BRASIL DO SÉCULO XIX

No tempo das Missões e da fundação das Casas de Caridades pelo padre Ibiapina, a Igreja Católica Apostólica Romana foi administrada e comandada pelo Papa Pio IX (1846 a 1878) sendo o seu sucessor e administrador o Papa Leão XIII. Nessa época vigorava as regras estabelecidas no Concílio de Trento.

Neste período, a atual Arquidiocese da Paraíba, fazia parte da diocese da Bahia e posteriormente a de Olinda (1676) formada pelas capitanias de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte até o Ceará. A prelazia da Paraíba criada em 1614 e da qual serviu-se de sede perdurando até 1626, esteve eclesiasticamente e politicamente dependente da Diocese de Olinda até ser elevada a diocese em 1892, vindo a ser em 1914 Arquidiocese da Paraíba. Seu primeiro bispo e arcebispo foi dom Adauto Aurélio de Miranda Henrique.

Tendo esclarecido alguns aspectos necessários à compreensão da temática central do nosso objeto de pesquisa, passemos então a analisar os dilemas religiosos enfrentados por Ibiapina e pouco compreendido e ou pouco estudado por aqueles que já trataram desse tema.

Em 1863 Dom Luiz, bispo de sobral, proibiu o padre Ibiapina de fazer missões em Sobral e toda região norte do Ceará. Em 1869 ele foi proibido de administrar as Casas de Caridade do local. Poderíamos supor que a causa de tal ato não passaria de um ato pessoal do bispo que via em Ibiapina um eminente concorrente eclesiástico, pois era comum que com as crises do Império alguns religiosos mais afeiçoados com o povo passassem a serem tidos como lideranças, além da instabilidade da Igreja no Brasil que se encaminhava para o fim do padroado, das ressurgentes intrigas do clero por cargos eclesiásticos e com os constantes embates com a maçonaria (CARVALHO, M., 2008. p. 180 e 189).

Um outro fator que deve ser considerado e pesaria contra Ibiapina e suas práticas religiosas é ter seu nome relacionado ao grupo dos padres revolucionários imbuídos dos ideais iluministas. Sua formação acadêmica no Recife foi influenciada pelos ideais da revolução francesa. Em 1817 três sacerdotes do bispado de Olinda (Miguelinho, João Ribeiro e Roma) tinham sido fuzilados em Salvador por suas ideias em prol da independência do Brasil (HOORNAERT, 2007); seis anos depois Ibiapina chega ao convento; seu pai participou da manifestação de 1824 jurando a República do Equador (CARVALHO, 2008, p. 26). Essas ilações parecem ter um peso maior quando se revisita a historiografia de Ibiapina em seus

posicionamentos nas questões que defendeu enquanto advogado, juiz, deputado federal, chefe de polícia.

Embora 41 padres tenham seus nomes relacionados com as revoltas de 1789, 1798 e 1817; a participação do Missionário nas que se seguiram é apenas meras especulações. Teria Dom Luiz visto em Ibiapina um Miguel Hidalgo³³? Carvalho (2008, p. 27) afirma que no mais ele (o padre Ibiapina) teria convivido em um ambiente onde ainda se respirava os ares da revolução de 1817. Quanto as demais, especificamente a confederalista de 1824 o mesmo se encontrava no Ceará e também não teria presenciado a execução de Frei Caneca.

Então, como a Igreja se pronunciava oficialmente sobre tais práticas religiosas? Quais foram as doutrinas promulgadas pela Igreja Católica?

Com o pontificado de Pio IX a Igreja católica passa por uma reforma reacionária buscando desvincular-se da dependência ao Império e do envolvimento dos padres na política e assim fortalecer os laços de fidelidade clerical. Motivo de choque com o Império que insistiu em não abrir mão do controle da igreja, podendo ser justificado pelo baixo custo da mão de obra burocrática dos clérigos na estrutura administrativa do império. CARVALHO, M. (2008, p. 146) expõe e compara esses custos em um quadro onde se percebe que os ganhos dos clérigos se assemelham aos do Juiz de Direito que se iguala ao do Bispo que é de 3.600\$ e de 1.800\$ para o promotor que é igual ao custo de um Arcebispo. Ele relata que um cabo do exército percebe mais que o Arcebispo. E se pensarmos a estrutura administrativa como sendo uma flecha, o clero representaria a parte final da madeira que segura e sustenta a ponta de ferro (idem, p. 155). Daí notamos a importância estrutural e econômica do clero no Brasil oitocentista.

O padre Ibiapina também é contemporâneo do pontífice Leão XIII autor da *Rerum Novarum* publicada em 1891 que postula uma doutrina social e econômica da Igreja frente a situação de miséria na qual se encontravam os trabalhadores.

As questões ultramontanas, a Questão Religiosa, o fim do padroado e demais demandas oriundas do processo de romanização da Igreja Católica e, demais dilemas só os percebemos e os encontramos, muito mais na mente daqueles que regiam a Igreja local e a forma como os interpretavam. Para o povo das missões e para o Missionário, as questões não lhes eram conhecidas e se as conheciam não demonstravam claramente. Inexistia em suas

³³ O padre Miguel Hidalgo era um sacerdote crioulo de uma pequena cidade do México chamada de Dolores. Com os ideais iluministas na mente liderou uma insurreição com aproximadamente 80 mil pessoas denominada de Grito de Dolores. Com o estandarte de Nossa Senhora de Guadalupe a frente o povo marchou até a cidade do México reclamando melhores condições de vida. Em 1811 ele e seus líderes foram capturados e executados.

mentalidades qualquer tipo de conflito religioso entre suas práticas cristãs e seu comprometimento com a instituição religiosa. Mesmo quando um evento parecia estranho ao seu cotidiano tal relação não era denotada, como foi o caso ocorrido no dia 8 de dezembro de 1874 (CARVALHO, 2008, p. 118 e 122):

No dia 8 de dezembro estava meu Pai bem tranquilo [...] agora recebi uma carta, que me acautelasse, porque queriam prender-me [...]. Tendo passado alguns dias depois dessa primeira notícia [...] eis que chega uma pessoa com esta notícia: ‘acolá vem uma tropa que se encaminha para cá’ [...]. Entoamos o Ofício de Nossa Senhora da Conceição com muito fevor e depois deste outras orações de muito valor [...]. Porém Deus, que dirige todas as coisas por sua imensa bondade, não permitiu que nesse dia a dita tropa chegasse, porém alguns dias depois, apareceu uma que chegou até a povoação de Arara [...]. E assim foi embora, deixando-nos em paz, graças a Deus que tudo faz com o seu poder.

Segundo Carvalho (2008) este relato tem como editora uma das irmãs da Casa de Santa Fé e que este evento se deu no período em que o império discutia a anistia a Dom Vital em relação a Questão Religiosa. Este mesmo relato é comentado por Mariz (1997, p. 137-148) com o título de “Imputação de Sedicioso”. O povo de Santa Fé, beatas e beatos, órfãos e irmãs se aglomeravam com foices e cruzeiros, orações e vigílias de orações com o intuito de defender o padre Ibiapina, mesmo que lhes custassem a vida. Nota-se nos dois relatos uma tênue linha limítrofe entre o ser cristão e o ser revolucionário. Uma atitude inerente ao povo da Casa de Santa Fé e dos demais seguidores de Ibiapina, enquanto que o mesmo os admoestava para seguir orando e confiando na ação divina. Mariz (1997) ressalta a opinião de algumas autoridades da época que se pronunciaram em defesa do sacerdote, bem como traz um trecho da mensagem do presidente da província Silvino Elvidio Carneiro da Cunha à assembleia Legislativa, de outubro de 1875, na qual afirma que a população não se interessava por tais questões.

Temos assim uma Igreja que pretendia, através de alguns dos seus clérigos, incutir na memória e no cotidiano dos seus seguidores uma fidelidade institucional fundada em máximas sem amparo lógico; em algo que não encontra amparo nos primórdios da religião e do cristianismo. Estamos falando de uma corrente da igreja que pretendia manter viva as mesmas práticas medievais de doutrinação pelo medo, que conduzia solenemente seus questionadores as fogueiras ou a excomunhão tridentina. D’outra feita, nos deparamos com um sacerdote do povo que se utilizava da exegese e da hermenêutica bíblica sapiencial de cunho moral para assegurar a unidade de pensamento e de ideais nas Casas de Caridades. Impossível analisar o agir desse missionário nordestino sem considerar toda a sua trajetória de vida.

“[...] para se ter uma memória coletiva é preciso interligar as diversas memórias dos indivíduos que fazem parte do grupo identificando como proprietário daquela memória.” (HALBWACHS, 1990).

Nesse aspecto o povo das missões assumia para si os mesmos ideais e partilhavam das mesmas circunstâncias sociais ao ponto de encontrar nessa devoção um ato capaz de identificá-los visivelmente no meio de uma sociedade tão dispersa. Colocavam adiante de seus primeiros nomes o de Maria (Mariz, 1997, p. 70). E assim a religiosidade popular assume a função de consolo e de justificativa, significando uma união identitária entre seus membros e seguidores. Para Durkheim (2008), essa prática reflete uma ideia de religião associada à de igreja enquanto comunidade moral, ambiente social que une todos os que compactuam das mesmas práticas e crenças.

A religiosidade popular vivenciada pelo povo da missão do padre Ibiapina é facilmente compreendida pela ótica cultural ao definir a religião enquanto cultura. Tornando a religião uma instância de consolo, de justificativa, de sentido e significação, e por vezes de resistência as opressões de todas as formas e origem (VILHENA, 2005, p. 46)

Tentar compreender as normas morais proferidas pelo padre Ibiapina em seus sermões, as regras e o estatuto das Casas de Caridade, sua postura em relação a mulher, sem averiguar sua formação acadêmica, sua trajetória familiar, seus posicionamentos na vida pública e sobre tudo a situação social em que se encontrava as cidades onde pregou as missões. No mínimo, estaríamos analisando equivocadamente suas atitudes e ações tal qual teria feito o bispo de Sobral.

Nas Máximas Morais ou orientações oferecidas por cartas às irmãs e beatas, Ibiapina destacava de forma pejorativa a mentira, a vaidade, a preguiça, a fofoca e enfatizava a necessidade salutar de praticar a caridade e o amor ao próximo, a comunhão e a confissão.

“Coração tranquilo é vida para o corpo, mas a inveja é cárie nos ossos” (Pr. 14.30).

“O seu discurso se preocupa com a manutenção da ordem, da disciplina, do trabalho sério e produtivo e do atendimento aos pobres. A disciplina, o silêncio, o trabalho árduo e a doação plena resultarão em benefício social” (LIMA, 2011, p. 09).

Nietzsche (1998, p. 87) aponta que a moral deve ser vista e analisada em suas confluências e objetividades, e que requer uma contextualização histórica e social:

[...] ‘existe em nós um imperativo categórico’, sempre se pode perguntar: o que diz uma tal afirmação sobre aquele que a faz? Existem morais que

pretendem justificar perante os outros o seu autor; outras morais pretendem acalmá-lo e deixa-lo contente consigo mesmo; com outras ele quer crucificar e humilhar a si mesmo; com outras ele quer vingar-se, com outras esconder-se, com outras quer transfigurar-se e colocar-se nas alturas; essa moral serve para o autor esquecer, aquela, para fazê-lo esquecer de si mesmo ou de algo de si; alguns moralistas gostariam de exercer sobre a humanidade seu poder e seu capricho criador; alguns outros, talvez Kant entre eles, dão a entender com sua moral: 'o que merece respeito em mim é que sou capaz de obedecer – e com vocês não será diferente!' [...] (NIETZSCHE 1998, p. 87)

Assim consideremos a religião como um dos elementos identitários da cultura de um determinado povo e como tal se revela enquanto ideologia religiosa para certos observadores, pesquisadores e mesmo para seus adeptos; podendo ser utilizada como instrumento de poder e dominação.

A classe dominante é o lugar de uma luta pela hierarquia dos princípios de hierarquização: as frações dominantes, cujo poder se assegura no capital econômico, tem em vista impor a legitimidade da sua dominação quer por meio da própria produção simbólica, quer por meio de intermédio dos ideólogos conservadores (BOURDIEU, 1989. p.13)

Seria então possível, segundo Boudieu, afirmar que o produto de interesse desse coletivo religioso é tendenciosamente de caráter universalizante ao se apresentar distinta das demais, desmobilizando e distorcendo a integração real de um referido conjunto de classes como instrumento legitimador de sua dominação? Ou seja, a cultura estabelecida tanto pode dominar quanto ser dominada dependendo do distanciamento que se estabelece com o agente dominador.

Toda norma válida tem que preencher a condição de que as consequências e efeitos colaterais que previsivelmente resultem de sua observância universal, para a satisfação dos interesses de todo indivíduo possam ser aceitas sem coação por todos os concernidos (HABERMAS, 1989).

Talvez este seja nosso aporte teórico para uma compreensão plausível dessa questão. As questões que limitaram uma ação mais eficaz e que garantissem a continuação das ações e obras de Ibiapina se estabelecem exatamente nos meios utilizados por seus críticos em manter seus sistemas de submissão senhorial, religiosa e imperialista; enquanto que Ibiapina se utilizava dessas mesmas ferramentas simbólicas de poder objetivando assegurar os meios econômicos vitais aos que vieram em busca do seu auxílio para resistirem a sede e a fome, ao abandono e aos açoites, ao sionismo e a banalização da dignidade do corpo aos prazeres carnavais dos senhores de engenhos as espreitas nas estradas e açudes. Livrando-se de gerar mais uma criança para a roda dos enfeitados.

Assim sendo, a religiosidade popular permanece viva nos devotos de Ibiapina, tornando-se condição essencial resultante da universalização dos interesses dos indivíduos, consentem em participar de uma nova práxi cristã comum aos anseios do povo em seus espaços e territorialidades.

Percebemos, muito mais, que os dilemas mais presentes e caros ao povo nordestino e ao sacerdote Ibiapina, eram as questões de total carência educacional e econômica na qual seus fiéis se encontravam. Fato é que sua prioridade se deu na construção e administração de 22 casas de caridades, outros tantos cemitérios, escolas, açudes e cacimbões para conviver com a seca no semiárido nordestino. Como veremos a seguir.

4.2 AS MISSÕES E AS CASAS DE CARIDADES COMO PRECURSORAS DOS DILEMAS RELIGIOSOS DO SÉCULO XXI

[...] Os sertanejos, sem água para beber, acorrem às regiões menos secas do brejo, onde estava a Casa de Santa Fé[...]. Um dia, as Irmãs vieram dizer ao Padre Ibiapina que, se continuassem dando de beber a todos os que chegavam, dentro de pouco não haveria água para ninguém. Padre Ibiapina reagiu: ‘Enquanto tivermos água, haverá para todos. Quando não houver mais, morremos de sede com eles todos’. Poucas semanas depois começou a chover. (COMBLIN, 1995, p. 21-26)



Figura 24 – Potes com água para os romeiros

Fonte: Acervo Pessoal

Ainda hoje se percebe a preocupação com a ausência de água. Logo no início da festa um grupo sai em preparação dos potes com água potável. Ficam aos montes debaixo das árvores próxima a capelinha, outros são colocados na frente da casa do padre Ibiapina. O simbolismo da água está muito vivo. Mesmo que se tenha muitos ambulantes vendendo todos os tipos de produtos e alimentos, até mesmo água mineral, os romeiros fazem questão de passar nas jarras com água e ingerir ao menos um gole. “É a água santa do padre” – disse uma romeira enquanto bebia. Curioso foi perceber que ela e as pessoas que a acompanhava estavam, cada uma, com uma garrafinha de 500 ml de água mineral nas mãos. Daí a seguridade na assertiva apresentada. Deste momento em diante passamos a observar com mais detalhes se o fato se repetia, o que aconteceu por várias vezes, principalmente entre os de mais idade.

Afora as citações do início dessa dissertação que demonstram que o padre fez uma opção livre dentre tantas outras possíveis e mais hábeis e de menor esforço físico, esta última acima relativa a seca de 1877 exaure qualquer dúvida sobre o télos da sua obra missionária. Em seus momentos de reflexão a preocupação com os mais desvalidos ressurgia em seus poemas. Assim Ibiapina revela sua real intensão em cuidar do corpo e da alma, sacralizando o profanizado (corpo físico) por meio do cuidado social, da caridade. Como já citado nos objetivos das CC expresso no mesmo Estatuto, essas deveriam receber as crianças órfãs de 5 a 9 anos sendo pobres e desvalidas (Art. 2º).

Desde sua morte (19/02/1883) as pessoas costumam depositar na Casa dos Milagres os ex-votos³⁴; sempre antes do início de uma nova comemoração são todos retirados para abrir espaços para os novos ex-votos que serão depositados. E esse ciclo se repete a cada mês. A Casa dos Milagres (figura 25 e 26) é um referencial sistemático capaz de concatenar todos os mitemas, axiomas e aporte teórico para analisarmos o cotidiano do devoto durante sua estadia no Santuário. Há de se considerar que cada tipo de evento promove uma reação diferente em diferentes agentes. Uma comemoração regular mensal atrai poucas pessoas em relação aos milhares que chegam para os festejos anuais. As pessoas ali presentes trazem consigo todas as esperanças na conquista de um “milagre”, da cura de uma doença, em alcançar um trabalho ou simplesmente para agradecer o que foi conquistado. Passam um longo tempo mirando os ambientes como se estivessem se tele transportando para um outro tempo. Logo ao amanhecer as pessoas já se colocam na fila para entrar na Casa. Os que entram entristecidos, cabisbaixos e desanimados visivelmente percebe-se que ao saírem esboçam um semblante totalmente

³⁴ Cf. Glossário ao fim desta dissertação.

oposto. Nas três visitas realizadas, a maior parte do dia foi dedicado a observação *in loco* do comportamento de algumas pessoas que ali adentravam. O antes, o durante e o depois. De forma a garantir a imparcialidade e não interromper o momento de espiritualidade por elas vivenciados.

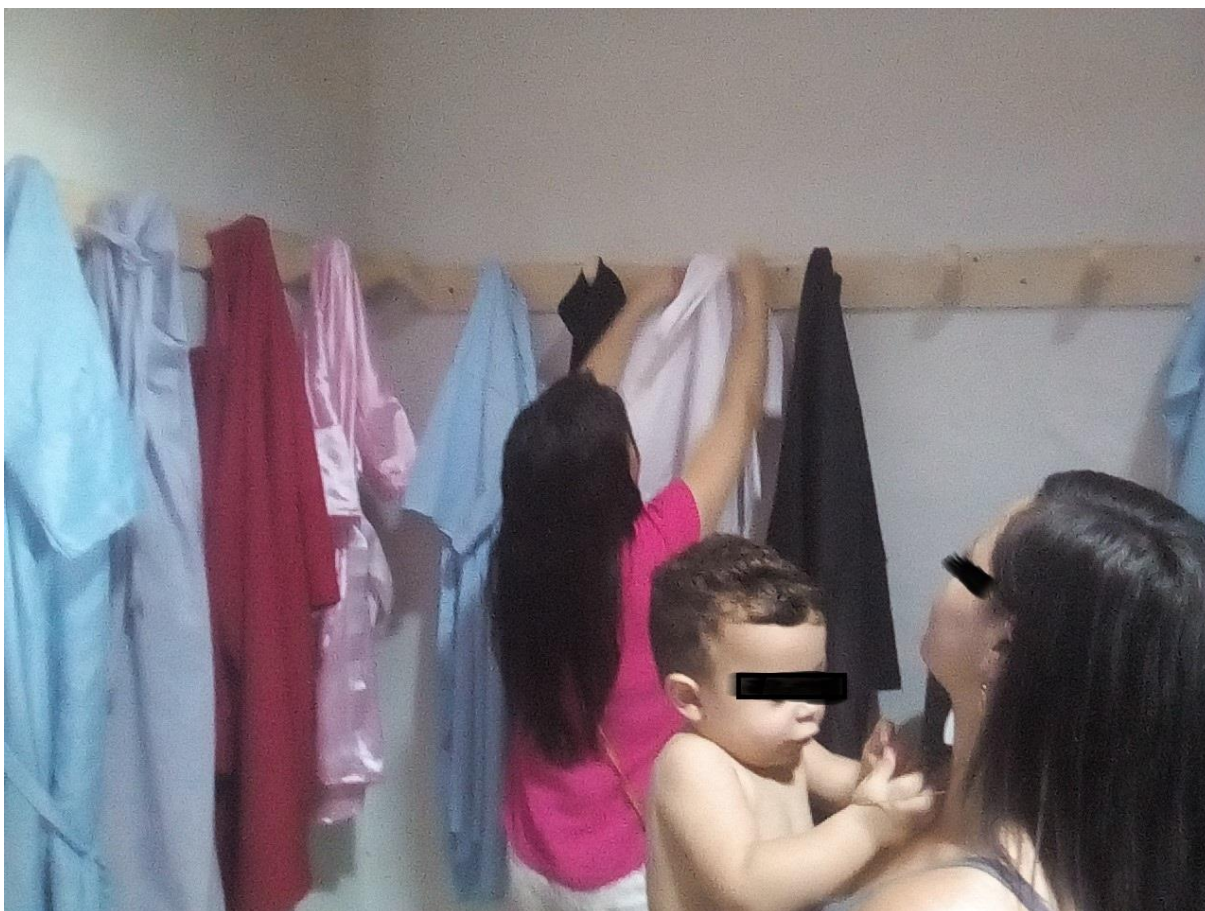


Figura 25 – Casa dos Milagres
Fonte: Acervo Pessoal

Conforme se observa na figura acima, é comum as pessoas de todas as idades virem vestidas com roupas longas semelhantes as dos padres ou dos beatos e as depositarem no quarto dentro da Casa dos Milagres. Neste caso específico, essa mãe com a criança nos braços comentava que a criança nasceu com um problema cardíaco e que recorrendo em oração ao padre Ibiapina a criança foi curada. E como forma de agradecimento veio participar da missa festiva e depositar as vestes na Casa dos Milagres como prova de ter alcançado a cura do filho.

Encontramos em nossas visitas vários relatos semelhantes a esse. Crianças, jovens, adultos e idosos chegam vestidos com trajes que vão dos pés até a cabeça como se fosse uma túnica. Chegam sempre a mostra como se quisessem ser percebidos, demoram passeando na

frente da Casa dos Milagres, antes passam na Capela para só então depositarem as vestes na Casa dos Milagres. Outros preferem só deixar as vestes depois da missa de encerramento da Festa religiosa.



Figura 26 – Casa dos Milagres (ex-votos)
Fonte: Acervo Pessoal

Outros devotos preferem demonstrar que tiveram seus pedidos atendidos trazendo uma fotografia, uma réplica em gesso, cera ou madeira representando o objeto ou parte do corpo que estava enfermo e na qual se deu a recuperação física. No caso dos objetos de madeira, cera ou gesso, que geralmente são réplicas de parte do corpo humano, servem para demonstrar que tais pessoas eram portadoras de alguma enfermidade naquela parte do corpo da qual foi feita uma réplica e os mesmos foram curados. As fotografias são em sua maioria, além de outras representações já mencionadas, de casas, de automóveis, pontos comerciais, nascimento de crianças, viagens, jogo de futebol, etc.

Outro momento bastante significativo se deu no dia 19 de fevereiro de 2017. O Santuário comemorava os 134 anos de falecimento do padre Ibiapina. O evento estava, como

de costume, sendo noticiado em vários meios de comunicação (internet, rádio, carros sons, panfletos). A área de estacionamento ficou lotada logo no início do dia. Era possível visualizar que chegava veículos de várias regiões do Nordeste, não somente da Paraíba. Além dos ônibus, chegavam caminhonetes, paus de arara, automóveis de passeios, de todas os meios se viam. Na noite anterior, o padre Gaspar Rafael Nunes da Costa (2º reitor do Santuário) e o padre José Floren (1º reitor do Santuário, até o ano de 2015) celebraram uma missa no início da noite que culminou com a exposição de um fragmento ósseo do Padre Ibiapina em uma urna. De início pensei estar sendo reportado ao período medieval tamanho fora o ímpeto com o qual a multidão ocorreu ao recipiente para tocar nas relíquias³⁵. Algo que se repetia durante todo o dia seguinte. Ao término da celebração o público continuava ao redor da urna e iam saindo aos poucos sem demonstrar nenhuma atitude de que estivessem outros compromissos.



Figura 27 – Relíquias de Ibiapina
Fonte: Acervo Pessoal

³⁵ Cf. outras anotações a esse respeito na página 57.

As Casas de Caridades, num total de 22, eram ambientes de formação completa, se analisadas aos olhos dos Pioneiros da Educação Nova³⁶. Para Mariz (1997) essas CC eram centros de formação com curso de alfabetização, de prendas domésticas, prática agrícola, ofícios de artes, além das ordinárias práticas religiosas que garantiam o equilíbrio laboral e espiritual fomentado por seu fundador. Foram mais de 58 obras públicas espalhadas pelo nordeste brasileiro. Dom José Maria Pires, também seguidor e editor das obras e vida do mestre apóstolo nos afirma:

[...] que se Ibiapina dispusesse dos recursos e assessoria que ele dispunha na época teria se tornado não só o pai dos pobres que o foi, mas o prócere de uma profunda transformação social dos males sociais que combatia e dos obstáculos à superação do subdesenvolvimento” (1984, p. 19.)

Segundo Murilo de Carvalho (2008) a situação da sede da Província da Paraíba desse período era marcada por tamanho abandono social constatado pelos registros da Casa da Misericórdia na sede da Província da Paraíba que dispunha de nove expostos (feridos) que eram deixados na “roda dos enjeitados” e amparados pelas congregações religiosas, poderíamos supor o quão dificultosa e árdua era a tarefa de abrigar 200 pessoas como fora a situação na Casa de Santa Fé entre 1880 e 1883, esta Casa é citada como a mais desprovida dentre as Casas (CARVALHO, 2008, p. 117). Outro documento que nos referenda é o próprio Estatuto das CC:

Art 5º - Além das orphans a caza poderá receber algumas mulheres para o trabalho, havendo na caza em que empregá-las. [...] Art. 7º - Serão ensinadas em doutrina e a ler nas horas vagas de trabalho [...]. Sem Pai, sem Mãe, sem ninguém, Enjeitado cruelmente. Na roda me atiraram. Como se não fora gente (MARIZ, 1997, p. 231).

A Casa dos Milagres, A Casa do Padre, A Capelinha, O Cemitério, e a Casa Grande formam a antiga Fazenda do capitão Cunha e Dona Cândida e se tornaria o Santuário Santa Fé

As CC, segundo Hoornaert era erguida e fomentada nas missões. Outros pesquisadores e pesquisadoras abordaram essa mesma temática sem vinculá-la a questões religiosas. As Máximas, o Estatuto e o Regimento das CC colaboravam para que o sistema funcionasse e atendessem ao que se propunha – educar e catequizar. Já mencionamos, acima, que

³⁶ Movimento que surgiu no início do século XX no Brasil, assinado por vinte e seis educadores que propunha uma virada educacional no sistema de ensino brasileiro, dentre eles destaque para o teólogo Plínio Salgado, Anísio Teixeira, Paulo Freire, Darcy Ribeiro, Cristovam Buarque e na Paraíba com a escola do Campo de José Comblim, (cf. AZEVEDO, 2010.)

a Capitania não conseguia atender as demandas sociais gerando um caos social nas regiões afligidas pela seca, fome e o cólera.

Em 1827 e 1834 no Brasil Imperial, por meio de decretos e atos adicionais, tentou-se criar e regulamentar o ensino público e as atividades dos magistrados, fato nada profícuo já que os sacerdotes e religiosos se imbuíam da primazia catequética. Pinheiro e Ferronato (2008) nos asseguram que apenas em 1858 surge na Parahyba do Norte uma instituição de ensino feminino e esta estava voltada para as elites, já para os meninos o Lyceu Parahybano era o instituto que os preparava (1836). O Colégio das Neves, é assim chamado para homenagear a padroeira da província. A prof^a Dra. Danielle Ventura (2009) considera as CC como casas de caridades e de educação. Como se percebe em sua própria obra, várias instituições existiam, mas não atendiam as reais necessidades dos mais pobres.

“Enfim, Ibiapina criou um sistema educativo nas casas de caridade baseado nos princípios cristãos que educava as mulheres para o casamento, introduzindo atividades de gêneros industriais, já encontradas na Casa dos Educandos Artífices cujo objetivo era garantir o sustento da sua instituição”. (VENTURA, 2009)

A Igreja Tridentina, em romanização no Brasil imperial, às vésperas do fim do padroado, resistia em relegar apenas ao homem o papel de protagonista da catequese e das casas religiosas; o padre Ibiapina acompanhou uma prática já vivenciada na Europa desde os séculos XVI e XVII, fruto de sua formação e de suas amizades. Delegou às mulheres a gestão administrativa e catequética das CC. Mesmo estando tudo sobre suas ordens finais, mesmo assim deve ser considerado como uma inovação diante dos fatos já relatados. As irmandades e instituições que conseguiram atender, mesmo que tenha sido aos mais ricos e que mesmo assim conseguiam ofertar algum tipo de desconto ou favor, podiam contar com as ajudas do Império e com suas próprias oriundas dos seus bens e patrimônios, inclusive contavam com muitos escravos. Outro aspecto que não afetava ao padre José Antônio de Maria Ibiapina. Recusava e quando aceitava um negro era na qualidade de liberto, foro. O acolhia como uma das órfãs ou órfãos.

Em livro publicado José Matos (2010) resgata as ações missionárias do padre Ibiapina como sendo um movimento de cunho religioso popular e que as CC são obras emergenciais as igualando em relativa analogia as obras de Antônio Conselheiro em Canudos. Seu legado consiste em oferecer gratuitamente uma educação das letras e da manufatura, uma vez que as CC ofereciam aprendizagem em várias áreas, era de fato, uma preparação para a vida cotidiana e escolar. Completamente gratuita protagonizada pela presença feminina, como ainda

hoje se percebe em Santa Fé. Pensar algo com essa envergadura em pleno século XIX contando com a mendicância e doações de alguns poucos coronéis, era preciso um bom planejamento e recursos próprios. Tudo de que não dispunha. Mesmo assim realizou mais de 53 obras de interesse público.

Tabela 3

OBRAS DAS MISSÕES DE IBIAPINA			
ANO	-	LOCAL	- TIPO
1854	-		
1856	-	SOLEDADADE/PB	- CEMITÉRIO
1860	-	ANGICOS, AÇU, MOSSORÓ/RN	- CASA DE CARIDADE
	-	SANTA LUZIA/PB	- CASA DE CARIDADE
	-	BARBALHA/CE	- CASA DE CARIDADE
	-	CALDAS/CE	- AÇUDE
	-	GOIANINHA/CE	- CAPELINHA
	-	GRAVATÁ/PE	- CASA DE CARIDADE
1862	-	AREIA e ALAGOA NOVA/PB	- CASA DE CARIDADE (ABRIGO)
	-	SÃO JOSÉ/CE	- CASA DE CARIDADE
	-	MOSSORÓ/CE	- CASA DE CARIDADE
1863	-	SANTANA/CE	- HOSPITAL
	-	BANANEIRAS/PB	- MATRIZ
1864	-	SÃO JOSÉ/CE	- SALA DE AULA, HOSPITAL
	-	ACARI/PB	- CASA DE CARIDADE
	-	TEIXEIRA/PB	- CASA DE CARIDADE (INCONCLUSA)
1865	-	MISSÃO VELHA/CE	- CASA DE CARIDADE E HOSPITAL
	-	FLORES/RN	- MATRIZ
1866	-	AREIA (SANTA FÉ) /PB	- CASA DE CARIDADE
	-	POCINHOS e POMBAL/PB	- CASA DE CARIDADE
1868	-	BARBALHA/CE	- CACIMBA D'ÁGUA,
			CEMITÉRIO, IGREJA
	-	CRATO/CE	- CASA DE CARIDADE
1869	-	BARBALHA (CALDAS)	- AÇUDE, CAPELA, CASA DE
			CARIDADE
	-	BARBALHA (GOIANINHA)	- CAPELA
	-	MILAGRES/CE	- CASA DE CARIDADE, HOSPITAL,
			ASÍLO, FONTES
	-	SERRA DE MAOZINHA/CE	- AÇUDE
	-	CAJAZEIRAS/PB	- CASA DE CARIDADE
	-	SOUSA/PB	- CASA DE CARIDADE
1870	-	BEZERROS/PE	- CASA DE CARIDADE
1871	-	CARNAIBINHA/PI	- CAPELA
	-	PICOS/PI	- IGREJA E CEMITÉRIO
	-	JACÓS/PI	- CEMITÉRIO
	-	BAIXA VERDE/PE	- CASA DE CARIDADE e HOSPITAL

	-	SANTA CRUZ/PE	- IGREJA E AÇUDE
1872	-	SOLEDADE/PB	- AÇUDE
	-	CABACEIRAS/PB	- CASA DE CARIDADE
1874	-	EXTREMOZ/RN	- CASA DE CARIDADE

Fonte: MENEZES. 1998, p.73- 98.

Embora Menezes (1998) tenha concatenado todas essas obras realizadas pelo padre Ibiapina, temos percebido que ainda há uma divergência em seus biógrafos e editores no quantitativo exato das obras e datas realizadas pelo missionário. Ao certo é que foram inúmeras obras de caridade realizadas em mutirões na ocasião da sua passagem por essas cidades para fazer e pregar suas missões.

Essas obras coordenadas e fomentadas pelo Padre Ibiapina atendiam as reais necessidades das províncias que ansiavam tais obras das congregações religiosas. Mas congregações que aqui chegaram vindas da Europa continuavam servindo ao Império e a nobreza. As Vicentinas, fundação criada na França em 1617 por São Vicente de Paulo, fixam-se no Brasil em 1849. Foram tidas como as pioneiras na área hospitalar, na educação feminina e no acolhimento a crianças abandonadas. Com toda a infraestrutura que dispunham em 1875 construíram 14 casas de caridade, acolhiam 300 crianças e contavam com 70 irmãs e centenas de auxiliares. Só essas informações, por si só já seriam suficientes para compreendermos a importância do legado social do padre Ibiapina para o nordeste. Até mesmo se considerarmos a Congregação Feminina do Sagrado Coração de Jesus, fundada pelo padre Gabriel Malagrida no início do século XVIII. Esta última seguiu as mesmas vias das primeiras, ou seja, priorizando as classes nobres. De todo modo a educação era privilégio das elites. O acesso à educação superior era tido como uma ferramenta de unificação e integração nacional, poderia até ser mal entendida e mal utilizada se concedida as pessoas “erradas - rebeldes”. Era compreendida como uma oportunidade para ascender na carreira eclesiástica, política ou militar (CARVALHO, M., 2008, p. 29 – 40, 57 – 70, 171 – 185). As pessoas de poucos recursos buscavam completar seus estudos nos seminários ou em escolas públicas. Os Seminários para a vida eclesiástica, a Escola Militar para carreira da Academia do exército. Carvalho, M. (2008) afirma que as escolas cediam bolsas e pequeno soldo, mas ao comparar os quadros da página 72, 78 e 79 referentes ao senso escolar e suas relações com as classes sociais, percebemos que a lógica de prioridade não se inverteu, observe:

O que se nota é uma clara relação entre os índices de alfabetismo e carreira burocrática entre os magistrados, políticos e clérigos. A alta taxa de analfabetismo é crescente e está encravada nas camadas mais pobres como pescadores, agricultores, sem função. Os de

maior posse encontravam formação na Universidade de Coimbra onde se priorizavam as ciências jurídicas francesas e italianas (CARVALHO, M. , 2008, p. 64, 171 – 181).

Sendo assim, o padre Ibiapina pode ser compreendido e analisado como um prócere da educação no nordeste brasileiro. Suas Casas de Caridade não ofereciam educação superior, nem mesmo ortogava cargos públicos ou titulações aos cargos burocráticos. Suas ações catequéticas reuni num mesmo agir os interesses da missão apostólica com as necessidades sociais do povo mais carente. Seu agir renovado ou mesmo inovador encontra amparo nessa inversão de valores sociais em favor dos agricultores, do homem do campo. Talvez tenha sido esse um dos motivos que o levaram a ser mal compreendido pela Igreja e pelo governo de sua época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos, ao longo dos relatos extraídos das obras editoriais e biográficas, que esses dilemas se encontravam muito mais na mente daqueles que regiam a igreja local e a forma como as interpretavam. Que para o povo das missões e para o Missionário as questões não lhes eram conhecidas e se as conheciam não demonstravam claramente e, ainda se existia, não encontramos em suas mentalidades qualquer tipo de conflito religioso entre suas práticas cristãs e seu comprometimento com a instituição religiosa.

O aspecto fundante da vivência do povo das missões e das CC se assenta nos mesmos ideais e nas mesmas circunstâncias sociais pertinente a devoção num ato capaz de identificá-los visivelmente passando a considerar (inconscientemente) a religião como um dos elementos identitários da cultura de um determinado povo e que como tal se revela enquanto ideologia religiosa para certos observadores, pesquisadores e mesmo para seus adeptos, podendo ser utilizada como instrumento de poder e dominação, mesmo que este seja o poder curiático, por meio da religiosidade popular vivida pelos devotos do padre Ibiapina. E assim torna-se condição essencial resultante da universalização dos interesses dos indivíduos ao consentir, livremente, em participar de uma nova práxis cristã pertinente aos anseios do povo de cada tempo em seus espaços e territorialidades.

Afinal, quais foram os elementos constituintes dessa nova *práxis* religiosa vivenciada nas missões e nas CC do padre Ibiapina no século XIX? No capítulo II dessa dissertação, tratamos dos aspectos da religião e religiosidade pertinentes a questão aqui exposta. Sem dúvida alguma, a religiosidade popular vivenciada pelos devotos, seguidores, beatos e beatas se constituiu como um desses elementos; outro aspecto se dá na espiritualidade vivida por esse mesmo grupo social, a saber a “*devotio moderna*”; um terceiro elemento constitutivo veio a ser visto como um amálgama social capaz de oferecer uma especificidade única a sua época, um novo *ethos* religioso imbuído nas questões sociais, que em primeira análise aparentava destoar do *ethos* cristão romanizante.

Nossa segunda assertiva buscava responder de que maneira e por quais vias, o padre Ibiapina pode ser considerado precursor dessa nova práxis nesse período contemporâneo. Mesmo tendo sido destacado outras personalidades na historiografia paraibana, também cabe ao sacerdote Ibiapina o papel de precursor na educação paraibana. Tema já dissertado no capítulo IV. Foi sua prática catequética que suscitou o interesse em outros sacerdotes, leigos e demais agentes de religiosidade a seguir seus passos. Dentre esses merece um destaque maior

ao padre José Comblin, as missionárias Vera e Glória, e os milhares de devotos que buscam ao menos uma vez ao ano o Santuário Padre Ibiapina Santa Fé para suas práticas devocionais.

No segundo capítulo dissertamos que a TL surgiu já na metade do século XX, que foi fruto de um expoente social sedento por respostas não respondidas pelas vias tridentina. Reclamava-se por uma igreja e uma religiosidade voltada para as questões sociais e que ao mesmo tempo cumprisse o elo de ligação com o sagrado. No Brasil, esse expoente foi exatamente um dos mais notáveis seguidores do Padre Ibiapina, padre José Comblin. Os ditames propostos pela TL já eram praticados, com as devidas ressalvas, pelo sacerdote e missionário no século XIX por meio da Devotio Moderna.

Para justificar e estabelecer a influência das obras e milagres do Padre Ibiapina na contemporaneidade (3ª assertiva), fizemos uso do capítulo III e IV desta dissertação. Percebemos e dissertamos ao longo desses dois capítulos e das demais obras referências que as práticas catequéticas fomentadas pelo padre Ibiapina permanecem sendo revividas e rememoradas cotidianamente através dos festejos religiosos mensais, todo dia 19, no santuário do Padre Ibiapina Santa Fé, Solânea-PB. Este evento atrai milhares de pessoas (fiéis, devotos, seguidores, pesquisadores). As imagens dos devotos na Missa de 134 anos de falecimento do padre Ibiapina (cf. p. 46) é uma amostra dessa assertiva.

Em conversa com o administrador do Santuário, o padre José Floren nos assegurou que foram muitas pessoas religiosas e civis influenciadas pelo padre Ibiapina. O de maior evidência, no momento, tem sido o padre José Comblin. Seguidor declarado do padre Ibiapina e que seu pedido foi ser sepultado ao lado do túmulo do mestre Ibiapina. O Padre Floren afirma que o Padre Rolim, precursor da educação em Cajazeiras, era amigo do missionário e que o Padre Ibiapina teria influenciado esse agir educacional no mesmo. Também considerou que alguns beatos do padre Cícero teriam saído das CC. Dom José Maria Pires e Dom Marcelo Pinto Carvalheira, arcebispos eméritos da Arquidiocese da Paraíba, também se declararam e escreveram sobre esse missionário.

A influência na vida do padre Comblin se apresenta de maneira tão evidente que foi peça de pesquisa acadêmica na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia pelo prof. Ms. Oliveira (2013), intitulada - Igreja dos pobres e imagens de Deus à luz da teologia do povo de Deus em José Comblin: convites à práxis cristã emergentes da Missão Ibiapina no semiárido nordestino.

Como foi possível perceber ao longo dessa dissertação, milhares de pessoas chegam mensalmente ao Santuário de Santa Fé para rezar ou simplesmente conhecer a história desse sacerdote. Outro aspecto da relevância do missionário para os dias atuais se dá com a

implantação do projeto “Os caminhos do Padre Ibiapina” que foi desenvolvido pela Organização da Sociedade Civil e de Interesse Público (OSCIP), Para’iwa, a PBTur e o SEBRAE, com a colaboração do governo do Estado, em 2004. Saindo de algumas localidades tais como Guarabira, Areia, Araruna e Bananeiras em direção a Santa Fé refazendo o percurso do missionário, inicialmente idealizada e realizada pelas irmãs Vera e Glória e demais padres já citados na página 71.

O processo de canonização do padre Ibiapina teve início no dia 22 de maio de 2016. Segundo o bispo de Guarabira, Dom Francisco Lucena, esse foi um passo muito significativo em prol da beatificação do missionário. Todo o processo transcorreu no memorial de Santa Fé e foi acompanhado por representantes do Vaticano, padre Paolo Lombardo e Paolo Vilotta. São os mesmos que participaram da verificação dos restos mortais de Inhá Chica, Irmã Dulce, Irmã Benigna e Irmão Victor. Os integrantes da Congregação para a Causa dos Santos, da Santa Sé, ouviram várias pessoas por vários dias, bem como analisaram documentos sobre as histórias de vida de José Antônio de Maria Ibiapina e dos milagres a ele atribuídos. Carvalho (2008) ao concluir sua publicação faz um relato mais detalhado desse processo desde sua origem em 1993 por Dom Marcelo Pinto Carvalheira, primeiro bispo de Guarabira.

Os escritos até então analisados só confirmam e traduz o que seus contemporâneos relataram nas crônicas e cartas encontradas em Santa Fé. Um herói do povo nordestino, um construtor de arquétipos regulador da moral, do cristianismo católico, da fraternidade, da caridade e da justiça. As obras editoriais aqui apresentadas e tantas outras que constam como referência nas demais peças acadêmicas demonstram que o Padre Ibiapina permanece sendo analisado e estudado pelas mais diversas áreas do conhecimento. Afora essas afirmações, constatamos que vários editores seguem pesquisando sobre a vida e as obras desse missionário do Nordeste, sempre inspirados e ou tomando como fonte primárias os relatos orais dos devotos dos dias atuais ou recorrendo aos escritos de seu editor Paulino Nogueira. Ainda assim, se faz necessário registrar as influências dos seus escritos e obras que suscitaram e influenciaram seguidores e devotos, já no final do século XIX, com os jornais *Cearense* e *Tribuna Catholica* e, início do século XX, com a RIC, A IMPRENSA e a VCR. Paulino Duarte, Celso Mariz, Francisco Sadoc de Araújo, Eduardo Hoornaert, José Comblin e Ernando Teixeira de Carvalho são apenas alguns dos editores que servem de aporte a questão aqui apresentada. Na rede mundial de computadores, encontramos aproximadamente trezentos e quarenta e quatro mil (344.000) resultados que fazem referência ao nome – PADRE IBIAPINA PDF. Outra notoriedade, para o mundo atual, não poderia existir.

Ao fim, resta-nos considerar que o padre José Antônio de Maria Ibiapina foi o indutor de um novo cristianismo católico no nordeste brasileiro, fomentado por meio dos seus sermões, máximas espirituais, obras missionárias e por uma prática catequética renovada inserida nas reais necessidades do povo mais necessitado. Teríamos assim, uma típica tradição Ibiapina no cristianismo católico nordestino? Notoriedade esta que pretendemos responder em outra ocasião. Sua principal notoriedade, segundo os estudos aqui elencados, aponta para uma prática libertadora por meio da caridade. Suas obras de caridade favoreceu o surgimento de uma cultura religiosa de cunho popular capaz de garantir a sobrevivência de uma comunidade religiosa combativa as adversidades sociais, políticas e religiosas do seu tempo. Comunidade esta que transpassou sua época fomentando novos devotos e seguidores, não mais caracterizada pelas Missões e Casas de Caridades, mas pela promoção da Caridade religiosa e social. A caridade tem sido o adjetivo que o qualifica com maior frequência nas obras editoriais e biográficas aqui analisadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

AZEVEDO, Fernando. **Manifestos Dos Pioneiros Da Educação Nova 1932 E Dos Educadores 1959**. Recife: Massangana, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo: um estudo sobre a Religião popular**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. **Memória do Sagrado: estudos de Religião e ritual**. São Paulo: Paulinas, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

CAVALCANTI, Carlos André. Ana Paula (Orgs.). **O que se vê nas religiões?** São Paulo: Editorial, 2015.

CARVALHO, Ernando Teixeira de. **A missão Ibiapina**. Passo Fundo: Berthier, 2008.

CARVALHO, José Murilo de. **A Construção da ordem: a elite política imperial**. Teatro de Sombras: a política imperial. 4ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CERTEAU, Michel. **A invenção do Cotidiano**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

COMBLIN, José. **Padre Ibiapina a caminho da beatificação**. Revista Vida Pastoral. São Paulo: n. 183 (Julho–agosto), p. 21-26, 1995.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa** O sistema totêmico na Austrália. Tradução Paulo Nunes. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DURAND, Gilbert. **A Imaginação Simbólica: Perspectivas do Homem**. Lisboa: Edições 70, 2000.

_____. **Campos do Imaginário**. Lisboa: Piaget, 1996.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. 3ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

_____. **Tratado de História das Religiões**. Trad: Tomaz, Fernandez et Natalia Nunes. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **Imagens e Símbolos**. Lisboa: Arcádia, 1974.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (organizadoras). **Métodos de Pesquisa**. 1ª Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOMES, Romeu. **Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa**. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 25ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

GROSS, Eduardo. Kathlen Luana de Oliveira, Iuri Andréas Reblin, Valério Guilherme Schaper, Gross, Vítor Westhelle (Orgs). **A ciência da religião no Brasil: Teses sobre sua constituição e seus desafios**. São Leopoldo: EST, 2012.

HABERMAS, Jurgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1989.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HERMANN, J. História das religiões e religiosidades. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Org.). Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 329-352.

HOORNAERT, Eduardo. “**Memória de Ibiapina, o leigo e o sacerdote**”, in REB, fasc. 266, abril, Brasília: 2007. p. 419-430.

_____. et Silveira, Ildefonso. **Crônica das casas de caridade fundadas pelo Padre Ibiapina**. São Paulo: Loyola, 1981.

_____. **O que há por traz da religiosidade popular**. Revista Vida Pastoral. Março–abril de 2013, fasc. 289, p. 03-10. In: <http://vidapastoral.com.br/o-que-ha-por-tras-da-religiosidade-popular.html>

_____. **Formação do Catolicismo Brasileiro 1550 – 1800**: ensaio de interpretações a partir dos oprimidos. Petrópolis: Vozes, 1974.

_____. **História da Igreja no Brasil**: ensaio de interpretações a partir do povo. Tomo II, 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

JÚNIOR, Agenor Soares e Silva. **As Missões Religiosas de Padre Ibiapina como Movimentos Reformadores Das Cidades Sertanejas**. CE:UVA. Revista Historiar, Vol. 08, N. 15, Ano 2016. p. 39-54

KEMPIS, Tomás de. **Imitação de Cristo: com reflexões e orações de São Francisco de Sales**. Trad. Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LE GOFF, Jaques. **A história nova**. Trad. Eduardo Brandão, 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LIMA, Danielle Ventura Bandeira de. **Padre Ibiapina e os excluídos**: entre literatura sapiencial e os evangelhos. REVISTA PARALELLUS, ano 2, n. 3, jan./jun. 2011, p. 21-32. Recife, 2011. ISSN: 2178-8162.

MATOS, Henrique Cristiano José. **Nossa história**: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil. 2 ed. São Paulo: PAULINAS, 2010.

MARIZ, Celso. **Ibiapina, um apóstolo do Nordeste**. Fac-simile da edição de 1942. 3ª Ed. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 1997.

MAUS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Tradução Paulo Neves. COSACNAIFY, 1974

MENEZES, Eduardo Diathay B. De. **Padre Ibiapina Figura Matricial do Catolicismo Sertanejo do NE**. RIC: Fortaleza, Século XIX- ANNO CXII – 1998, p.73 a 98.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 Ed., Petrópolis: Vozes, 2001.

NOGUEIRA, Paulino. **O padre Ibiapina**. ANNO II . Fortaleza: RIC, 1888, p. 157 – 220.

____. **Apontamentos autobiográficos do bel**. Paulino Nogueira Borges da Fonseca e de seus parentes, pais, irmãos e tios. ANNO LXXIV. Fortaleza: RIC, 1960, p.270 a 285.

NIETZSCHE, F. **ALÉM DO BEM E DO MAL – prelúdio a uma filosofia do futuro**. Paulo Cesar de Souza (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

OLIVEIRA, Anastácio Ferreira. de. **Igreja dos pobres e imagens de Deus à luz da teologia do povo de Deus em José Comblin**: convites à práxis cristã emergentes da Missão Ibiapina no semiárido nordestino. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Belo Horizonte, 2013.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. **Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1985.

____. **Expressões religiosas populares e liturgia**. Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 43, fasc. 72, 1983.

PIRES, José Maria. **Padre Ibiapina e a Igreja Dos Pobres**. São Paulo: Paulinas, 1984.

PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira; Cristiano de Jesus Ferronato (orgs.). **Temas sobre a a Instrução no Brasil Imperial (1822-1889)**. João Pessoa: editora Universitária/ UFPB, 2008.

RIBEIRO, Josiane Maria de Castro. **Entre a penitência do corpo e o corpo em festa**: uma análise das missões do padre Ibiapina no Ceará (186-1883). Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2003. 110fl.

SILVA, José Paulino Duarte da. **O padre Ibiapina. Paraíba**: A Imprensa, 1913. in: Revista do Instituto do Ceará - ANNO XXVII – 1913, p. 189-202.

____. **O Padre Ibiapina**: notas sobre a sua vida, extrahidas do archivo da Casa de Caridade de Santa Fé e dadas a lume pelo autor. Parahyba do Norte: Typ. Pernambucana, 1915. In: Revista do Instituto do Ceará - ANNO XXIX – 1915, p. 90 – 142.

TEB. Tradução Ecumênica da Bíblia. São Paulo: Loyola, 1994.

VILHENA, Maria Angêla. **RITOS: EXPRESSÕES E PROPRIEDADES**. São Paulo: Paulinas, 2005.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O Imaginário**. Trad. Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Ed. Loyola, 2007.

GLOSSÁRIO

EX-VOTO: Peça confeccionada em madeira, cera ou outro material, que serve para ser deixado em um lugar ou sala como demonstração da bênção ou pedido alcançado. Geralmente são representações de partes do corpo que foram curadas. Comumente encontrada em romarias, procissões e missas. Faz parte da religiosidade popular de devotos de santos e santas católicos.

DEVOTIO MODERNA: surgiu entre os Irmãos e Irmãs da Vida Comum, no século XIV. Os Irmãos e Irmãs da Vida Comum eram uma comunidade religiosa católica fundada por Gerard Groote (1340-1382), que pregava uma piedade pessoal e reflexiva usando a Bíblia como recurso. O ideal da *devotio moderna* se fixou na obra *Imitação de Cristo*, escrita "entre 1420 e 1440" (CHAUNU, 1993, p.218), por Tomás de Kempis, cônego regular, nascido em colônia, na Alemanha, em 1380. Os reformadores dos séculos XVI - católicos e protestantes - foram herdeiros da *devotio moderna*, especialmente no que tange a uma religião mais interior, mais centrada no indivíduo e mais centrada na leitura da Sagrada Escritura, dá mais ênfase na vida interior e na divulgação de uma piedade popular onde a caridade, a fé, a humildade passaram a ser mais importante que o formalismo dos ritos, sem menosprezar o culto aos santos e aos sacramentos. In: <http://www.sbpcnet.org.br/livro/62ra/resumos/resumos/5725.htm>, acessado em 16/10/2016, as 21:55hs

MITO: Na Antigüidade clássica, o Mito é considerado um produto inferior ou deformado da atividade intelectual. A ele era atribuída, no máximo, "verossimilhança", enquanto a "verdade" pertencia aos produtos genuínos do intelecto. Esse foi o ponto de vista de Platão e de Aristóteles. Platão contrapõe o Mito à verdade ou à narrativa verdadeira (Górg., 523 a), mas ao mesmo tempo atribui-lhe verossimilhança, o que, em certos campos, é a única validade a que o discurso humano pode aspirar (Tini., 29 d) e, em outros, expressa o que de melhor e mais verdadeiro se pode encontrar (Górg., 527 a). Também para Platão o Mito constitui a via humana. A esse conceito de Mito como verdade imperfeita ou diminuída frequentemente se une a atribuição de validade moral ou religiosa ao Mito. O que o Mito diz — supõe-se — não é demonstrável nem claramente concebível, mas sempre é claro o seu significado moral ou religioso, ou seja, o que ele ensina sobre a conduta do homem em relação aos outros homens ou em relação à divindade. Analogamente, atribui-se significado religioso ao Mito sempre que, com esse nome, são designadas determinadas crenças. Na linguagem comum prevalece essa acepção do significado em sua forma extrema, ou seja, como de crença dotada de validade mínima e de pouca verossimilhança; nesse sentido, chama-se de mítico o que é inatingível ou contrário aos critérios

do bom senso comum, como p. ex. "perfeição mítica" (ABBAGNANO, 2007. Dicionário de Filosofia). "O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares... Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a "sobrenaturalidade") de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e alguma vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do "sobrenatural") no Mundo (ELIADE, 1972, p. 9 a 11).

PESQUISA ELETRÔNICA – É constituída por informações extraídas de endereços eletrônicos, disponibilizados em *home page* e *site*, a partir de livros, folhetos, manuais, guias, artigos de revistas, artigos de jornais, etc. Observando a procedência do *site* ou da *home page* a fim de garantir a eficácia da atividade científica.

ORDEM DE CRISTO - É uma instituição do padroado, remanescente dos Templários (1118 de cunho militar e religioso para guardar os peregrinos na Terra Santa. Em 1310 foi extinta pelo papa Clemente V). Em 1319 o papa João XXII aprova a nova ordem a qual passou todos os bens da antiga Ordens dos Templários. Influenciavam nos poderes políticos e religiosos. ____.

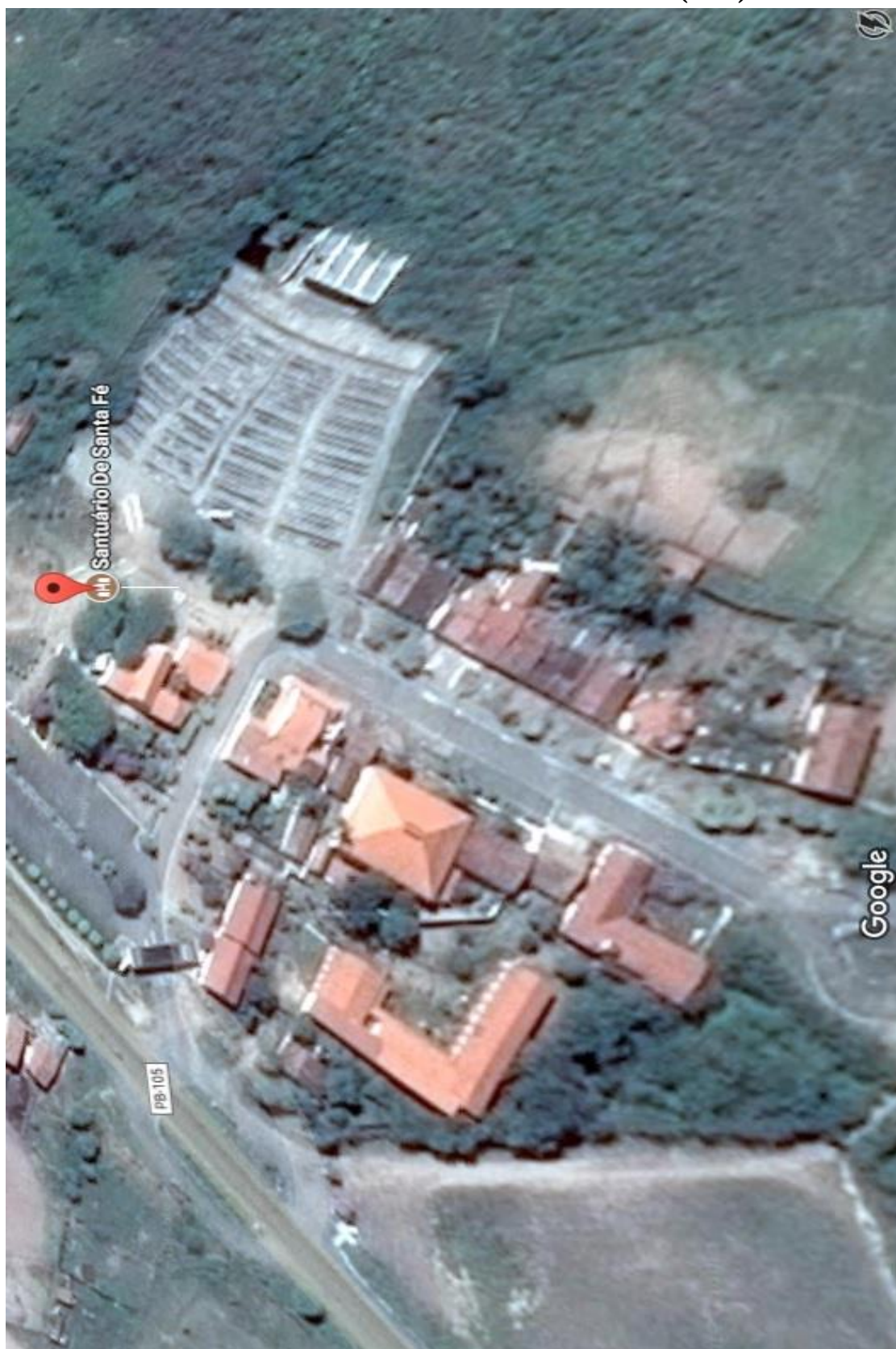
ANEXO A – LINKS PARA IMAGENS E VIDEOS DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Padre Ibiapina: Portal Youtuber (acervo público e pessoal)

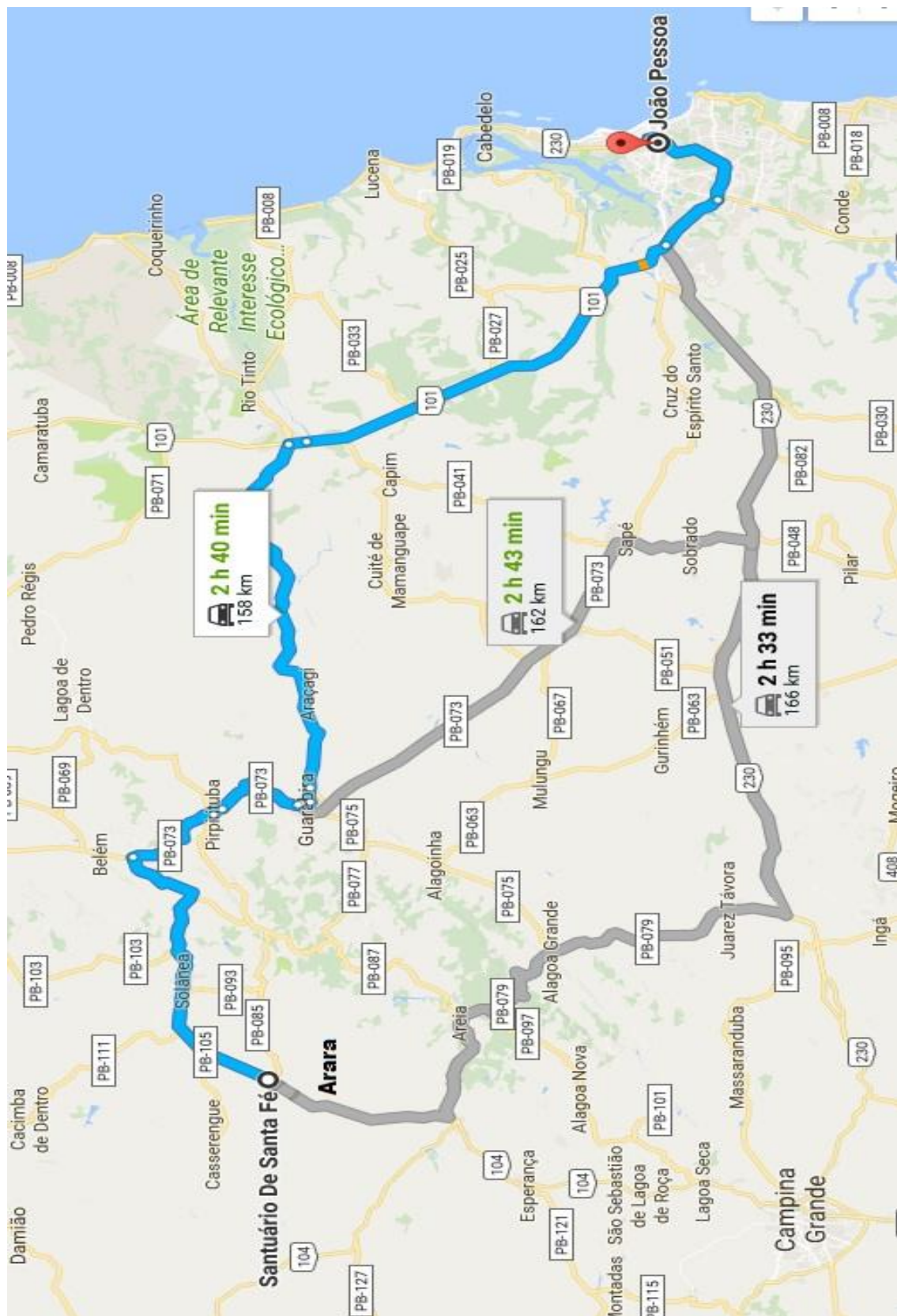
https://www.youtube.com/playlist?list=PL9EM_C91AQdF8fgz0wy5Vgf0GtRAsVqd2, em acesso em 28/02/2017, 20:30.

Imagens da Observação Participante: Portal Facebook (arquivo pessoal)

<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.1209174949138444.1073741879.100001378505062&type=1&l=2e802e3272>; acesso em 22/02/2017, 15:30.

ANEXO B – VISTA AÉREA DO SANTUÁRIO (GPS)

Fonte: <https://www.google.com.br/maps>



Fonte: <https://www.google.com.br/maps/dir/>

ANEXO C – MEMORIAL JOSÉ COMBLIN

MEMORIAL
Padre
JOSÉ COMBLIN



Santuário Padre Ibiapina
Santa Fé - Solânea - Paraíba

A vida e a obra fecundas de padre JOSÉ COMBLIN são luz e esperança para o Povo de Deus. Sua herança e sua sabedoria inspiram o nosso caminhar! Por isso desejamos que seu testemunho e seus ensinamentos se tornem conhecidos por todos, especialmente pela juventude, e possam frutificar em abundância.



Padre José Comblin desejou e foi sepultado ao lado do Padre Ibiapina, o Peregrino das Cidades!

"Você não nasceu, tornou-se missão a nossos olhos, mas continua vivo na memória das missões do campo, das missões, vive na família de Diocésia Unida e de outros grupos que nascem de vocação de missão que doaram e conforto da Ilhéu e ode ajudas suas famílias da América Latina na comunidade de Vaticano 2 implementando uma Igreja que abraça a simplicidade, a beleza e a riqueza da povo neodeserto, especialmente das mais pobres."



Nessa hora de despedida, padmas a Deus que suscite novos profetas que possam como Você questionar e incomodar, fazendo a Igreja crescer como Igreja - Missionária, Igreja, Povo de Deus. Vai em paz, Padre José!"

Dom José Maria Pires

Contatos
Pe. José Flávio - padreflaviom@netnet.com.br
Mônica Maria Magalhães - monica.magalhaes@gmail.com
José Adriano - jadriano@netnet.com

Horários de visitação ao Memorial
abertos, domingos e feriados - 8.00 às 16.00
nos dias 19 de cada mês - 8.00 às 16.00
Sub pedido e agendamento durante a semana.

Impressão: Gráfica Bom Jesus 77 3481-2333

"O Evangelho foi escrito na sua coração com letras de neve e você o testemunhou de maneira bonita, simples, silenciosa, mas com os ares do profeta. Obrigado por seu testemunho de fidelidade a Jesus e a seu Evangelho. Também quero pedir que você, junto a Deus, siga por seus amigos da terra para que sejamos fiéis ao povo de Deus. E dentro a povo de Deus, de modo carinhoso, como você testemunhou, as pobres, as pequenas, as sem voz, sem vez, sem nada. Mas que são oikos e vícios de Deus. E você assimila esse compromisso evangélico de servir os predileitos de Jesus que são os pobres deste mundo. Ensina-nos padre José e ajuda-nos a fazer como você fez."

Dom Frei Luiz Filipe Caputo



O memorial reúne artesanatos, fotografias, documentos diversos, objetos de sua vida cotidiana. E também as obras de seu labor teológico: uma coleção completa de seus livros, artigos, conferências. Tudo está organizado em 5 salas.



Padre José Comblin nasceu na Bélgica em 1923. Viveu tempos difíceis de crise e de guerra, numa sociedade onde a religião era o centro da vida. Com 17 anos entrou no seminário, onde estudou por dez anos. Bebeu o espírito missionário, traço forte da espiritualidade na época. Foi ordenado PADRE e se formou doutor em **TEOLOGIA** e tornou-se **MISSIONÁRIO!**



José Comblin veio para o Brasil em 1958, com 35 anos de idade. Em 1965, convidado por Dom Helder Câmara, veio para o Nordeste.

Colaborou na formação dos padres, e na redação dos posicionamentos da Igreja diante da realidade.

Nesse tempo o Brasil vivia a ditadura e quem defendia a verdade, a justiça e a liberdade era expulso para o povo o que estava acontecendo era perseguido.

Em 1972 José Comblin foi expulso do Brasil pela ditadura militar que governava o país.



No exílio, José Comblin viveu no Chile, por 11 anos.

E teve atividades por toda a América Latina, buscando abrir os olhos dos agentes pastorais para a realidade, compreender e responder aos anseios dos povos.

No Equador ele ajudou na formação de missionários indígenas durante 20 anos. Os anos 70 e 80 foram um tempo fecundo: surgiu uma Igreja com rosto de América Latina, uma Igreja presente na vida e nas lutas do povo latino-americano: índios, brancos e negros, operários e camponeses, gente oprimida buscando vida e um destino!



Para José Comblin a Igreja é o Povo de Deus que busca a libertação, FIEL ao Evangelho de Jesus.

Se preocupou em preparar pessoas para uma Igreja de Comunidades: pastores, missionários, conselheiros, pessoas presentes na vida cotidiana, mensageiras de Jesus. Estimulou diversas iniciativas de formação de cristãos missionários.

Colaborou na elaboração de muitos documentos que davam o rumo da Igreja: Medellín, Puebla, S. Domingos, Aparecida, ouvindo os clamores do povo e sonhando um novo amanhecer para a Igreja.



Padre José Comblin contribuiu para a teologia da **LIBERTAÇÃO** e a libertação da Teologia. Jesus libertou os cativos e os

oprimidos, socorreu os doentes e os famintos.

Essa é a missão da Igreja movida pelo **ESPIRITO SANTO!**

Foi um grande escritor: escreveu 70 livros e 415 artigos traduzidos em diversos idiomas, espalhando pelo mundo todo seu jeito de ver a Igreja e a Missão.



ANEXO D – ESTATUTO DAS CASAS DE CARIDADE

ESTATUTO**PARA AS CAZAS DE CARIDADE PELO PADRE IBIAPINA
PARA CONSEGUIR-SE O FIM DA INSTITUIÇÃO****CAPITULO 1.º**

Art. 1.º — Têm dois fins as Casas de Caridade desta instituição e vêm a ser educação moral e do trabalho.

Art. 2.º — Recebem-se nessas Casas as Orphans de 5 a 9 annos sendo pobres e desvalidas.

Art. 3.º — A primeira educação das Orphans é doutrina christã, lôr, escrever, contar, costurar, bordados, &c. Finda essa educação, entrarão nos trabalhos manuaes de tecer pano, fiar no engenho, fazer sapatos e quaesquer genero de industria que a Casa tem adoptado.

Art. 4.º — Logo que as Orphans tenham completado a primeira e segunda educação, estando em idade conveniente serão casadas á custa da Caridade.

CAPITULO 2.º

Art. 5.º — Além das Orphans a Casa poderá receber algumas mulheres para o trabalho, havendo na Casa em que empregar-as.

Art. 6.º — As mulheres para o trabalho não serão logo definitivamente aceitas, mas estarão na Casa como em noviciado seis mêzes para provarem sua conducta, amor ao trabalho e verdadeira religião.

Art. 7.º — Serão também ensinadas em Doutrina e a ler nas horas vagas de trabalho.

Art. 8.º — Essas mulheres, do trabalho, depois de cinco annos de estarem na Casa neste exercicio, tendo provado boa con-

[illegible]

26. Aumentando da zero distorção tangencial a 200 por cento, o resultado líquido se apresenta assim que varia os rendos e o custo:

Atenção: a Mesa discute também outras questões, mas não as apresentamos aqui, pois elas não são essenciais para o entendimento do texto. A discussão sobre a importância da educação para a formação do cidadão é uma das principais.

REPORT OUR VISIT

A União Nacional pela Revolução em Capela e organizou a visita da comitiva, que chegou no dia 26 de setembro de 1964, e realizou o jantar de boas-vindas e o jantar de despedida. O jantar de despedida foi a ocasião de 1964 e 1965. O jantar de despedida foi a ocasião de 1964 e 1965.

Na sexta-feira houve a visita do Comodoro que se trata-
va de uma visita. Quando ao Comodoro se tratava de uma visita
em uma visita, o Comodoro se tratava de uma visita, o Comodoro
se tratava de uma visita, o Comodoro se tratava de uma visita.

RECLAMATO HA RICHIEDUTO

Desempenho financeiro de grandes firmas nos Estados Unidos em 1994. O gráfico mostra a distribuição da taxa de lucro antes de impostos e de juros. A maioria das empresas tem uma taxa de lucro antes de impostos e de juros entre 0% e 10%.

Os alunos de medicina são primeiramente instruídos, aprendendo patofisiologia e todos os aspectos correlacionados dos sistemas de saúde humana, com ênfase especial em cardiologia, neurologia, doenças de

Practico para todos. O preço da prensa é baixo a longo prazo, graças aos elevados rendimentos, além de facilitar o trabalho por ficar mais próximo do campo que uma prensa convencional por fora da plantação, sendo por isso, mais seguro caso ocorra algum acidente.

Se, pois, de cada unidade são retirados 100 para os custos da manutenção e substituição de suas peças, os

[illegible]

A largura de campo varia por volta de 20 graus. O sensor também tem alguma falha: as regiões brancas e brôn-
deas são muito pequenas.

Se non de luttiga in puet milia vintu e pòderu
 anzu azzu libru para accu in case anzu, podendu ne
 accu, accu a dundu de crastu e anzu.

O meu amigo morreu a 18 de Janeiro e tinha a 10 de Maio.

An initial 120 Curipale in educational levels, more than 60 children were identified as 2000 years.

3. *converting the data, 2 unique persons, 3 investigations.*

quais de outras, 4 de casais, e grupos de três e 1 para pais
muito jovens. 1 bebê, 4 adolescentes, 4 jovens, 1
mulher e 1 homem. 1 bebê, 4 adolescentes, 4 jovens, 1
mulher e 1 homem.

labeled as mine, I considered Portugal, I came on now, I
made it to + 1. It's all right.

Patients are subjected to the same risks as those who undergo the procedure without the use of anesthesia. A patient's

WOLFF, R. 1983. *Reproductive strategies of marine fishes*. New York: Academic Press.

[illegible]

THE

Quem tem experiência em Estudos da Saúde pública? -

ANEXO E – ENCARTES DE DEVOCÃO RELIGIOSA AO PADRE IBIAPINA

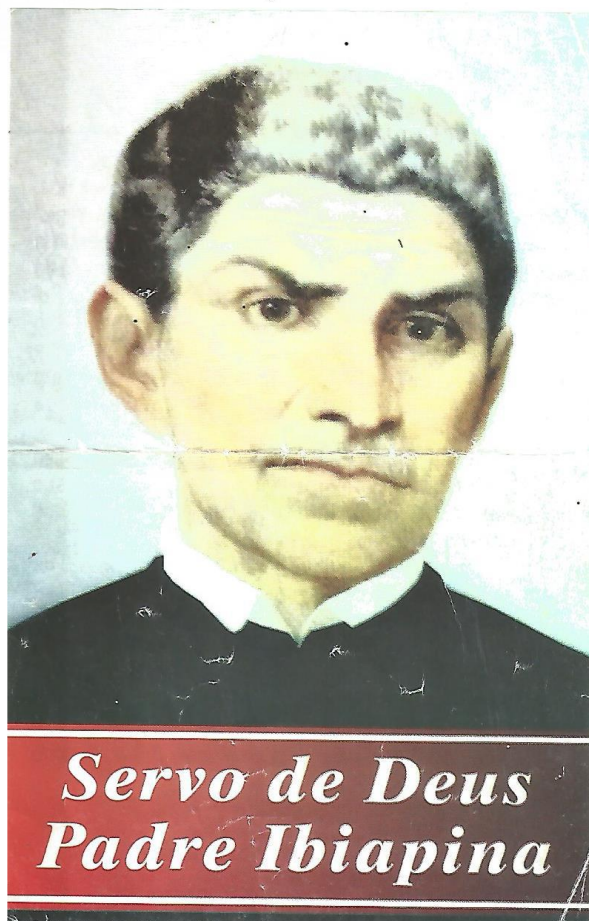
		DIOCESE DE GUARABIRA CAMPANHA DOS DEVOTOS SANTUÁRIO MEMORIAL PADRE IBIAPINA		
NOME: _____				
DATA NASCIMENTO: ____ / ____ / ____ SEXO: () MASCULINO () FEMININO				
ENDEREÇO: _____				
Nº: _____ COMPLEMENTO: _____				
BAIRRO: _____ CEP: _____ - _____				
CIDADE: _____ ESTADO: _____				
TELEFONE FIXO: () _____ - _____ CELULAR: () _____ - _____				
E-MAIL: _____				

Devolva este cadastro para o endereço:

Rua: Padre Ibiapina, nº 06, CEP: 58396-000, Arara-PB

AJUDE A CAUSA DE BEATIFICAÇÃO DO PADRE IBIAPINA

DEPOSITE QUALQUER QUANTIA:
 DIOCESE DE GUARABIRA - CAUSA PADRE IBIAPINA
 BANCO DO BRASIL AGÊNCIA: 0200-3 C/C: 38.388-0



Oração pela Beatificação do Servo de Deus Padre Ibiapina

Eterno Pai, Vós sois o Amor e a Misericórdia.
Somente Vós conheceis tudo o que se passa em nós.
Vinde, Pois, em meu socorro na necessidade que me aflige.

Neste momento, eu me dirijo a Vós, lembrando a
pessoa tão amada do Padre Ibiapina. Ele foi fiel discípulo do
Vosso Filho Jesus e cheio dos dons do Espírito Santo. Foi
devotado sacerdote, incansável missionário e sábio
conselheiro na Igreja, sobre tudo no serviço dos pobres e
necessitados do Nordeste do Brasil. Por isso, pela sua
intercessão, concedei-me, ó Pai, a graça de que
especialmente necessito e que agora Vos apresento...

É como sinal da santidade evangélica deste Vosso
Servo, concedei, ó Pai da eterna Glória, ao nosso
companheiro de fadigas, o Padre Ibiapina, a honra dos
altares em Vossa Santa Igreja.

Que a Virgem Maria, a quem ele tanto amou, na
terra, seja a nossa Advogada, no Céu!

Agradecidos, queremos nos unir ao Padre Ibiapina e com
ele sempre Vos louvar, ó Trindade Santíssima, Pai, Filho e
Espírito Santo. Amém.

***Rezar também um Pai Nosso, uma Ave Maria e
um Glória ao Pai, pela causa do Padre José Antônio
Maria Ibiapina.***



(Com aprovação Eclesiástica)

Pede-se que sejam comunicadas as graças alcançadas à "causa da
canonização do Padre Ibiapina"

Caixa Postal 17 - Guarabira - PB - CEP 58.200-000